



Relatório Integrador da Actividade Profissional
Ideias sobre o Tempo e o Espaço na arquitectura paisagista

Rita Teixeira Gomes Pacheco

Relatório Integrador da Actividade Profissional para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientador: Doutor Luís Paulo de Almeida Faria Ribeiro

Co-orientador: Mestre João António Ribeiro Ferreira Nunes

Júri:

Presidente: Doutora Maria Cristina da Fonseca Ataíde Castel-Branco, Professora Associada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais: Doutor Luís Paulo de Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa; Doutor Pedro Miguel Ramos Arsénio, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa; Mestre João António Ribeiro Ferreira Nunes, Professor Auxiliar Convidado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, na qualidade de especialista; Licenciado Miguel António Navas Cândido, Assistente do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, na qualidade de especialista.

Lisboa, 2012

Obrigada à Marta, Verónica, Xanax e Matilde !
Muito obrigada, Mãe, Pai e Miguel.

RESUMO

Este trabalho relata o percurso profissional através da apresentação e descrição do currículo desenvolvido tanto sob o nome de a17 como em que colaboração com Ateliers. Este é efectuado referindo a Formação Académica, Profissional e Complementar, expondo a prática profissional como arquitecta paisagista, designando projectos e trabalhos realizados como profissional independente.

Posteriormente serão descritos projectos desenvolvidos por conta própria, incluindo três que chegaram à fase de conclusão. Estes, representam contextos e processos distintos. Poder-se-á no entanto verificar que foram desenvolvidos maioritariamente em espaços exteriores de equipamentos educativos, com a criação de recreios escolares para as diversas faixas etárias.

Acreditando intuitivamente que são necessárias novas estratégias de criação de Espaço, será ainda desenvolvido um raciocínio relativo a como a consciência do Uso do Espaço e do Tempo pode provocar uma hipótese de visualização do processo através do qual se constrói o Espaço.

Por fim, Na esperança de contribuir com um testemunho da prática profissional no contexto académico-teórico e de alimentar o diálogo sobre este tema, será apresentado um esquema. Este representa a forma como o referido processo é por mim entendido e idealizado.

PALAVARAS CHAVE:

Processo, construção, projecto, espaço, sistema, escola.

ABSTRACT

This project will report the professional résumé through the presentation of the curriculum undertaken as part of a17 and through the collaboration with several Ateliers. These ideas will be extended through the discussion of the different practices taken in the Landscape Architecture.

Following, some projects developed as a freelancer will be the ground material for discussion, including three of which were completed. They represent distinct contexts and processes. However it will be possible confirm they were mostly developed as recreational outdoor spaces for different age groups.

Intuitively reflecting on the necessary strategies and methodologies for Space construction, it will be undertaken a study regarding in what way does the conscience of how to Use Space and Time' can evoke a visualization process regarding how to construct Space.

Hoping to contribute a testimony of professional practice in the academic-theoretical realm and promote dialogue regarding thought on perception of Space and Time in Landscape Architecture, it is presented a final scheme that represents the concepts I've been constructing and idealizing.

KEYWORDS:

Process, construction, design-planing, space, system, school.

índice

capítulo		página
1	LISTA DE FIGURAS	v
2	INTRODUÇÃO	1
3	CURRICULUM VITAE	2
3.1	FORMAÇÃO	
3.1.1	FORMAÇÃO ACADÉMICA	3
3.1.2	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	3
3.1.3	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	4
3.2	ACTIVIDADE PROFISSIONAL	
3.2.1	atelier a17	5
3.2.2	Colaboração com Ateliers	
3.2.2.1	ABAP, lda	10
3.2.2.2	PROAP, lda	12
3.2.2.3	FJC arquitectura paisagista, lda	13
4	PROJECTOS SELECIONADOS	14
4.1	Residências da EPUL do Martim Moniz	15
4.2	Espaço Público na Av. Estados Unidos da América	19
4.3	Valorização e Consolidação do Castelo de Marialva	24
4.4	Creche Jardim de Infância Nossa Sr.ª das Graças	30
4.5	Escola de Vale do Rio . Pólo de Cascais	41
4.6	Projecto para o Complexo Escolar:	
4.6.1	Escola Pedro de Santarém	48
4.6.2	Espaço envolvente ao Refeitório	54
4.7	Escola EB1/JI Alberto Valente	61
4.8	Escola EB2,3 Avelar Brotero	67
4.9	Escola EB2,3 Visconde Juromenha	73
4.10	Escola EB1/JI de Colaride	79
4.11	Modernização da Escola Pintor Almada Negreiros	86
4.12	Centro de Saúde de Carnide	94
4.13	Requalificação Parque Livada Postei	98
5	BREVE REFLEXÃO	105
6	BIBLIOGRAFIA	115

lista de figuras

n.º figura	pág.
0. Fotomontagem JI Algés	Capa
1. Percursos de atravessamento	15
2. Plano Geral . Residências da EPUL do Martim Moniz	16
3. Pátio central do condomínio	16
4. Vista do Castelo	17
5. Pormenor . Zona verde sobre cobertura	18
6. Pormenor . Caldeira, impermeabilização, drenagem	18
7. Planos das lajes	19
8. Elemento orgânico	19
9. Circulação	19
10 . Relação com a Avenida	19
11. Desenhos de estudo	19
12. Plano Geral . Espaço público na Av. Estados Unidos da América	20
13. Corte 1	20
14. Corte2	20
15. Localização das imagens	21
16. Vista 1	21
17. Vista 2	21
18. Vista 3	22
19. Vista 4	22
20. Vista 5	23
21. Vista 6	23
22. Vista 7	23
23. Vista aérea - Castelo de Marialva	24
24. Área de intervenção delimitada no espaço intra muros	24
25. Entrada no Castelo - Calçada Medieval	24
26. Olival	25
27. Área de intervenção	25
28. Largo do pelourinho	25
29. Vista do terreiro	26
30. Plano Geral . Castelo de Marialva	27
31. Esquema da intervenção no Terreiro	28
32. Esquema da intervenção na Torre de Menagem	28
33. Esquema da intervenção no Largo do Pelourinho e no Talhão da Cafetaria	28
34. Entrada na Escola	30
35. Muro (que resguarda os caixotes do lixo da cozinha da escola) e bancos	30
36. Caixa de Ventilação do estacionamento subterrâneo e zona arbustiva	30
37. Localização das Vistas	31
38. Vista 01	31
39. Vista 02	31

n.º figura	pág.
40. Vista 03	31
41. Plano geral esquemático. JI Nossa Senhora das Graças	32
42. Plano esquemático da tipologia de áreas de recreio	33
43. Corte esquemático	33
44. Arbustos e pavimento em toros de madeira	34
45. Barreira arbustiva de enquadramento 1	34
46. Barreira arbustiva de enquadramento 2	34
47. Jogos com areia e água	35
48. Montagem 1. Caldeiras desenhos no pavimento bancos	35
49. As caldeiras criam sub-espacos	35
50. Caldeiras que mimetizam vulcões coloridos - elementos de jogo	35
51. Vistas do interior das duas salas de aula do JI	36
52. Linha laranja no pavimento leva à sala de leitura ao ar livre	36
53. Sala de leitura ao ar livre	36
54. Interior da sala de leitura ao ar livre	36
55. Montagem 2. Escorrega	37
56. Montagem 3. módulos da horta	37
57. Escorrega	38
58. Elementos de jogo e recreio	38
59. Montagem 4. recreio adjacente às salas de aula	38
60. Plano geral . JI Nossa Senhora das Graças	39
61. Plano de plantação de arbustos	40
62. Plano Geral . Escola Val do Rio . pólo Cascais	42
63. Plano de equipamento e mobiliário	43
64. Plano de pavimentos e remates	44
65. Plano de plantação de arbustos	45
66. Plano de plantação de árvores	46
67. Pormenor . Muro em betão armado	47
68. Pormenor . Remate relvado-zona arbustiva	47
69. Sobreposição da área de intervenção actual com a planta da Quinta de Marrocos do Séc. XIX.	48
70. Complexo escolar - Identificação das Escolas	49
71. Áreas de intervenção	49
72. Identificação dos blocos edificados	49
73. Plano geral . Escola Pedro de Santarém	50
74. Implantação do Caneiro	50
75. Entrada principal - bloco A	51
76. Entrada lateral - bloco A	51
77. Estacionamento de bicicletas	51
78. Passagem coberta entre blocos	51

n.º figura	pág.
79. Recreio coberto 1.º ciclo	52
80. Recreio 1.º ciclo	52
81. Recreio 1.º ciclo	52
82. Recreio Jardim de Infância	52
83. Recreio Jardim de Infância	52
84. Campo de Jogos EB 2/3	53
85. Campos de Basquetebol EB 2/3	53
86. Limite Sul do recreio da EB 2/3	53
87. Micro modelações de estadia, a Sul do recreio da EB 2/3	53
88. Plano geral .Envolvente do Refeitório e Campos de jogo das escolas vizinhas	54/55
89. Entrada da Alameda de Tipuanas a Nascente.	56
90. Banco em betão pré-fabricado na Alameda	56
91. Escadas de relação entre a Alameda e o Campo de Basquete	56
92. Tipuana e estadia adajacente na Alameda	56
93. Alameda no encontro com o Refeitório e ponte de ligação ao bloco E	56
94. Elemento de ligação entre o Boloco F e o Bloco E	56
95. Equipamentos de Manutenção implantados na zona verde	56
96. Tipuanas na Alameda	56
97. Refeitório - bloco F	57
98. Estadia em frente às bocas de entrada no Refeitório e escadas em 2.º plano	57
99. Escadas em frente às entradas do Refeitório- ligação à E. J. Gomes Ferreira	57
100. Escadas E1, embutidas nos muros de contenção	57
101. Área das traseiras do Refeitório	58
102. Equipamentos de Manutenção implantados na zona verde	58
103. Área técnica de cargas e descargas à cozinha do Refeitório	58
104. Futura praça adjacente à entrada do Ginásio da Escola José Gomes Ferreira	59
105. Sistema de muros de contenção e árvores adjacentes Primavera.Verão	59
106. Sistema de muros de contenção e árvores adjacentes Inverno	60
107. Vista das escadas E2	60
108. Plataforma onde se implanta o Refeitório, na base da encosta	60
109. Plano Geral . Escola Alberto Valente	62
110. Montagem dos módulos da Horta e aerogerador	63
111. Plano de pavimentos e remates	64
112. Plano de mobiliário e equipamento	65
113. Plano de plantação	66
114. Levantamento topográfico	67
115. Quadricula de plantação	68
116. Plano geral . Escola Avelar Brotero	69
117. Plano de plantação de árvores e trepadeiras	70
118. Plano de plantação de arbustos	71

n.º figura	pág.
119. Esquema de localização dos elementos de contenção	72
120. Planta das escadas e dos muros adjacentes/ alçados dos muros	72
121. Esquema das áreas de intervenção	73
122. Muro de contenção existente	73
123. Planta de enquadramento	74
124. Plano Geral . Escola Visconde de Juromenha	75
125. Localização dos Telheiros	76
126. Estrutura do telheiro RC2 . planta de cobertura	76
127. Estrutura do telheiro RC2 . Alçado	76
128. Ampliação da área da horta	77
129. Plano de pavimentos e remates	77
130. Pormenor . degraus rampeados	78
131. Pormenor . remate entre lajetas de betão e zona verde	78
132. Pormenor . escadas em betão	78
133. Fotografia aérea	79
134. Vista da Serra de Sintra	79
135. Áreas de intervenção	79
136. Tipologia de áreas	79
137. Planta de enquadramento	80
138. Esquema de circulações e acessos	81
139. Levantamento topográfico	81
140. Corte longitudinal de aterro e escavação	82
141. Planta com indicação dos elementos em betão armado	82
142. Plano geral .Escola de Colaride JI/ EB1+EB2/3 áreas de recreio e desportivas	83
143. Plano de implantação altimétrica	84
144. Plano de plantação de arbustos	85
145. Vista aérea	86
146. Plano hipsométrico esquemático	87
147. Corte esquemático com indicação das cotas das plataformas	87
148. Plano geral . Escola Pintor Almada Negreiros	88
149. Alçado Poente	88
150. Plano esquemático de águas	90
151. Alçado das escadas e bancadas	91
152. Isometria das bancadas	91
153. Alçado Poente dos balneários	91
154. Pormenor . zona verde I muro I pavimento	92
155. Pormenor . caldeira sobre laje	92
156. Pormenor . caldeira em terreno natural I murete banco I zona verde	93
157. Localização da área de intervenção	94
158. Alinhamento existente de Tipuanas	94

n.º figura	pág.
159. Plano geral . Centro de Saúde de Carnide	96
160. Localização dos cortes e Cortes 1, 2 e 3	97
161. Mapa esquemático do relevo da Roménia	98
162. Centro histórico de Brasov e localização da área de intervenção	98
163. Mancha verde da encosta em que a área de intervenção se insere	98
164. Esquema de análise das relações	99
165. Fotografia da zona medieval	99
166. Esquema conceptual	99
167. Plano geral + Corte-Alçado . Requalificação do Parque Livada Postei	100
168. Fotomontagem 01 . Clareira	101
169. Sofá - Trenó	101
170. Fotomontagem 02 . Entrada Principal no Parque - Cafetaria	101
171. Fotomontagem 03 . Casa de chá - Mirante - Torre Scheaffler	102
172. Esquema das cores das plantações . Primavera-Verão	102
173. Esquema das cores das plantações . Outono	102
174. Esquema das cores das plantações . Inverno	102
175. Fotomontagem 04 . Galeria de Arte / Actividades de ocupação infantis	102
176. Fotomontagem 05 . Espelho de água e área adjacente	103
177. Fotomontagem 06 . Área com equipamento infantil	103
178a./b. Fases do processo I	108
179. Fases do processo II Espaço/ Tempo no centro, que implicações?	108
179. Realidade contínua Tempo/ Espaço no centro, que implicações?	108
180. Fases do processo III	109
181. Fases do processo IVa	109
182. Esquema dos actos do processo de concepção, construção e monitorização do espaço + fase de diálogo e questionamento.	110
183. Fases do processo IVb	111
184. Uso / Tempo - Mutabilidade no Espaço	111
185. O Espaço material é o cenário ou palco da Vida e do Tempo.	112

2 INTRODUÇÃO

A execução deste relatório revela-se uma ocasião para reflectir sobre os obstáculos e as necessidades com que me tenho deparado na actividade enquanto arquitecta paisagista.

À primeira vista, pode dizer-se que nos primeiros meses de prática profissional, o confronto com a falta de conhecimentos que sejam objectivamente úteis nas tarefas necessárias a exercer no desenvolvimento da actividade, foi um misto de susto, curiosidade e desafio.

A aprendizagem real começava naquele momento.

“- Então e afinal o que é que temos mesmo que fazer? ok! “

Foi entusiasmante começar finalmente a trabalhar.

A sensação de falta de conhecimentos foi-se dissipando à medida que as bases e capacidades desenvolvidas na Universidade se revelam serem principalmente ferramentas, às quais ainda hoje recorro.

A maior dificuldade com que me tenho deparado, na prática profissional, tem sido a falta de consciência e disponibilidade que existe, em geral, para construir espaços interessantes e com utilidade/pertinência (económica e/ou socio-cultural).

É uma situação que presente em todos os intervenientes e etapas nas situações que tive oportunidade de experienciar. Poderia acrescentar que falta o hábito de desenvolver os trabalhos em contextos de diálogo e de pluridisciplinaridade e que persiste a solicitação de os desenvolver “de um dia para o outro”.

E ainda que as várias especialidades têm uma visão tendencialmente sectorial, das suas áreas de acção, falhando experienciar a Equipa como uma simbiose na reunião e partilha das várias disciplinas.

Esta é parte da minha experiência.

3 CURRICULUM VITAE

Rita Teixeira Gomes Pacheco 27 Novembro 1974
Lic. AP 2003 / sócia APAP nº 619

Licenciou-se, no Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa onde frequentou, entre os anos de 1995 e 2003, o curso de arquitectura paisagista. Em 2001 fez Erasmus na ET-SAB (Escola Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona) da Universitat Politècnica de Catalunya, em Barcelona.

Estagiou no atelier FIC arquitectura paisagista, Lda, entre Abril e Junho de 2000, enquanto frequentava o 4.º ano da Faculdade. Colaborou com a PROAP - Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista, Lda, entre Julho 2000 e Outubro 2004, pontualmente e paralelamente desenvolveu projectos sob o nome de **a17**. Entre 2005 e 2006 dedica-se exclusivamente ao a17, onde desenvolveu alguns projectos, com a colaboração preciosa de colegas e amigos. No final de 2006 iniciou nova colaboração, com a ABAP, Alçada Baptista Arquitectura Paisagista, Lda até início de 2009, mantendo em simultâneo o atelier a17.

Desde Fevereiro de 2009 a actividade profissional é desenvolvida em exclusividade no atelier **a17**,

Ao longo dos últimos 12 anos desenvolveu paralelamente trabalho como criativa gráfica, compondo painéis e fotomontagens para concursos ou apresentações, como trabalhadora independente ou colaborando com outros ateliers.

O trabalho gráfico desenvolvido parte da fotografia e do desenho, criando “colagens digitais”.

fotoblog. <http://fotomontagens.tumblr.com/>

3.1 FORMAÇÃO

3.1.1 FORMAÇÃO ACADÉMICA

Licenciei-me em arquitectura paisagista no Instituto Superior de Agronomia em 2003, com nota com 18 valores no trabalho final e com média de curso de 14 valores.

Licenciatura em Arquitectura Paisagista 2003
UTL, Instituto Superior de Agronomia
média final de curso de 14 valores

PROGRAMA SÓCRATES-ERASMUS 2001
Universitat Politècnica de Catalunya
Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona
(Fevereiro – Junho)

1.º ano de Engenharia Agrícola 1993/1994
UA - Departamento de Ciências Agrárias - Terra Chã
Angra do Heroísmo, Ilha Terceira.

3.1.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Curso de Formação de Formadores (Nov./Dez.) 2011
O curso de Formação de Formadores visa proporcionar aos formandos a aquisição e o desenvolvimento de competências no domínio pedagógico, essenciais para o exercício da função de formador.(90h) NHK, Formação e Novas Tecnologias. Obtenção de CCP n.º F584664/2012.

Curso Jardins de Cobertura e Jardins Verticais 2011
(12 e 13 Outubro)
Formadores: Arq.ºLuís Paulo Ribeiro, Arq.ªCatarina Viana e Eng.ºDiogo Ricou.
Jornal Arquitecturas / Monteiro e Ricou (16h)
Técnicas e métodos de projectar, instalar
e acompanhar a execução e manutenção destes espaços.

Espaços de Jogo e Recreio Avaliação de Risco no Projecto e Manutenção (8 e 9Setembro) 2011
Formadora: Helena Cardoso Menezes.
Jornal Arquitecturas / APAP (16h)
Objectivos: Criar uma plataforma de debate para profissionais de parques infantis para uma melhor compreensão e interpretação das normas de segurança, a nível Nacional e Europeu, através da análise e discussão de casos práticos.

3.1.3 FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

1.º Ano de Escultura AR.CO-CENTRO DE ARTE & COMUNICAÇÃO VISUAL, Coordenação pelo professor Escultor Rui Chafes.	2008/2009
Curso de modelação em barro Universidade Autónoma, Instituto de Artes e Ofícios. Professor Mestre Joaquim Correia.	2007/2008
Lisboa-Évora: da área metropolitana à Paisagem Rural (28Julho-9Agosto) Workshop e Seminário Internacional sobre Planeamento. ACMA-Centro Italiano de Arquitectura - Participação nas conferências e actividades. Apresentação de um projecto de grupo desenvolvido para o Lumiar, Lisboa.	2001
II Bienal Europeia de Paisatge – ‘Jardines Insurgentes’ COAC e Faculdade de Arquitectura de Barcelona, (Assistência ao simpósio e participação na exposição de trabalhos de estudantes, paralela à Bienal com 2 trabalhos de grupo de disciplinas de projecto: “A Linha” Projecto 5 co-autoria com: Ana Marques, Luís Gottschalk Silva e Verónica Almeida; “M&M” Recuperação da Paisagem coautoria com: Marta Jorge e Sílvia Basílio Rosário.	2001
Seminário Internacional de Design Urbano Centro Português de Design, assistência ao simpósio.	2000
Curso de INICIAÇÃO AO DESENHO Sociedade Nacional de Belas-Artes (aulas com modelo). 1ºano e 2º ano	1998/2000
I Bienal Europeia de Paisatge – ‘Refer Paisatges’ COAC e Faculdade de Arquitectura de Barcelona, assistência ao simpósio.	1999
I Minicurso de Jardinagem Promovido pela Associação de Estudantes de Agricultura, I.S.A.	1998
Curso de Iniciação à Fotografia Promovido pela A.E.I.S.A., no Instituto Superior de Agronomia.	1997
4 Aulas de desenho com a Pintora Conceição Veloso Salgado	1990/1991

3.2 ACTIVIDADE PROFISSIONAL

3.2.2 atelier a17
Rita Pacheco . fundadora 2012-2002
<http://www.a17.pt> .
<http://a17-atelier.tumblr.com/>

Criou o atelier a17 em 2002 em parceria com a Arq.Joana Figueiredo,
com quem partilhou a actividade como profissional independente até prin-
cípios de 2005. E com o Arq.Frederico Soares de Março de 2009 até Julho
de 2011.

Os projectos que o a17 desenvolveu até hoje, só foram possíveis devido
à participação e dedicação dos seguintes colaboradores e amigos:

2010- Mafalda Jácome;
2009/10 | 2012- Catarina Bettencourt;
2009/10- Raquel Estrócio;
2008/09- Maria Ana Castro Caldas, Maria Teles, Sebastião Carmo Pereira;
2006- Alexandra Varela e Cristina Leal;
2005/10- Verónica Almeida;
2005- Pablo Peón;
2004/08- Frederico Soares.

. **Edifício multiserviços** no Morro Bento, Luanda, Angola.
Estudo prévio . Jardim sobre cobertura piso 1 . 3.600 m²
Pátios piso 0 . 1.500 m² . colaboração Catarina Bettencourt.
Arquitectura JFAA, Ida;

. **Requalificação do Pátio do condomínio Impala**, Luanda, Angola.
Estudo prévio . Jardim privado sobre cobertura . 2.000 m²
Arquitectura JFAA, Ida;

2011

. **Requalificação do “Parque Livada Postei”**, Brasov, Roménia.
Estudo prévio . Parque urbano . uso público com 2,7 ha .
Coordenação Stefan Zaharia . co-autoria: Frederico Soares, Rita Pacheco
e Stefan Zaharia . colaboração de Liliana Pimentel e Cornelia Zaharia e
António de Magalhães Carvalho;

. **Escola EB1 de Búdens**, Vila do Bispo.
Concurso de Concepção . Escola EB1+ JI . com 11.150 m²
JFAA, Ida.: Arq. João Paulo Farinha e João Raul Farinha. Concurso;

2010

. **Escola JI, EB123 Pintor Almada Negreiros**, Lumiar em Lisboa.
Projecto de execução . Educação . com 11.470 m² .
sobre laje 100 m² . Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco.
Com Arq.º Luís Pacheco e GIMA,Lda ;

. **Unidade de Cuidados Paliativos do Hospital Universitário de Coimbra**,
Estudo prévio . Equipamento - Saúde . com - m². sobre laje - m²
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco
Com a Aripa - Ilídio Pelicano Arquitectos SA;

. **Centro de Saúde de Carnide**, Lisboa.
Projecto de Execução . Saúde . espaço público .com m².
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco
colaboração Catarina Bettencourt e Verónica Almeida.
Com a Aripa - Ilídio Pelicano Arquitectos SA;

. **Escola EB1 de Benavente**, em Benavente.
Projecto de execução . Escola EB1 .
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco, com a GIMA. Concurso

. **Escola EB1 de Samora Correia**, Benavente.
Projecto de execução . Escola EB1 .
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco, com a GIMA. Concurso

. **Escola Profissional Val do Rio – Pólo de Oeiras**.
Estudo prévio . Educação . EB2/3 . com 16.100 m² . 1.200 m² sobre laje
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco.
Com Arq.º Luís Pacheco e GIMA,Lda ;

2009

. **Escola JI/EB1 Colaride**, Sintra.
Projecto de Execução . Educação . com 2.68 ha
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco
colaboração Verónica Almeida, Catarina Bettencourt, Mafalda Jácome.
Com Arq.º Luis Pacheco e GIMA

. **Escola EB2,3 Visconde Juromenha**, Mem Martins, Sintra.
Projecto de Execução . Educação . com 13.895 m².
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco
colaboração Catarina Bettencourt, Mafalda Jácome, Verónica Almeida.
Com Arq.º Luis Pacheco e GIMA

. **Loteamento dos Milagres - Arrifes** - Ponta Delgada,
Projecto de Execução . espaço público . com m².
Co-autoria Catarina Bettencourt , Frederico Soares e Rita Pacheco
Com JMMB, Arquitectos. Arq.º Manuela Braga e e Arq. João Macedo

. **Escola EB2,3 Avelar Brotero**, Odivelas.
Projecto de Execução . Educação . com 9834 m².
Co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco
Com Arq.º Luis Pacheco e GIMA - Projecto de execução;

2008

. **Modernização da Escola EB/JI Pedro de Santarém e Refeitório para o Complexo Escolar da Quinta De Marrocos e campos de jogo da Escola Gomes Ferreira**, Lisboa.

Projecto de Execução . Educação . com 2,4ha
coordenação: Rita Pacheco; co-autoria: Frederico Soares, Maria Ana Castro Caldas e Rita Pacheco . colaboração Catarina Bettencourt, Maria Teles e Verónica Almeida . Com Arq.º Luis Pacheco e GIMA

. **Escola EB1 Alberto Valente**.

Construído . Projecto de Execução . Educação . com 5050 m².
autoria Rita Pacheco . colaboração Frederico Soares
Com Arq.º Luis Pacheco e GIMA

. **Escola profissional Val do Rio-Pólo Cascais**.

Projecto de Execução . Educação . com 6280 m².
autoria Rita Pacheco . colaboração Frederico Soares, Maria Teles, Sebastião Carmo Pereira e Verónica Almeida.
Com Arq.º Luis Pacheco e GIMA

2006

. **Hospital Privado da Boa Nova** em Matosinhos

Projecto de Execução . Saúde . com m².
autoria Rita Pacheco . colaboração Frederico Soares
Com Arq.º Luis Machado, Arq.º Luis Pacheco e Arq.º Gabriel Gabriel

. **Escola Portuguesa de Dili** – Timor,

Projecto de Execução . Educação . com m².
autoria Rita Pacheco . Com Arq.º Luis Pacheco

2005

. **Jardim Sá da Bandeira**, em Santarém, Portugal.

Concurso de ideias - ***3ºlugar***;- . Jardim Público . com m².
co-autoria FIC arquitectura paisagista e Rita Pacheco.
colaboração Pablo Peón . Com PMC arquitectos

. **Consolidação e Valorização do Castelo de Marialva**, Portugal.

Projecto de Execução . Património . com 5000 m².
autoria Rita Pacheco . colaboração de Pablo Péon e Verónica Almeida
Com Arq.ª Carmo Martins e a Companhia de Arquitectura e Design,lda.

. **Concurso de ideias para o Mercado de Cascais e Zona Envolvente**,

Concurso de ideias . Jardim Público . com m².
co-autoria Frederico Soares e Rita Pacheco.
Com Arq.ª Carmo Martins e a Companhia de Arquitectura e Design,lda.

2004

. **Creche Jardim de Infância Nossa Sr. das Graças**. Algés, Oeiras.

Construído . Educação . com 1400 m² . 740 m² sobre laje
autoria Rita Pacheco . colaboração: Pablo Péon e Verónica Almeida.
Com Arq.º Luis Machado, Arq.º Luis Pacheco e Arq.º Gabriel Gabriel

. **Condomínio nas Sesmarias**

Projecto de Licenciamento . Privado . com m².
co-autoria Joana Figueiredo e Rita Pacheco. .
Com Companhia de Arquitectura e Design,lda.

. **Centro de Saúde de Vila do Rei**

Construído . Projecto de Execução . Saúde . com m².
co-autoria Joana Figueiredo e Rita Pacheco.
Com Arq.º Luis Pacheco e Tensor

. **Empreendimento EPUL Jovem do Martim-Moniz** em Lisboa

Projecto de Execução . Espaço Público . com 1530 m².
co-autoria Joana Figueiredo e Rita Pacheco.
Com Augusto Vasco Costa arquitectos + Intergaup.

2003

. **Espaço Público sobre cobertura na Av. Estados Unidos da América**

Construído . Espaço Público . com 1312 m² . sobre laje
co-autoria Joana Figueiredo e Rita Pacheco.
Com Intergaup - Arq.º João Paulo Farinha

3.2.2 COLABORAÇÃO COM ATELIERS

3.2.2.1 ABAP

Alçada Baptista Arquitectura Paisagista, Lda.

Arq. Luís Alçada Baptista

<http://abap.com.pt/>

A colaboração com o atelier Abap foi uma extensão do trabalho que já era desenvolvido por conta própria. A equipa era pequena e havia um bom entendimento sobre quais eram os objectivos comuns.

O papel que me foi solicitado durante dois anos e meio - Setembro de 2006 a Janeiro de 2009, na colaboração com o atelier foi o de arquitecta paisagista sénior que, estabelecia a relação entre o Arq. Luís Alçada Baptista com a equipa e, coordenava e desenvolvia projectos nas fases de execução, licenciamento e estudo prévio para além da participação em concursos de ideias. Como responsável sénior tive a oportunidade de desenvolver propostas de estratégias de planeamento para o atelier e de garantir a logística necessária para o bom funcionamento do mesmo, o que me permitiu aprofundar o meu conhecimento sobre as dinâmicas e processos que caracterizam a estrutura de actividade de um atelier.

No caso específico do Jardim Público de Évora acompanhei o projecto desde a fase de concurso, até à entrega do projecto de execução em Janeiro de 2009. Projecto que foi adjudicado após termos ficado classificados em **1.º lugar**. no concurso entregue em meados de 2007.

Em colaboração com a Abap, sob a orientação do Arq.º Luís Alçada Baptista, colaborei no desenvolvimento dos seguintes projectos:

2009

•Fecho do projecto de Execução para o Jardim Público de Évora, com a entrega de todo o processo à Câmara Municipal de Évora. (2007/2009)

2008

•Desenvolvimento do projecto de execução do Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal, com Arqto Francisco Aires Mateus. <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1319491>

•Concurso Público para a elaboração do projecto do Centro Escolar de Gafanha da Boa Hora, em Vagos, com António Portugal e Manuel Maria Reis, Arquitectos Associados, Lda. - **1.º lugar**.

http://www.oasrn.org/concursos.php?pag=detalhe_result&id=6

•Colaboração no desenvolvimento do projecto de execução da Remodelação e Requalificação dos Espaços exteriores do Liceu António Arroio em Lisboa, com o Arqto Francisco Aires Mateus.

•Colaboração no desenvolvimento do projecto de execução para a Requalificação dos Espaços Exteriores do Liceu Gil Vicente em Lisboa, com o Arqto Cândido Chuva Gomes.

2007

•Desenvolvimento e coordenação das fases de projecto: Concurso (**1.º lugar**) , Licenciamento e Execução para o Jardim Público de Évora, com Arqto Francisco Aires Mateus. (2007/2009)

•Colaboração no desenvolvimento do estudo prévio para o Parque Urbano da Quinta de Santo António em Torres Vedras, com Arqto Cândido Chuva Gomes.

•Colaboração no desenvolvimento do projecto de execução dos Espaços Exteriores do Edifício Sede da MSF, com GJP, Arqtos Gonçalo Rangel de Lima, Jorge Matos Alves e Pedro Neto Ferreira.

•Desenvolvimento do projecto de execução do Edifício BES Tagus 2, no Tagus Park em Oeiras, com GJP, Arqtos Gonçalo Rangel de Lima, Jorge Matos Alves e Pedro Neto Ferreira. http://www.gjp.pt/?lop=projectos&list_mode=6&id=a8baa56554f96369ab93e4f3bb068c22

2006

•Colaboração no desenvolvimento do concurso para o Plano de Desenvolvimento Urbano para a Colina do Campo de Futebol em Ponte da Barca. Com os Arqtos António Cassiano Neves e Maria Ana Castro Caldas. (não classificado)

•Desenvolvimento do projecto de execução de um Jardim de Habitação Unifamiliar em Sesimbra, com Arqto Francisco Aires Mateus. (projecto construído)

•Desenvolvimento do estudo prévio para os Espaços Exteriores de Empreendimento Turístico em Porto Covo, Sines, com Arqto Francisco Aires Mateus.

3.2.2.2 PROAP

ESTUDOS E PROJECTOS DE ARQUITECTURA PAISAGISTA

Arq. João Ferreira Nunes e Arq. Carlos Ribas

<http://www.proap.pt/site/index.html>

Entre Junho de 2000 e Outubro de 2004 colaborei com a PROAP, com excepção do período em participei no programa de intercâmbio europeu ERASMUS.

A colaboração com a PROAP foi uma experiência intensa. Tive oportunidade de aprender a lidar com a pressão de uma forma determinante.

Confrontei-me com a importância que o espírito de partilha e tolerância entre colegas, têm para que uma equipa consiga funcionar sob pressão.

A equipa era extremamente unida e as relações humanas eram muito enriquecedoras, com dias longos e intensos de trabalho.

A colaboração centrou-se nas fases iniciais de projecto, na construção de ideias em equipa, criação de conceitos e no desenvolvimento das respectivas peças desenhadas e escritas. Especificamente, definição e composição de painéis a entregar de forma a que as ideias fossem transmitidas, definição de esquemas e imagens que fossem sugestivas das ideias em causa e também na criação de fotomontagens. Desenvolvi alguns projectos em fase de estudo prévio e participei pontualmente no desenvolvimento de peças desenhadas e escritas para projectos em fase de execução.

Neste período desenvolvi capacidades criativas, de análise, para expor/organizar e materializar as ideias e conceitos em projecto e imagens. competências: de comunicação, argumentação, trabalho em equipa, técnicas gráficas de representação. No período em que colaborei com a PROAP, participei em vários concursos que foram premiados e em que fazia parte da equipa base de trabalho.

2004

•Concurso de requalificação ambiental e funcional da interface Porto/Cidade em Carrara, Itália; Janeiro 2004.

•Desenvolvimento do Concurso Parque Dora Spina 3, Comune di Torino, Itália.

•Participação no desenvolvimento do Parque Agrícola de Ferrara, Comune di Ferrara, Itália.

•Participação no desenvolvimento do projecto para a casa de Sol Lewitt em Praiano, Itália.

•Colaboração no desenho e no desenvolvimento de imagens do projec-

to de João Ferreira Nunes para o Ortus Artis 2004 em Pádua, Itália.

•Participação no desenvolvimento do projecto para o Jardim Comemorativo dos 460 anos de amizade Portugal – Japão, Lisboa, Portugal.

2003

• Participação no desenvolvimento do Concurso Parque Marginal de Trieste, Itália. Colaboração entre PROAP e Maura Manzelle e Manuel Aires Mateus.

• Desenvolvimento do Concurso Parque do Alamillo, Sevilha, Espanha. Colaboração entre PROAP, Jordi Bellmunte e Xavier Andreu AA.-1.º lugar

2002

•Participação no desenvolvimento do “Concurso Norfin S.A. e Office Park Expo”, no Parque das Nações em Lisboa. Colaboração entre PROAP e Frederico Valsassina Architectos - 1.º lugar

•Desenvolvimento do Concurso Internacional Parco Forlanini, Milão Itália.

Colaboração entre PROAP, GB architectos P31 e Studoi Silva.
- 1.º lugar

2001

•Estudo prévio para Polis Vila do Conde.

•Estudo Prévio da Escola EB/JI 1-4 Alto Do Lumiar

2000

•Participação no desenvolvimento do Concurso Parque da Ageira em Viseu. 2.º lugar

•Estudo Prévio do Núcleo da Praia. Península de Troia.

3.2.2.3 FIC - ARQUITECTURA PAISAGISTA, Ida

Arq. Filipa Cardoso Menezes e Arq. Catarina Assis Pacheco

<http://www.fc-ap.com/>

A primeira experiência profissional que tive, no âmbito da arquitectura paisagista, aconteceu de Março a Maio de 2000, durante o 4.º ano do curso, sob a forma de um estágio de 3 meses com o atelier FIC.

Durante este período desenvolvi tarefas básicas de iniciação à actividade de uma arquitecta paisagista como: corte e dobragem, aprendizagem e desenvolvimento de conceitos básicos de organização de processos e de ficheiros em autocad. Participei no desenvolvimento conceptual de alguns projectos na fase de estudo prévio.

4.1 RESIDÊNCIAS DA EPUL DO MARTIM MONIZ

data	2003/2004
cliente	EPUL
localização	Lisboa, Portugal
área	1.530,00 m²
autoria	Joana Figueiredo e Rita Pacheco
fase de projecto	Estudo Prévio Licenciamento Execução
arquitectura	Augusto Vasco Costa arquitectos + Intergaup, lda

Os pátios, acessos e travessias com áreas de estadia enquadradas por plantações com espécies adaptadas às condições de escassez de solo, de luminosidade indirecta e a situações sobre laje de cobertura.

O lote de intervenção situa-se na Praça do Martim Moniz, na encosta exposta a nascente, desfrutando de vistas sobre o Castelo de S. Jorge e a praça. Para poente, o lote confronta-se com a Rua do Arco da Graça, que se desenvolve cerca de 4 metros acima do nível da praça.

Estabelecem-se ligações pedonais, com escadarias entre a cota alta e a cota mais baixa, reforçando-se o carácter de espaço de encontro que a praça tem. Estes percursos pedonais atravessam o próprio empreendimento, tornando-o permeável e deixando-se visitar.

1. Percursos de atravessamento



Define-se um eixo a meia encosta, que liga os vários blocos de edifícios, deixando antever, para quem passa, pequenos pátios privados.

O percurso que estabelece a ligação à Calçada Nova do Colégio, assume-se com maior importância, porque nele se enquadram vestígios da Muralha Fernandina. Este elemento deverá ser valorizado, podendo-se tirar partido da sua localização para criar um ponto de paragem a meia encosta criando uma plataforma mirante sobre a Praça do Martim Moniz e a encosta do Castelo. Está prevista a implantação de uma esplanada neste espaço privilegiado.

4 PROJECTOS SELECIONADOS

Propõe-se a marcação simples desta área de estadia pela diferenciação do pavimento, que será em deck de madeira tratada e estará marcado pela plantação de uma árvore de grande porte, do tipo *Jacaranda mimosifolia*.

2. Plano geral - Residências da EPUL do Martim Moniz



O patamar intermédio das escadas, será marcado pela utilização de um pavimento diferenciado, em lajes de pedra de lioz, pavimento este que será também utilizado no interior dos pátios e que se estende para os eixos de atravessamento, marcando-se deste modo, claramente, esta ligação visual com os pátios/zonas de estadia e o eixo que se desenvolve a meia encosta.

Existem três pátios, que serão utilizados pelos condóminos dos edifícios adjacentes: O pátio central, reforça a ideia do eixo a meia encosta, sendo este enfatizado pela simetria do seu desenho e pela plantação de dois alinhamentos de árvores. Pela diferença de cotas entre um lado e outro do pátio, criou-se uma modelação do terreno que permite ganhar altura de terra para a plantação de árvores.

3. Pátio central do condomínio



O pátio a sul é aquele que se encontra implantado numa cota mais baixa. Este pátio integra uma entrada de luz para o estacionamento. Possui também um pequeno jardim situado num patamar mais elevado, ao nível do piso 2, que será de uso privado, mas que se torna importante em termos visuais para o enquadramento do próprio pátio. O pátio é composto por um relvado amplo pontuado por uma árvore com interesse ornamental, que marca o eixo, e por um banco corrido de pedra. Propuseram-se a plantação de duas cortinas de bambus que permitem garantir uma certa privacidade aos apartamentos localizados ao nível do pátio.

O pátio localizado na parte norte da urbanização é o mais pequeno dos três. Este pátio integra também uma clarabóia, ponto de entrada de luz para as lojas. Propõe-se aqui a marcação do final do eixo com uma árvore do tipo *Prunus serrulata kanzan*, que se integrará num relvado modelado. Será dado um tratamento especial ao muro limite do pátio, uma vez que este define o limite da urbanização, funcionando também como plano visual para quem atravessa o empreendimento. Propõe-se o seu revestimento com trepadeiras e com iluminação.

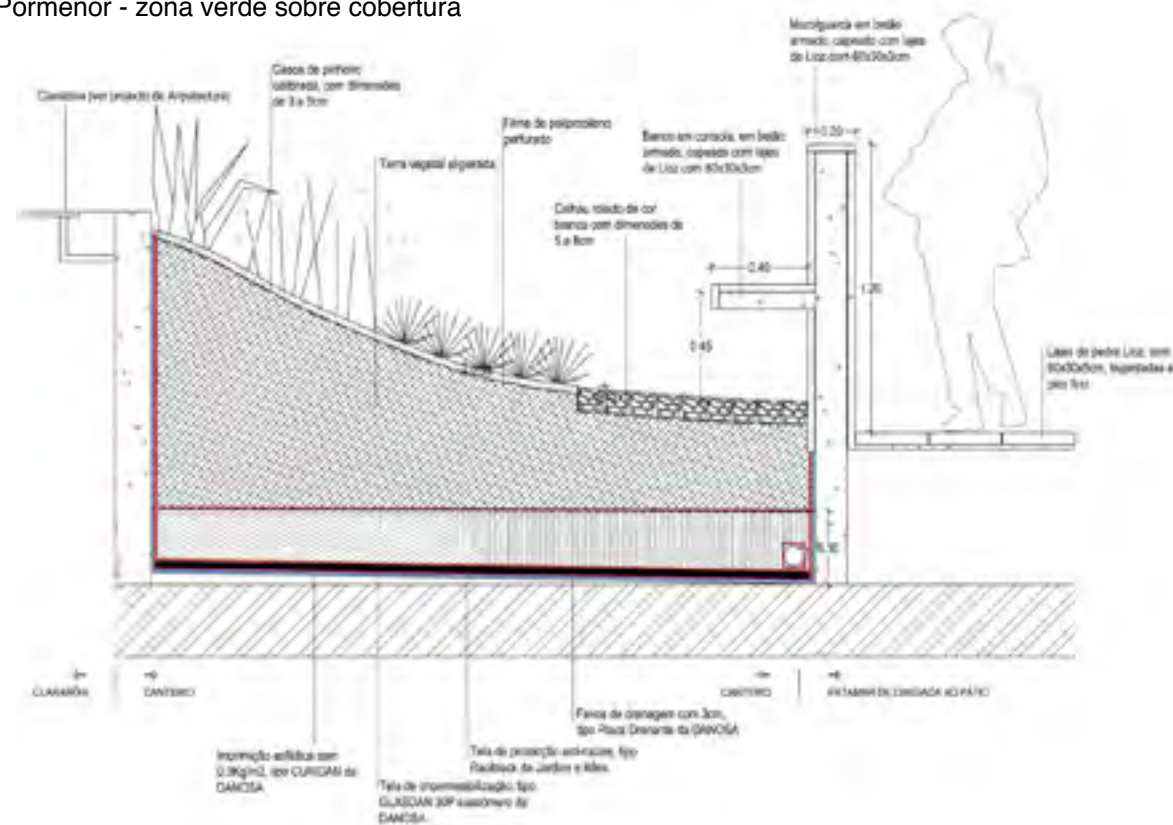


4. Montagem da vista do castelo
(<http://lx-projectos.blogspot.pt/2006/09/martim-moniz.html>)

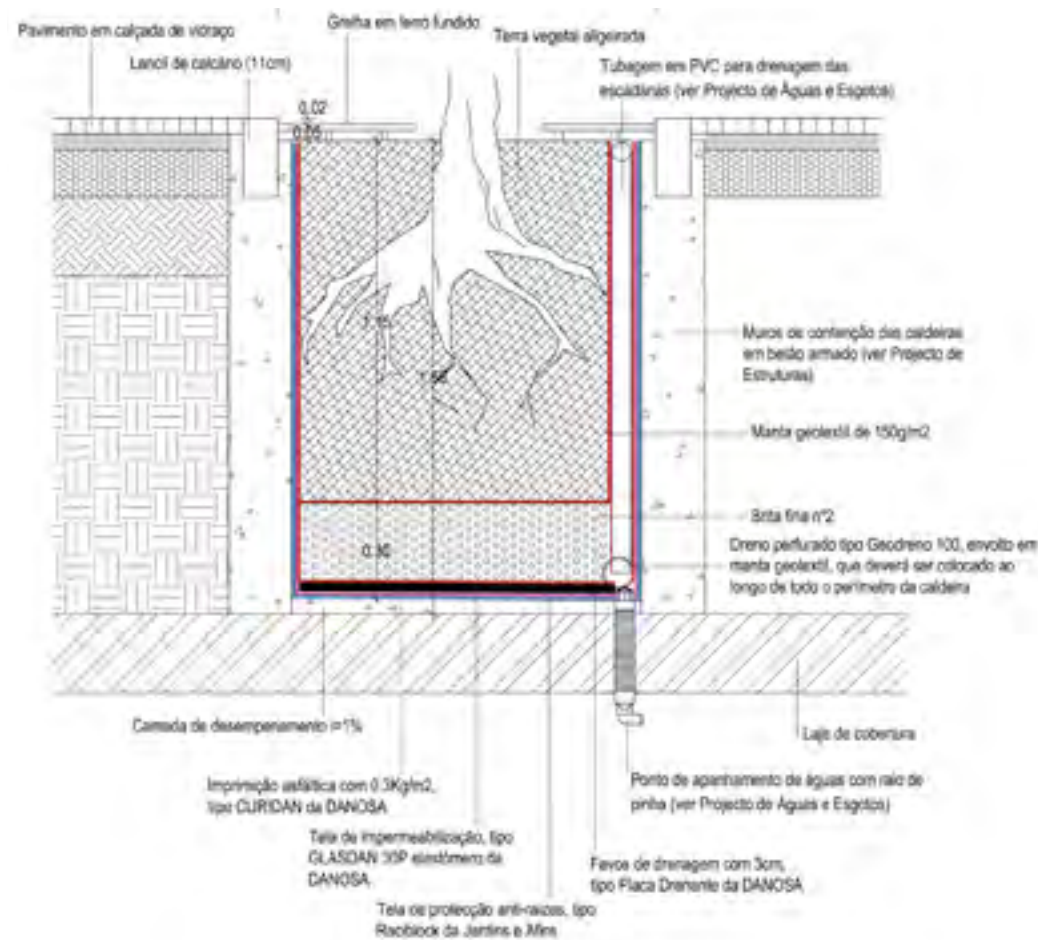
Prevê-se a iluminação dos espaços públicos criados: os eixos serão iluminados através da colocação de luminárias nas fachadas dos edifícios; enquanto nos pátios será uma iluminação mais cuidada, valorizando-se os elementos arbóreos ou os elementos construídos (muros, bancos, etc.) que compõem o projecto.

Está prevista a impermeabilização deste espaço sobre laje, utilizando-se tela reforçada com aditivo anti-raízes. O enchimento será com um composto aligeirado e de constituição equilibrada e deverá proceder-se a uma modelação pontual do terreno de forma a permitir o bom desenvolvimento de elementos a plantar com dimensões superiores.

5. Pormenor - zona verde sobre cobertura



6. Pormenor - Caldeira, sistemas de impermeabilização e de drenagem



4.2 ESPAÇO PÚBLICO AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

data	2003/2005
cliente	BCP. Banco Comercial Português
localização	Lisboa, Portugal
área	1.312,00 m²
autoria	Joana Figueiredo e Rita Pacheco
fase de projecto	Estudo Prévio Licenciamento Execução Obra
arquitectura	Intergaup, lda.- Arq.Diogo de Lima Mayer e Arq.João Paulo Farinha
notas	espaço público sobre cobertura

Espaço público na cobertura de um edifício de estacionamento anexo às então instalações do Banco Comercial Português (BCP), na Avenida dos Estados Unidos da América, em Lisboa.

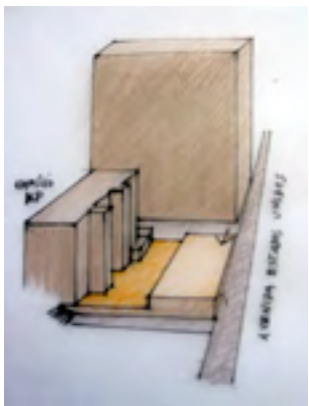
As lajes de cobertura estão implantadas com cerca de 1 metro de diferença de cota, a laje rebaixada acontece, na faixa mais afastada da avenida, junto ao edifício de escritórios adjacente.

O espaço está reservado física e visualmente do contexto e com o acesso limitado a um único ponto.

7. Planos das lajes

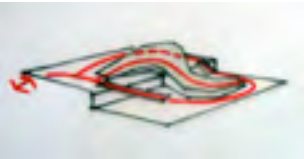


8. Elemento orgânico

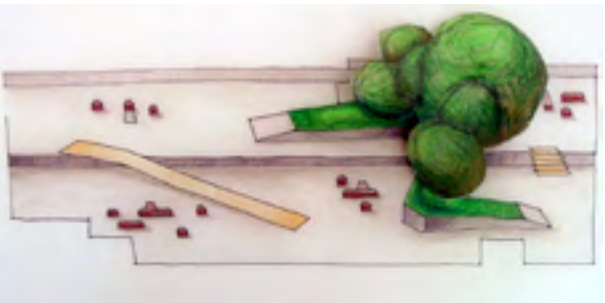


10. Relação com a Avenida

9.Circulação

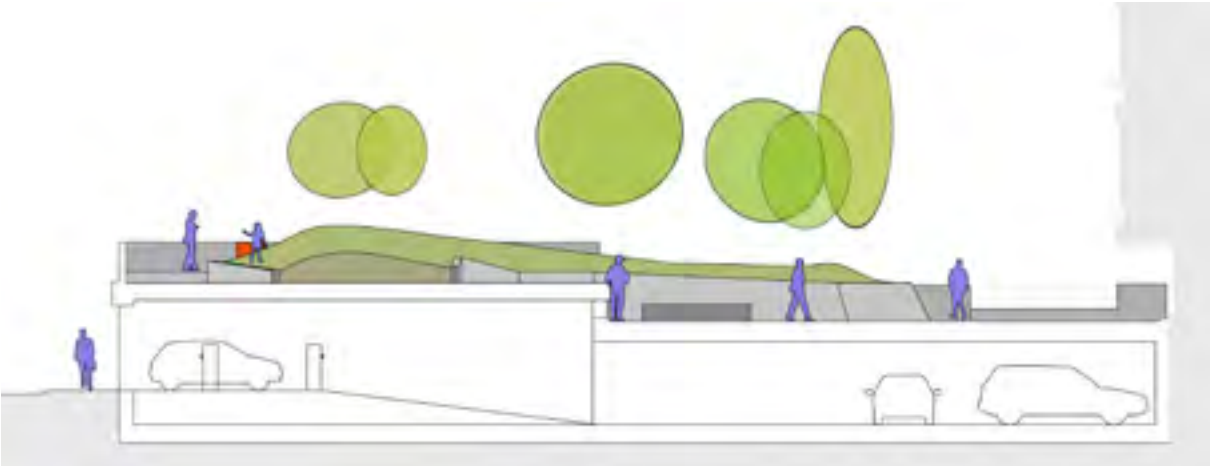
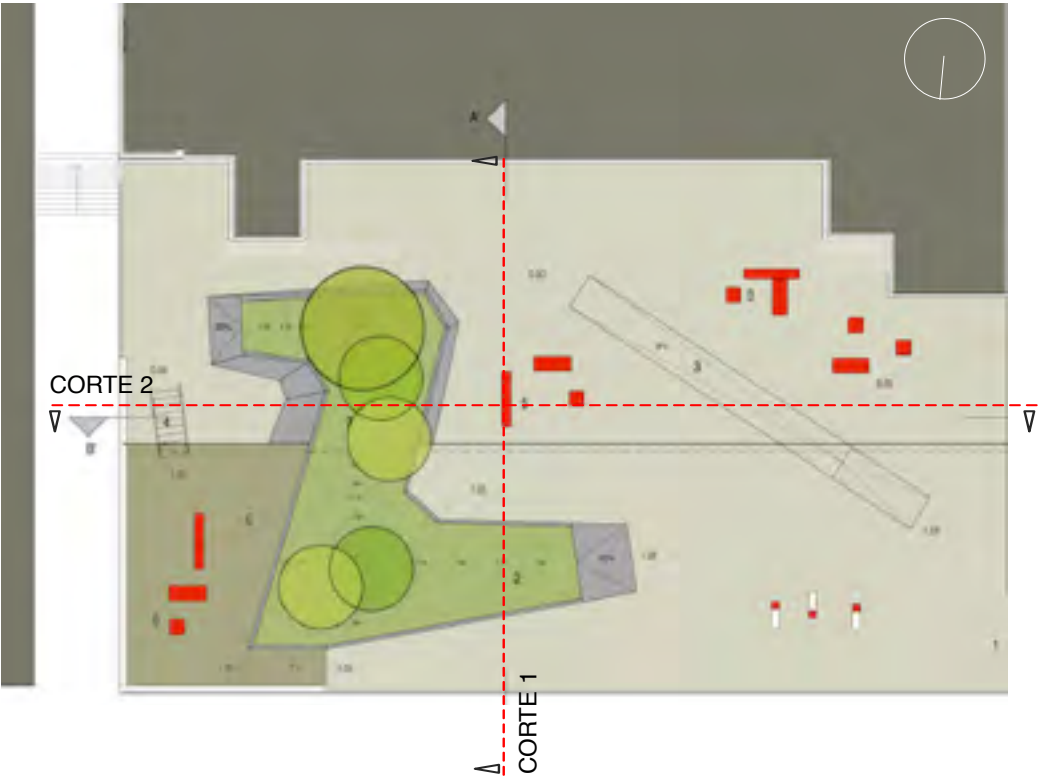


A ideia é ligar os dois planos. Um elemento orgânico verde provoca a circulação entre os dois planos, juntamente com uma rampa e umas escadas promovendo movimento. Associam-se a esta dinâmica, pontos de estadia coloridos que pretendem convidar à descoberta do espaço.

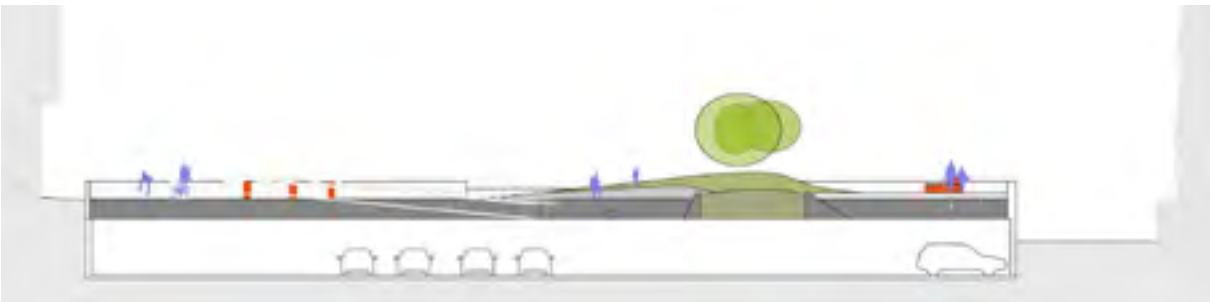


11. Desenhos estudo para apresentar ao cliente, “com e sem” as copas das árvores propostas.

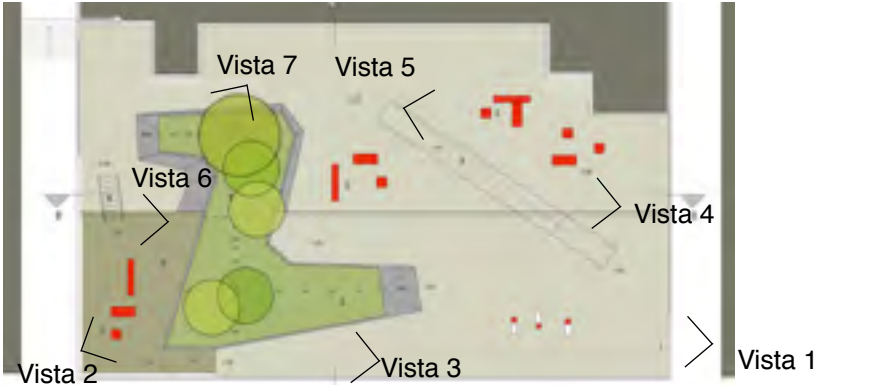
12. Plano Geral



13. Corte 1



14. Corte 2



15. Localização das imagens

16. Vista 1 - Ponto de acesso ao espaço



17. Vista 2 - Zona de estadia em deck, de nível com o elemento verde





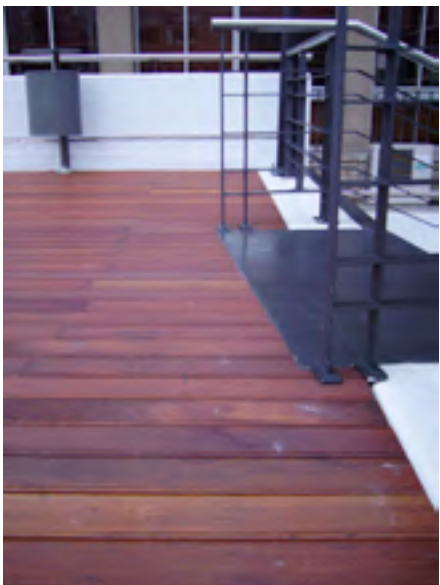
18. Vista 3 - Rampa em deck, acesso à zona de estadia



19. Vista 4 - Rampa metálica de ligação entre os dois planos



20. Vista 5 - Bancos em betão “executados insitu” e pintados.



21. Vista 6 - Encontro das escadas metálicas com o pavimento em deck



22. Vista 7 - Elemento orgânico de relação entre as plataformas, em 2.º plano-escadas metálicas

4.3 VALORIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CASTELO DE MARIALVA

2005/...	data
IGESPAR	cliente
Marialva, Mêda, Portugal	localização
5.000,00 m²	área
Rita Pacheco	autoria
Verónica Almeida e Pablo Péon	colaboração
Estudo Prévio Execução	fase de projecto
Arq. Carmo Martins + Arq. Sérgio Cochat + CAD, lda	arquitectura



23. Vista aérea do Castelo de Marialva

O Castelo de Marialva, apresenta uma extensa área muralhada, da qual menos de metade se encontra incluída na área de intervenção desta 1.ª Fase de acção. A valorização e consolidação do Castelo estão assim limitadas a uma parte de um todo que se quer coerente.



25. Vista ao entrar dentro das muralhas (calçada medieval)



24. Delimitação da área de intervenção dentro das muralhas.



27. Área de intervenção

O Castelo encontra-se num estado de degradação lastimável, apresentando uma fragilidade evidente nos vestígios de anteriores intervenções nos muros, ruínas, muralhas e pavimentos.



26. Talhões no interior do Castelo explorados com Olival.

O aspecto geral do espaço intra-muros é de abandono. Destaca-se a actividade agrícola, na compartimentação existente com o Olival e a respectiva apanha da azeitona, mantendo o solo nos respectivos talhões.

A proposta baseia-se na recuperação ou definição de limites espaciais. Esta estruturação espacial define-se através da recuperação dos muros e pavimentos, por um lado, e por outro, através da criação de faixas de circulação associadas às zonas de estadia quando se visita ao Castelo.

Esquemáticamente pode considerar-se que a área de intervenção se baseia na circulação em torno de um núcleo definido pelos afloramentos rochosos em que se enquadra a Torre de Menagem e as suas muralhas.

Presentemente o Largo do Pelourinho e o Terreiro, são espaços que estão mais acessíveis ao visitante.



28. Largo do Pelourinho com a antiga casa da Câmara que irá acolher o Centro interpretativo e multimédia

O Largo, é um espaço central, na zona interior deste espaço muralhado, onde está implantado o Pelourinho. Neste espaço, a calçada medieval, com motivos em estrela ganha amplitude, podendo ler-se claramente de vários pontos de vista, percorrendo o espaço ainda transitável entre ruínas.



29. Vista do Terreiro - Interior da muralha em primeiro plano e o alcance da vista da paisagem envolvente.

O Terreiro é amplo e plano com um pavimento em saibro em bom estado, oferecendo acesso a um ponto de expansão visual sobre o Território envolvente à Vila de Marialva. A Igreja de Santiago e a Capela do Senhor dos Passos foram restauradas, sendo os únicos edifícios conservados e que funcionam como um ponto de atracção, no interior do Castelo. Estes edifícios estão implantados no Terreiro.

O programa de acção para valorizar e consolidar o Castelo centra-se na recuperação da Torre de Menagem e na construção de dois equipamentos (Cafetaria e Espaço interpretativo e multimédia) que se acredita virem a ser essenciais à viabilidade económica e de manutenção do espaço futuras.

Cafetaria_ Criação de uma zona de estadia adjacente à esplanada em deck. Revestimento inerte permeável, do talhão de espaço murado, facilitando a economia de meios na manutenção do espaço.

Espaço interpretativo e multimédia (EIM) _ Recuperação do saibro e dos limites adjacentes.

Torre de Menagem_ Criação de acesso e de uma zona de paragem no interior das muralhas da Torre. Pavimento com empedrado granítico.

A definição de pontos estratégicos, onde se concentra a intervenção, permitiu definir os limites da intervenção dentro do Castelo.

A intervenção baseia-se na recuperação de pavimentos, linhas de remate, muros e alguns pontos de paragem ao longo de um possível percurso de visita ao Castelo.

30. Plano Geral da proposta para o Castelo de Marialva
Área de intervenção dentro das muralhas

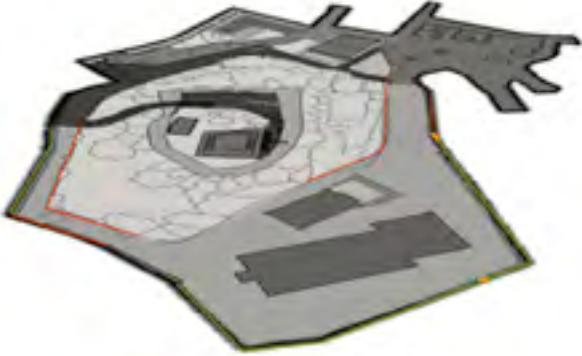


Legenda

- 1_ Entrada
- 2_ Talhão da Cafetaria
- 3_ Casa da Câmara
(futuro espaço interpretativo e multimédia)
- 4_ Largo do Pelourinho (com calçada medieval)
- 5_ Terreiro
(Igreja de Santiago e Capela do Sr. dos Passos)
- 6_ Torre de Menagem

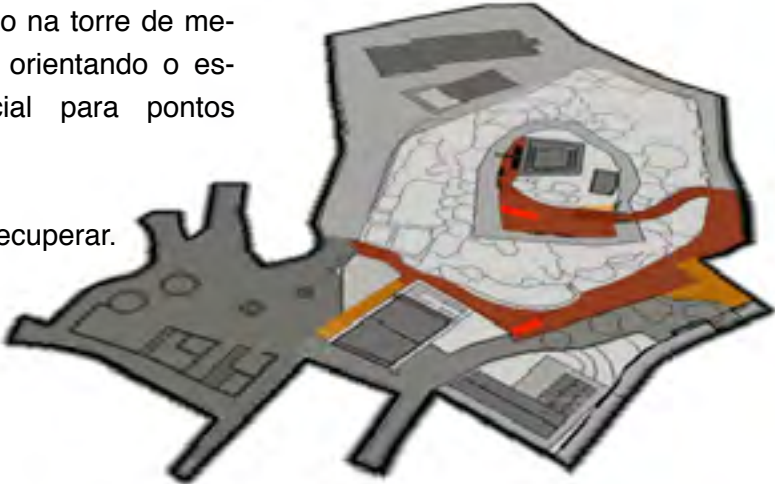
31. TERREIRO .
revestimento em saibro

- Remate proposto
- Remate existente
- Remate reconstruído



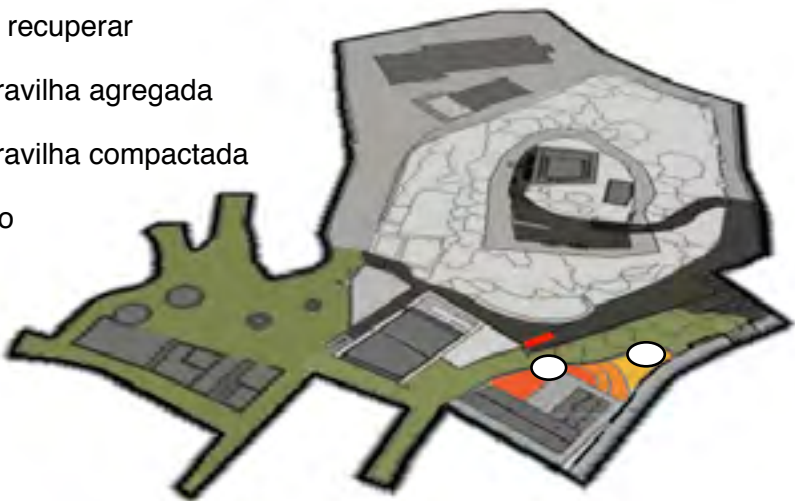
32. TORRE DE MENAGEM .
empedrado granítico

- empedrado proposto na torre de menagem e acessos, orientando o escoamento superficial para pontos preferenciais.
- área de calçada a recuperar.
- ponto de paragem



33. CAFETARIA e LARGO do PELOURINHO
revestimento com inertes graníticos

- Calçada medieval a recuperar
- Revestimento em gravilha agregada
- Revestimento em gravilha compactada
- Empedrado granítico
- Ponto de paragem
- Prunus dulcis sp.



Existe uma situação que necessitará de especial cuidado na recuperação e valorização deste espaço patrimonial: a limpeza das infestantes, principalmente da espécie *Ailanthus altissima*.

É um trabalho que se destaca, visto esta espécie invasora ser de muito difícil erradicação, uma vez que se propaga por estolhos, através das suas raízes de expansão superficial, o que implica que a limpeza e desmatação dos exemplares (alguns deles de porte arbóreo) seja feita respeitando as condicionantes referidas em caderno de encargos.

Foi referido ao IGESPAR (IPPAR na altura) que desde o início este trabalho terá que ser levado com continuidade e que só funcionará com persistência e a longo prazo, tendo portanto que ser monitorizado segundo o plano de manutenção apresentado.

O material vegetal proposto para o revestimento do solo é um prado de sequeiro. No caso dos taludes do núcleo da Torre de Menagem, propõe-se que sejam revestidos com uma mistura de sementes que inclui prado e subarbustos, de espécies autóctones, promovendo a fixação das terras adjacentes às muralhas.

Na zona de estadia em gravilha agregada anexa à esplanada em deck propõe-se a plantação de duas amendoeiras (*Prunus dulcis* sp.), espécie distinta daquelas existentes dentro das muralhas (*Olea europea* sp. e *Cercis siliquastrum* sp.), mas também contextualizada na região em que se insere.

Os muros de pedra posta a construir ou recuperar, serão executados em pedra granítica igual à existente segundo as tipologias existentes e as técnicas de aparelhamento tradicionais.

Os pavimentos e revestimentos serão executados segundo a técnica de calcetamento, com materiais graníticos iguais aos existentes.

A drenagem do espaço será feita ao nível superficial ao longo de linhas ou faixas preferenciais de escoamento, encaminhando as águas para longe das bases dos muros existentes ou das muralhas, especificamente no caso da Torre de Menagem.

4.4 CRECHE JARDIM DE INFÂNCIA NOSSA SR.^a DAS GRAÇAS

2004/2007
Câmara Municipal de Oeiras
Algés, Oeiras, Portugal
1.400,00 m²
Rita Pacheco
Verónica Almeida e Pablo Péon
Concurso Concepção Construção | Licenciamento | Execução | Obra
Arq. Luís Machado + Arq. Luís Pacheco + Arq. Gabriel Gabriel
740,00 m² sobre cobertura

data
cliente
localização
área
autoria
colaboração
fase de projecto
arquitectura
notas



34. Entrada da Escola
35. O muro vermelho resguarda os caixotes do lixo adjacentes à cozinha

A Creche Jardim de Infância Nossa Senhora das Graças é um equipamento municipal, que se desenvolve sobre cobertura em grande extensão. Existe um estacionamento subterrâneo nos dois pisos inferiores. Este facto condicionou a existência de árvores e criou a oportunidade para definir elementos que sustentam a construção do imaginário infantil. Na faixa onde existe terreno natural, as plantações foram intensificadas.



36. Caixa de ventilação, do estacionamento subterrâneo, associada aos muros de contenção e camuflada pela barreira verde que envolve o espaço de recreio.

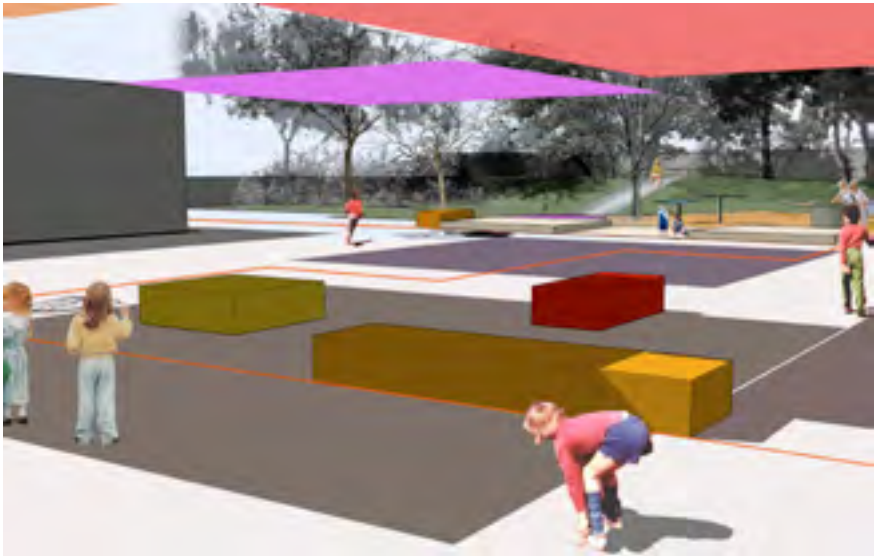


37 . Planta de localização das vistas
Fase de concurso
(sem escala)



38. Vista 01 . Os elementos coloridos são um jogo.

A criança experimenta acções, repete-as e aprende à medida que erra e acerta. Acumula progressivamente mais e mais relações e signos, definindo formas de organizar a informação, construindo a sua consciência.



39. Vista 02. Estadia sob estrutura de ensombramento

O espaço de recreio alimenta a curiosidade inata dos pequeninos – ao sabor da luz do Sol, da textura do Vento nas mãos, da frescura da Água corrente, do som das folhas secas quebradas ou do cheirinho a terra molhada.



40. Vista 03 . Caixa de areia e banco em betão, com a linha laranja desenhada “a passar “ sobre este.

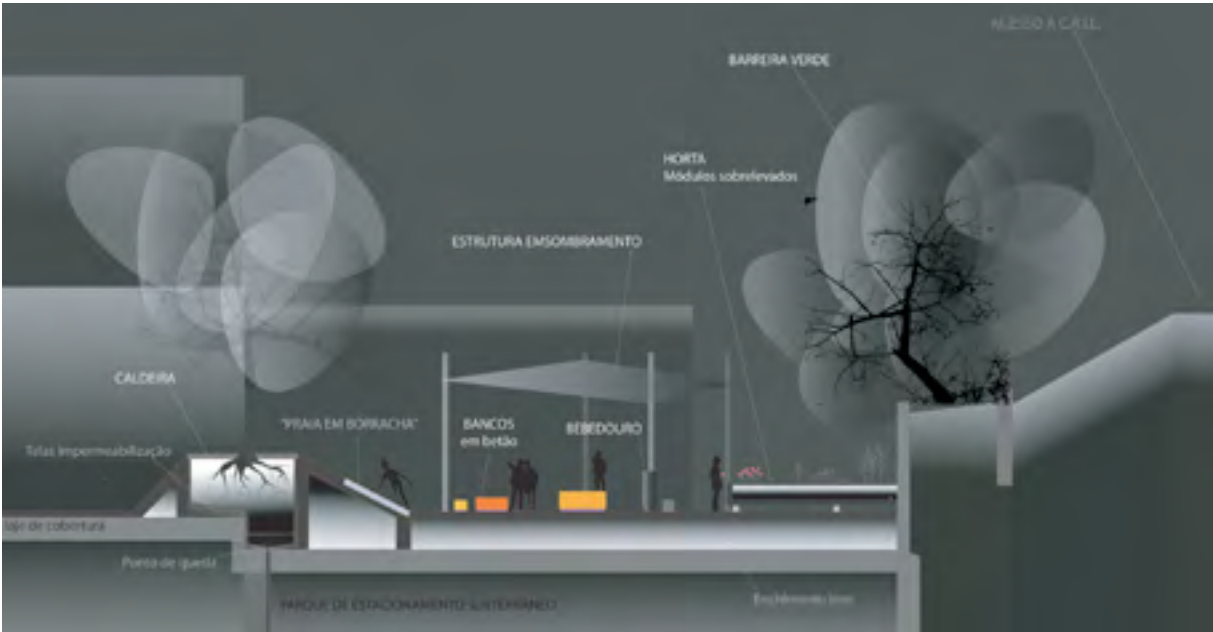
O espaço envolvente à escola é desinteressante e adverso.

Uma barreira verde protege o espaço de jogo e recreio ao ar livre, da proximidade de um acesso à CRIL, associando material vegetal com muros de contenção, que resolvem a diferença de cotas entre o interior do recinto escolar e os taludes adjacentes.

41. Plano Geral esquemático



42. Plano esquemático com tipologia de áreas



43. Corte esquemático

Esta mancha verde pretende enquadrar o espaço de jogo e recreio, criando um cenário envolvente com espécies vegetais apropriadas e que estimulem a criança a relacionar-se com elas.

Existe uma área específica com espécies aromáticas.



44. Espécies arbustivas e sub-arbustivas, muitas são espécies aromáticas - pavimento em toros de madeira.



45. Muros de contenção associados ao material vegetal para criar um limite protegido entre o interior e o exterior do recinto escolar.



46. O material vegetal define uma faixa de enquadramento, que vira o espaço para dentro.

A proposta para o recreio ao ar livre, parte da criação de uma série de acontecimentos que pretendem desafiar as crianças a descobrir e questionar o espaço que as rodeia, em contraposição com a descoberta da sua própria consciência e identidade.



47. Jogos com água e areia

O recreio é um jogo. O jogo, a ferramenta de aprendizagem. Uma linha pintada no pavimento, cor de laranja, deambula sobre o recreio e passa pelas 3 caldeiras – “vulcões coloridos” – que suportam árvores caducas em caldeiras sobre laje.



48. Caldeiras, linha laranja tracejada, desenhos e bancos coloridos, os elementos desafiam à interacção



49. Caldeiras criam sub espaços à altura das crianças



50. Caldeira em forma cónica mimetizando um vulcão colorido.

A sala de leitura ao ar livre, permite uma aproximação às histórias onde o Vento, a Terra e a Flores podem ser observadas ao vivo, este espaço pretende servir de “palco” para outras actividades que possam sair do interior da sala de aula para o espaço exterior.



51. Vista do interior de cada uma das salas de aula do JI.
“Cada sala tem o seu vulcão, lá fora”.



52. Linha tracejada laranja indica a entrada do espaço de leitura ao ar livre.



53. Zona de leitura ao ar livre

A linha laranja, espreita através da paliçada e encontra histórias e fantasia num espaço de leitura em grupo ao ar livre por baixo dos ramos das árvores.



54. Entrada na área resguardada com a paliçada em toros de madeira que define a sala de leitura ao ar livre. Bancos em toros de madeira.

A linha mostra uma zona de jogo com mesa e caixa de areia e um “torneirão de Água”, área de jogo vizinha ao escorrega definido sobre o talude, “que vai dar a uma bola preta” (superfície de impacto).

55. Escorrega sobre o talude / caixa de areia e jogos com água.
Pavimento com capacidade de amortecimento de queda e pavimento em toros de madeira.



Encontra a horta pedagógica, em módulos de betão sobrelevados, como bancadas de trabalho.



56. Horta pedagógica em módulos em beão, sobreelevados, definindo bancadas de trabalho.

A orgânica dos processos que caracterizam os sistemas naturais está presente nas manchas arbustivas de enquadramento, que se definem com espécies vegetais diversificadas, com flores e frutos, os módulos de “Horta pedagógica” suportam o exercício do contacto com a terra, os ciclos e as épocas hortícolas.

Os equipamentos infantis propostos baseiam-se na relação com a água, a areia e com a descoberta da física e dos corpos através de construções em areia e também da gravidade a partir do es-correga, planos inclinados das caldeiras e bancos, que funcionam como objectos a interagir.



57. Escorrega envolvido por uma mancha arbustiva.



59. Área de recreio livre adjacente às salas de aula

A linha vagueia através dos bancos em betão, que desafiam a trepar com vários tamanhos e cores, em conquista de desenhos, texturas e cheiros aromáticos, estimulando a sua perseguição em busca de um fim.

58. Elementos de jogo e recreio



58.a. Desenho - Ouvido.perto da sala de leitura ao ar livre



58.b. Banco



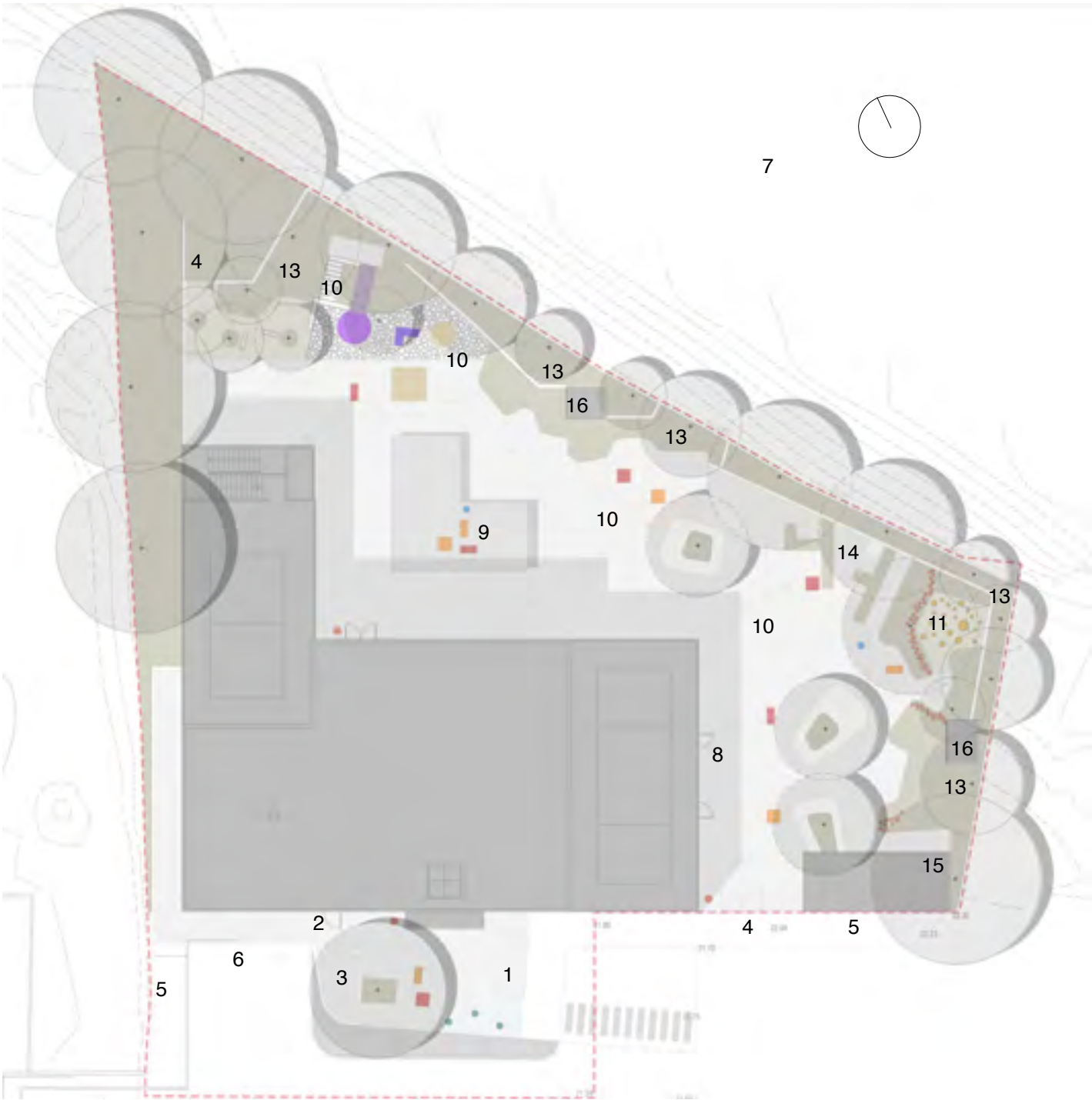
58.c.Grupo de bancos



58.d. Caldeira



58.e.Desenho - Olho . perto da Horta



60 . Plano Geral (sem escala)
















LEGENDA

- | | |
|--|---|
| 1. Entrada da Escola | 9. Zona de ensombramento |
| 2. Área Técnica de acessos à Cozinha / Refeitório | 10. Recreio activo |
| 3. Zona de arrumação dos caixotes do lixo, protegidos atrás de um muro | 11. Sala de Leitura ao ar livre |
| 4. Portão de acesso para manutenção (2 portões um a Sul e outro a Norte) | 12. Área livre para actividades diversificadas |
| 5. Acesso pedonal ao Estacionamento subterrâneo | 13. Barreira arbustiva e arbórea de protecção visual e sonora da via de acesso à CRIL |
| 6. Acesso viário ao Estacionamento subterrâneo | 14. Módulos da horta pedagógica com ponto de água |
| 7. Via vizinha de acesso à CRIL | 15. Pequena arrecadação de Jardinagem |
| 8. Acesso das salas de aula ao recreio | 16. Ventilação do estacionamento subterrâneo |



61. Plano de plantação de arbustos e sub-arbustos (sem escala)

LEGENDA | arbustos e trepadeiras

- | | |
|---|---|
|  <i>Aucuba japonica</i> |  <i>Punica granatum "nana"</i> |
|  <i>Erica carnea</i> |  <i>Rosmarinus officinalis</i> |
|  <i>Escallonia macrantha "rubra"</i> |  <i>Salvia grahami</i> |
|  <i>Hebe vernicosa</i> |  <i>Spiraea cantoniensis</i> |
|  <i>Lavandula angustifolia</i> |  <i>Teucrium fruticns</i> |
|  <i>Lavandula stoechas</i> |  <i>Thymus vulgaris</i> |
|  <i>Myrthus comunis</i> |  <i>Jasminum officinalis</i> |
|  <i>Phillyrea angustifolia</i> | |

4.5 ESCOLA DE VALE DO RIO . PÓLO DE CASCAIS

data	2008/...
cliente	FORPRO, Formação Profissional CRL
localização	Parede, Cascais, Portugal
área	6.280,00 m ²
autoria	Rita Pacheco
colaboração	Frederico Soares, Maria Teles, Sebastião do Carmo Perreira, Verónica Almeida
fase de projecto	Estudo Prévio Licenciamento Execução
arquitectura	Arq. Luís Pacheco + Gima

A entrada principal da escola é marcada pelas copas das árvores de grande porte que articulam o exterior e o interior do espaço.

O volume edificado abraça um vazio central, rasgado a Nascente pela entrada pedonal na escola.

No pátio central organizam-se peças de betão, que acompanham o visitante para a entrada do edifício e simultaneamente formam sub-espacos de estadia, num movimento de cheios e vazios, associado às espécies arbóreas e ao revestimento do solo.

Estas peças soltam-se do núcleo central, dispersando-se ao longo das zonas verdes externas ao pátio, convidando à descoberta do lugar e proporcionando zonas de paragem e conversa, nos intervalos dos alunos ao ar livre.

O edificado está implantado à cota intermédia da Av. Melvin Jones (52.00m), permitindo o acesso automóvel à circulação de sentido único em redor do corpo central, que permite cargas e descargas, às áreas da cozinha (poente) e estúdio (nascente).

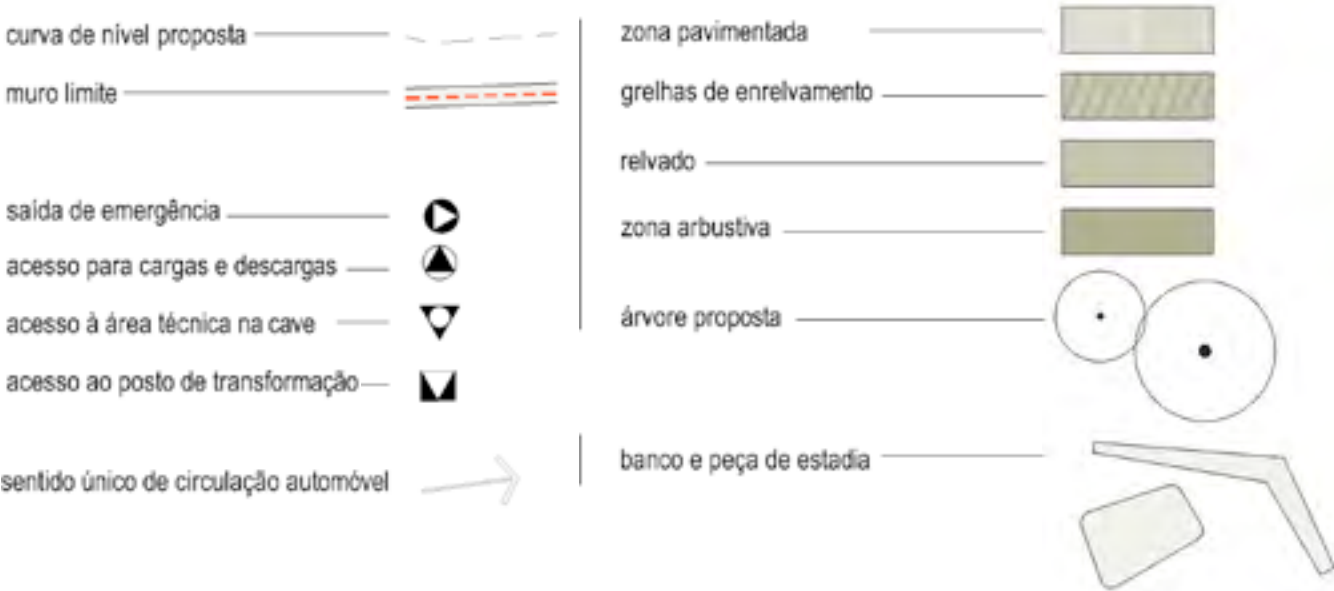
Este anel de circulação automóvel é conseguido ao longo das zonas verdes, a Norte e a Sul, através de grelhas de enrelvamento, libertando as plataformas pavimentadas com capacidade de carga automóvel adjacentes às zonas técnicas.

Nos topos Sul e Norte do lote, nas zonas verdes de enquadramento, definem-se taludes com declives máximos 1/3, solucionando as diferenças de cota com os arruamentos confinantes.

Serão necessárias estruturas de contenção ao longo de grande parte o limite do lote, chegando em algumas situações aos 2,00m de altura.



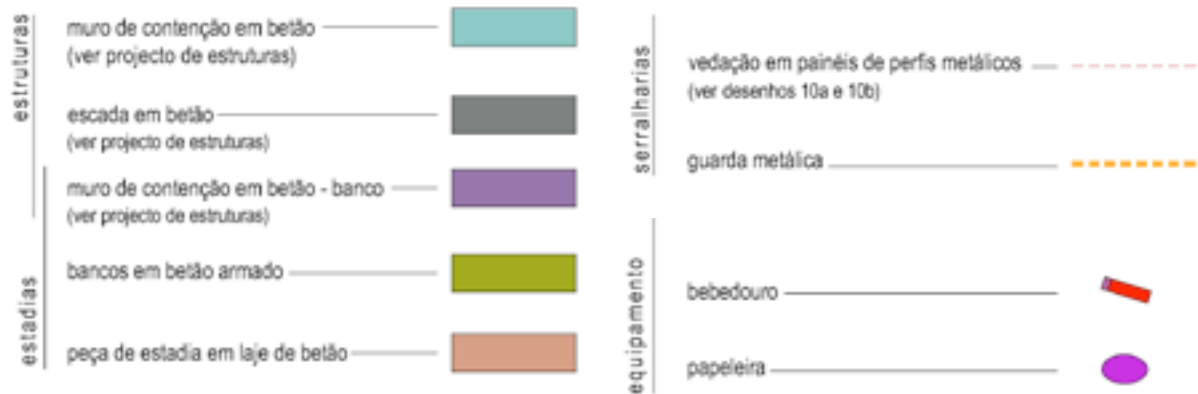
62. Plano Geral Escola Val do Rio - Pólo Parede sem escala



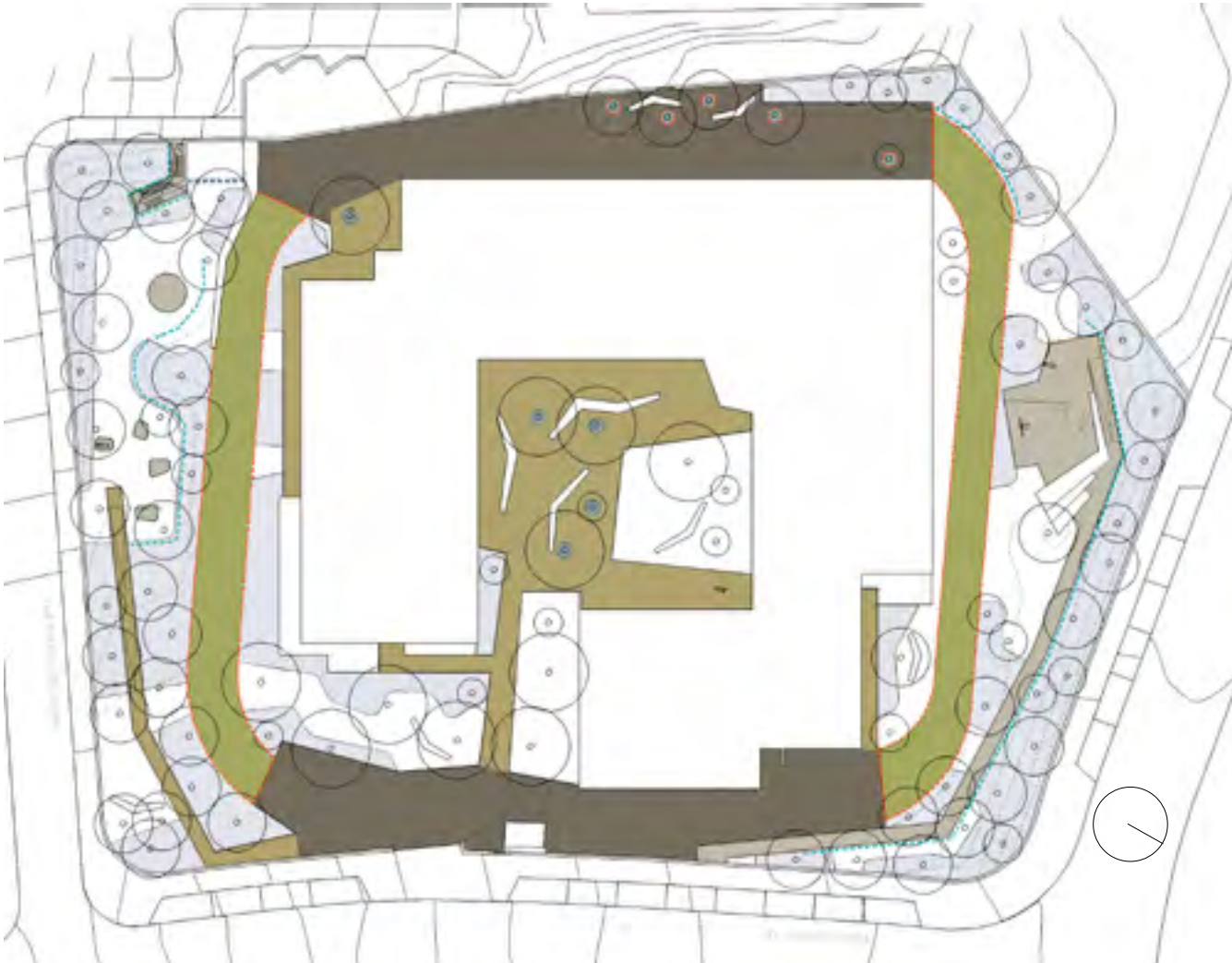
Procurou-se enquadrar áreas com características que permitam apropriações distintas de espaço. A Norte o jogo activo, associado a uma tabela de mini-basquete, e a Sul, uma zona onde as hipóteses são de paragem ou de jogo livre no relvado.



63. Plano de equipamento e mobiliário



O pavimento do pátio e plataformas de circulação automóvel, é em betão poroso, sendo o mesmo permeável. No entanto, pendentes mínimas de escoamento, encaminham as águas para longe das soleiras do edifício.



64. Plano de pavimentos, remates e revestimentos inorgânicos

pavimentos	betão poroso capacidade de carga pedonal (ver pormenor P01)		lancil em aço-cortén com (0.01m) (ver pormenor P03)	---
	betão poroso capacidade de carga automóvel (ver pormenor P02)		lancil em aço-cortén com (0.005m) (ver pormenor P06)	---
	laje de pavimento em betão armado (ver pormenor P21)		anel em aço corten (0.01m) (ver pormenor P14)	○
	greijas de enliviamento (ver pormenor P03)		anel em aço corten (0.005m) (ver pormenor P13)	○
			camada de base (ver pormenor P18)	---
revestimentos	mulch de casca de pinheiro (ver pormenor P12)		vala de drenagem (ver pormenor P20)	---
	gravilha calcária bago de arroz cor cinza escura (ver pormenor P14)			

O material vegetal, sob a forma de maciços arbustivos e arbóreos, define espaços que pretendem criar, juntamente com os pontos de estadia, diversidade espacial ao longo de um recreio, que seria à partida pequeno para a quantidade de alunos prevista para a escola. Numa sequência de fechados e abertos, canais e clareiras, o espaço ganha profundidade.

As espécies propostas são maioritariamente, espécies endémicas ou adaptadas ao nosso clima, indo de encontro a uma diminuição dos custos de manutenção do espaço.

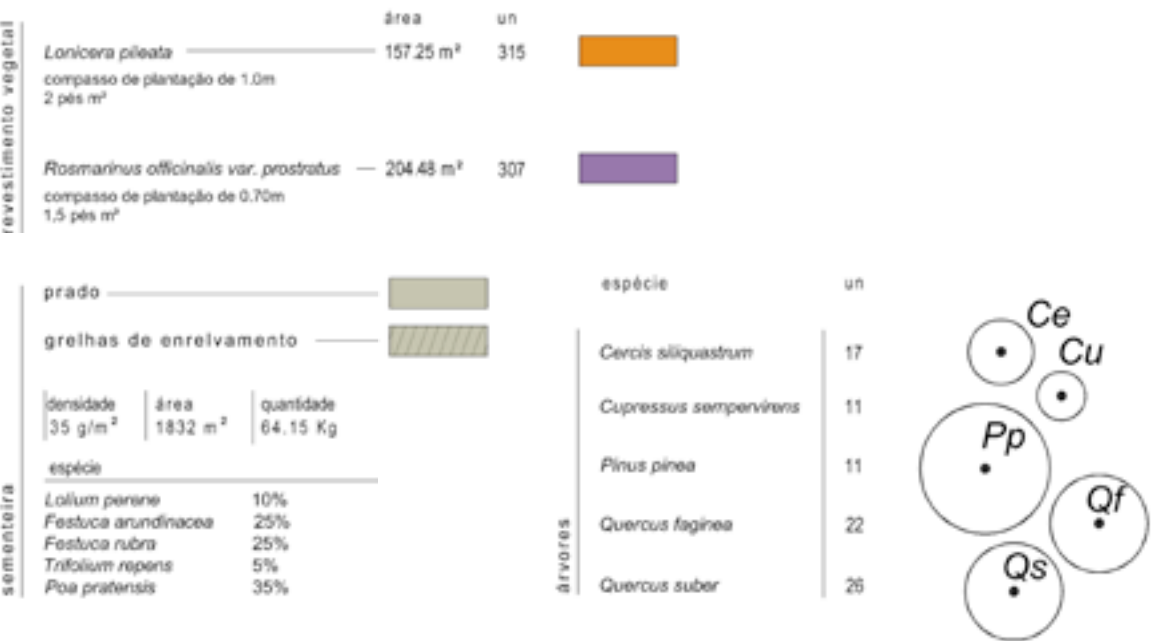


65. Plano de plantação de arbustos

espécie	lit.				
Arbutus unedo	44	Au	Quercus coccifera	143	Qc
Crataegus monogyna	129	Cm	Viburnum plicatum 'lindarth'	58	Vp
Myrtus communis	198	Mc	Viburnum tinus	35	Vt
Prunus spinosa	128	Ps			

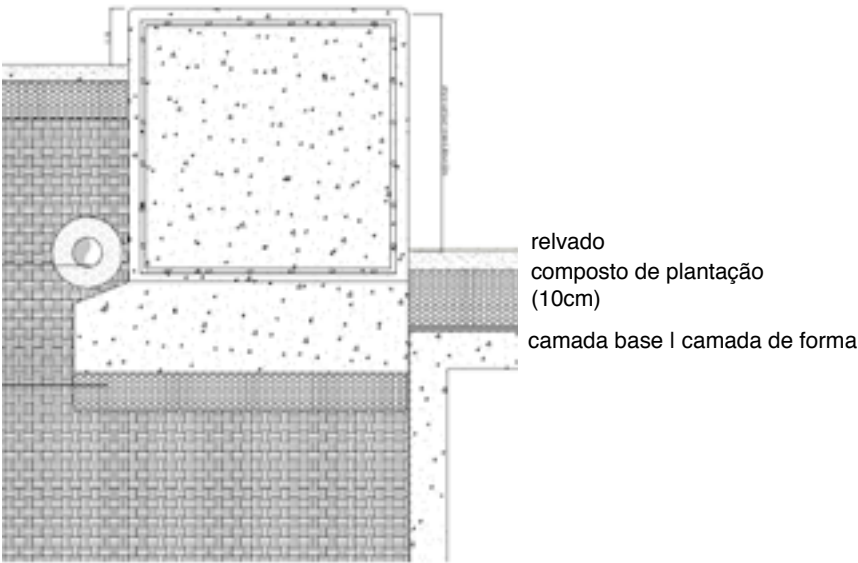


66. Plano de plantação de árvores e revestimentos orgânicos

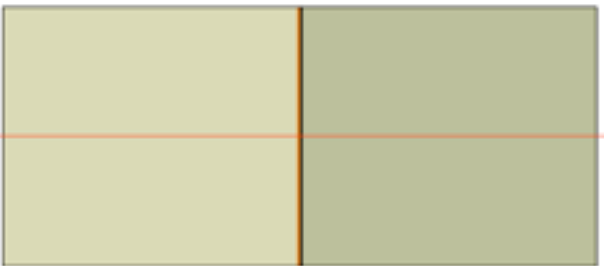


67. Muro em betão armado

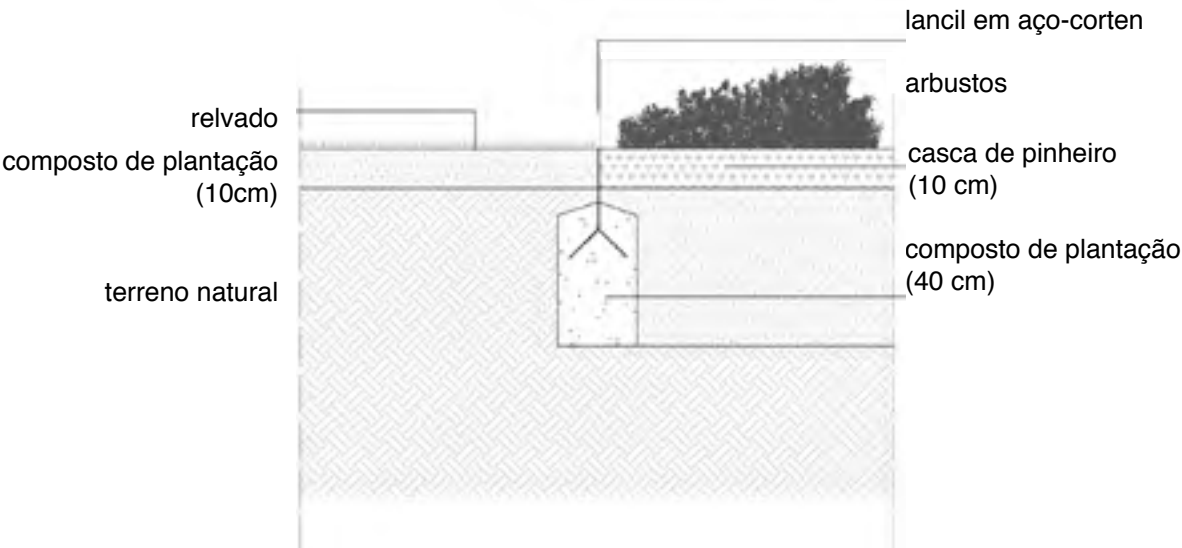
betão poroso com bago de arroz (9cm)
camada de brita n.º3 (20cm)
terreno natural bem compactado
tubo geodreno (ver projecto da especialidade)
camada de brita n.º3 (20cm)



68. Zona relvada | zona arbustiva



planta



corte

4.6 ESCOLA PEDRO DE SANTARÉM + REFEITÓRIO
A1. REQUALIFICAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DA ESCOLA PEDRO DE SANTARÉM
A2. ENVOLVENTE DO REFEITÓRIO + CAMPOS DE JOGO

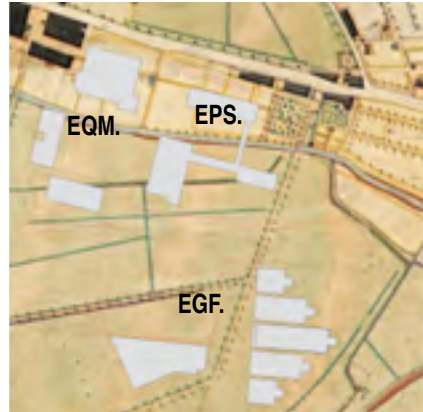
2008/2010	data
Parque Escolar, SA	cliente
Benfica, Lisboa, Portugal	localização
2,4 ha	área
Rita Pacheco	coordenação
Frederico Soares, Maria Ana Castro Caldas, Rita Pacheco	autoria
Catarina Bettencourt, Verónica Almeida, Maria Telles.	colaboração
Estudo Prévio Execução Obra	fase de projecto
Arq. Luís Pacheco	arquitectura
com a colaboração da Gima, Ida:	
Arq.º João Queirós e Arq.º Andrea António	
Arq.º Mário Soares e Victor Fernandes	

Na Lisboa do Séc. XIX, Benfica ficava nos arredores e era uma área de Quintas e Palacetes. A Quinta de Marrocos, foi deixada em testamento por Sidónio Pais, ao Ministério da Educação, na condição de ser uma área para implantação de equipamento escolar.

No “pós-Abril de 74”, foi encomendado ao Arq. Hestnes Ferreira (com a colaboração dos arquitectos Jorge Gouveia e Jorge Farelo Pinto), um Plano para o Complexo Educativo da Quinta de Marrocos, designado de “Plano para o Complexo Escolar Educativo de Benfica”, onde então já estavam implantados, junto ao limite com a Estrada de Benfica, alguns equipamentos escolares.



69a. Quinta de Marrocos no séc.XIX, com ribeira a atravessar a quinta.



69b. Quinta de Marrocos . sobre-
posição da situação existente:
EPS. Escola Pedro de Santarém
EGF. Escola Gomes Ferreira
EQM. Escola Quinta de Marrocos

O projecto para a Escola Secundária de Benfica, (construída entre 1976/1980 e que actualmente se designa de Escola José Gomes Ferreira), desenvolvido em simultâneo com o Plano para o Complexo Escolar Educativo de Benfica, pelo mesmo arquitecto, definia o princípio estrutural do futuro plano, uma “espinha dorsal”, criada por uma Alameda Central arborizada.



70. COMPLEXO ESCOLAR

EQM. Escola Quinta de Marrocos
EPS. Escola Pedro de Santarém
EGF. Escola Gomes Ferreira
EPM. Escola do Magistério Primário
ESE. Escola Superior de Educação

O terreno onde se implanta o liceu (EGF), a Nascente do complexo escolar, é edificado na sua periferia pelas seguintes escolas: a Sul, a Escola do Magistério Primário (EMP) e duas pequenas escolas primárias, com projecto de Adães Bermudes do início do século XX, e a Escola Superior de Educação (ESE) (1993) da autoria do arquitecto João Luís Carrilho da Graça; a Norte, a Escola de Pedro de Santarém (EPS), originalmente escola preparatória, com frente para a estrada de Benfica, edificada nos anos 60, e uma escola primária.”

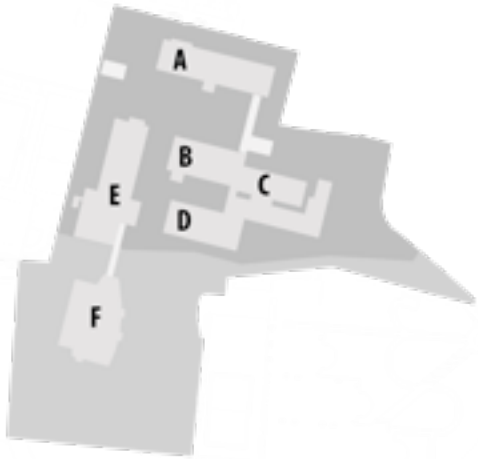
Este projecto inclui duas áreas distintas de intervenção, num cenário de pré-existências, a Escola Pedro de Santarém (área A1) e uma área adjacente a Sul, na sua maioria descampada mas com um Campo de Jogo pertencente à Escola José Gomes Ferreira (área A2).

Estas duas Escolas são também vizinhas da Escola Quinta de Marrocos. O Refeitório virá servir as 3 Escolas referidas.

No espaço envolvente a este equipamento foi solicitado que se definem-se campos de Jogo, zonas de estadia, um percursso pedonal e ainda equipamentos de manutenção para servir a população local aos fins-de-semana.

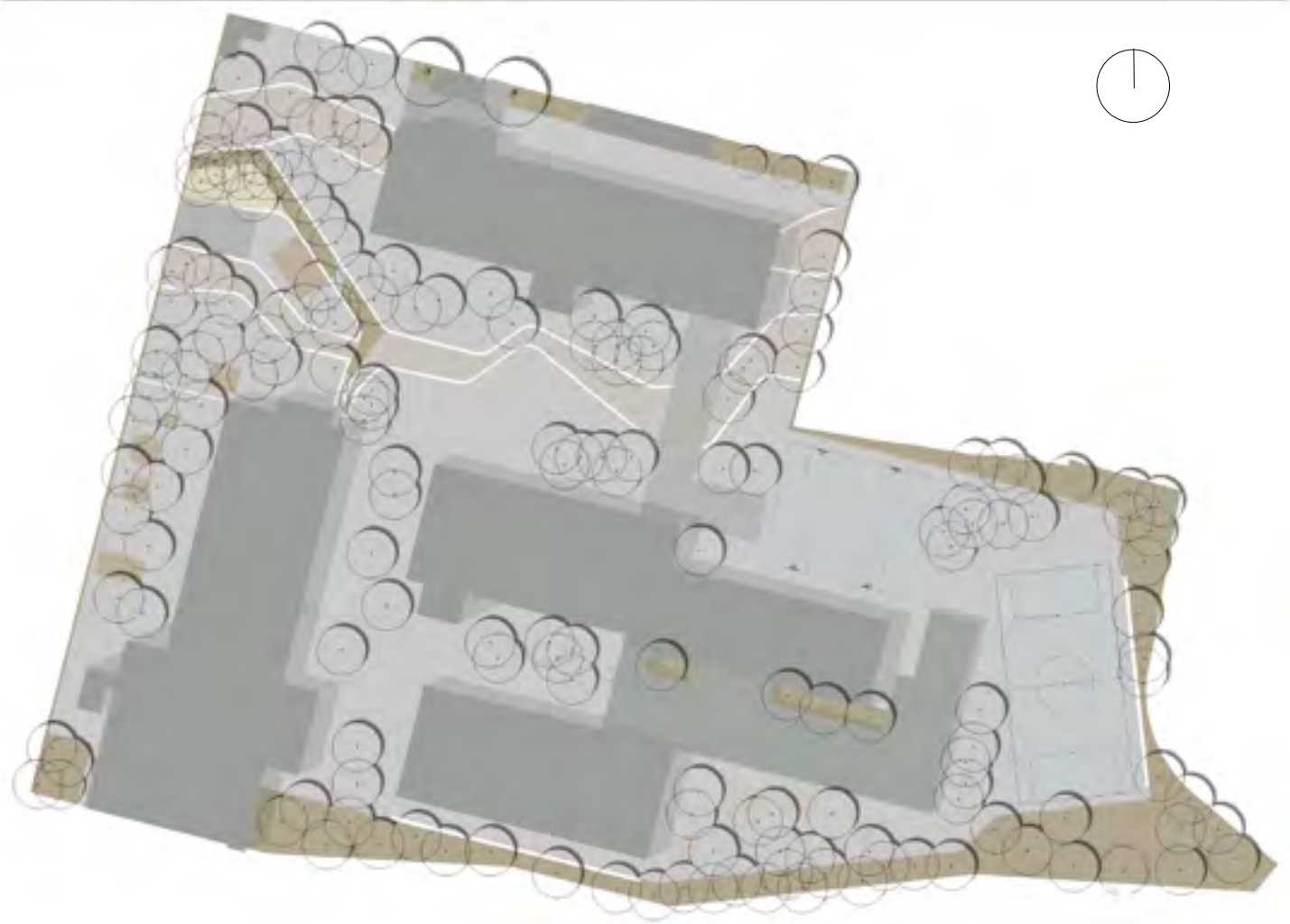


71. Identificação das áreas de intervenção
A1 . Área 1 - Escola Pedro de Santarém
A2. Área 2 – Refeitório e Campos de Jogo



72. Identificação dos blocos edificcados propostos

A . Edifício Principal (existente requalificado)
B. Sala convívio + salas de aula 2.º/3.º ciclos
C. Ginásio 2.º/3.ºciclos existente remodelado
D. Salas de aula 2.º/3.º ciclos
E. Salas de aula 1º e 1.º ciclo + Ginásio 1.º ciclo
F. Refeitório para o Complexo Escolar



73. Plano Geral Escola Pedro de Santarém (sem escala)

4.6.1 REQUALIFICAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DA ESCOLA PEDRO DE SANTARÉM

A proposta para o espaço exterior da escola Pedro de Santarém cria acessibilidade, organiza-se como extensão do programa do espaço interior, enquadra o espaço de recreio e constrói áreas de estadia e de recreio activo, associadas às várias faixas etárias da população escolar.

No subsolo do pátio principal, existe um caneiro com uma linha de água encanada, que condicionou a existência de equipamentos, construções e plantações sobre uma faixa de protecção.



74. Implantação do Caneiro

O edifício da entrada principal da Estrada de Benfica, o bloco A, será mantido e requalificado e está implantado 0.75m acima da cota de pavimento adjacente. Os novos blocos serão implantados de nível com o pavimento exterior, criando flexibilidade e continuidade de circulação. Desenvolve-se uma superfície moldada que cede suavemente a esta diferença de cota, garantindo os declives máximos e acesso a todas as entradas do edificado escolar.

A superfície pavimentada é deformada numa micro-topografia, cujos taludes seriam revestidos com um pavimento distinto, com alguma permeabilidade, que marcava e definia espaço de recreio. (no entanto o projecto não foi seguido, tendo sido executado no local apenas o que o cliente decidiu).



75. Entrada principal – Bloco A. Portaria ficou entre dois Choupos que se mantiveram.



76. Entrada lateral no Bloco A com acesso de nível



77. Estacionamento de bicicletas e banco em 1.º plano.

As espécies arbóreas foram propostas fora da área de protecção ao caneiro. Com uma distribuição dispersa, os espécimes arbóreos, concentram-se pontualmente definindo pequenos núcleos que identificam estadias, e criam “oásis”, que convidam à paragem e descanso na sombra das árvores, no meio desta grande área de recreio livre.



78. Passagem coberta entre os Blocos A e B / áreas de recreio coberto dos 2.º e 3.º ciclos

A passagem entre blocos é simultaneamente uma área de recreio coberto, com uma área extra adjacente, igual aquela que existe no recreio do 1º ciclo.



79. Recreio coberto do 1.º ciclo



80. Recreio 1.º ciclo - equipamentos infantis e estadia nos bancos de betão.

O espaço exterior do Jardim-de-Infância é vedado e de acesso restrito aos mais pequeninos. O 1º. Ciclo tem uma área de recreio específica, que embora não seja vedada está definida por matéria vegetal e que se reconhece como extensão do bloco E, pelas valências do equipamento infantil proposto.



81. Equipamento para trepar do recreio do 1.º ciclo
A mancha arbustiva do projecto não foi executada.



82. Recreio do JI inacabado.
Os equipamentos com água e areia propostos não foram bem instalados e não estão a ser usados



83. Recreio do JI
A plantação das trepadeiras que projecto previa revestirem o alçado do muro que se vê à esquerda, não foi executada.



84a. Banco em betão implantado no talude adjacente ao Campo de jogos.



84b. Campo de jogos dos 2.º e 3.º ciclos.

Os 2º. e 3º. ciclos têm por sua conta a área dos campos de jogo e todo o pátio central, incluindo a sua ramificação entre os blocos B e C e o bloco E.



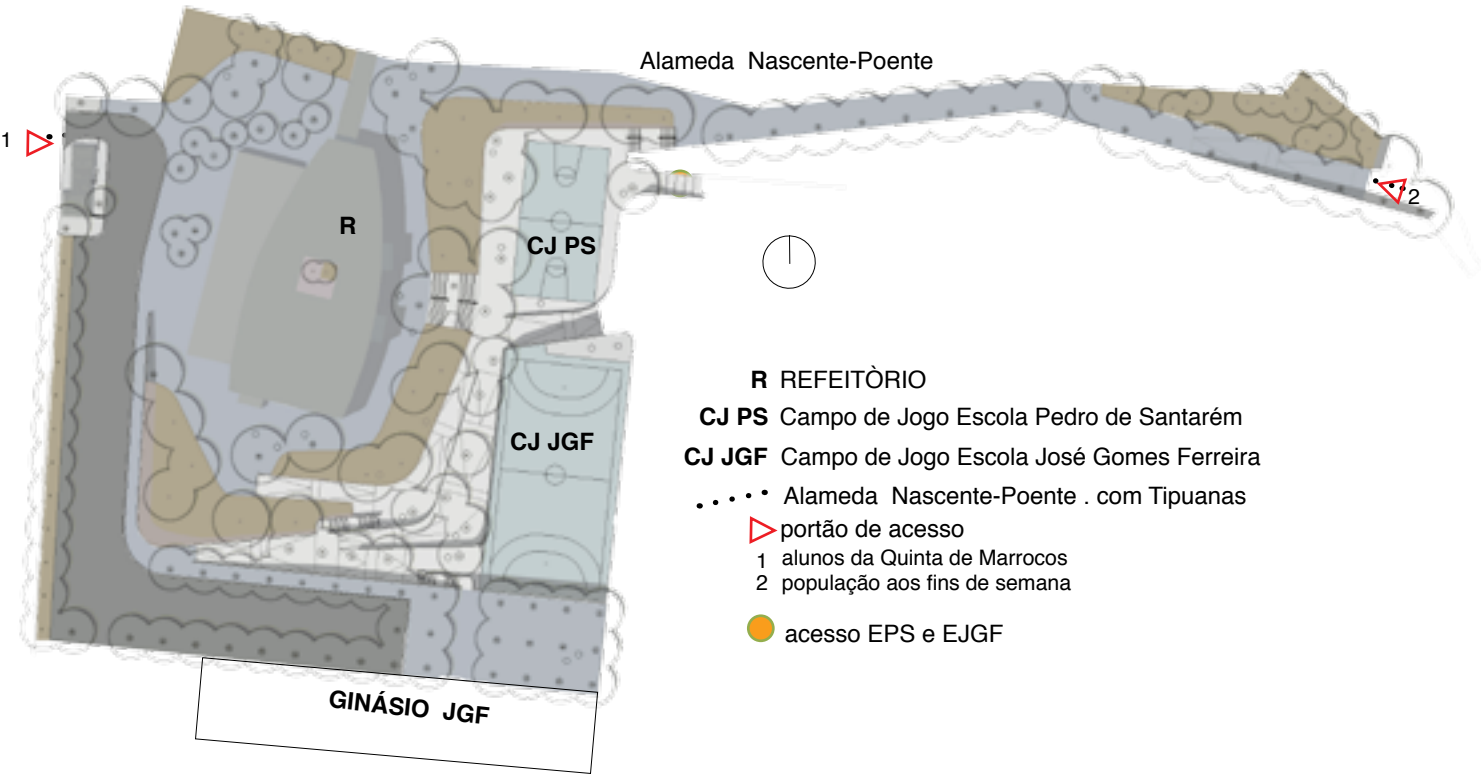
85. Campos de basquetebol dos 2.º e 3.º ciclos.



86. Muro de contenção, no limite Sul de encontro com a plataforma onde está implantado o Refeitório (3,5 m acima).



87. Micro modelações revestidas com gravilha agregada, que formam pontos de estadia, futuramente à sombra das árvores.



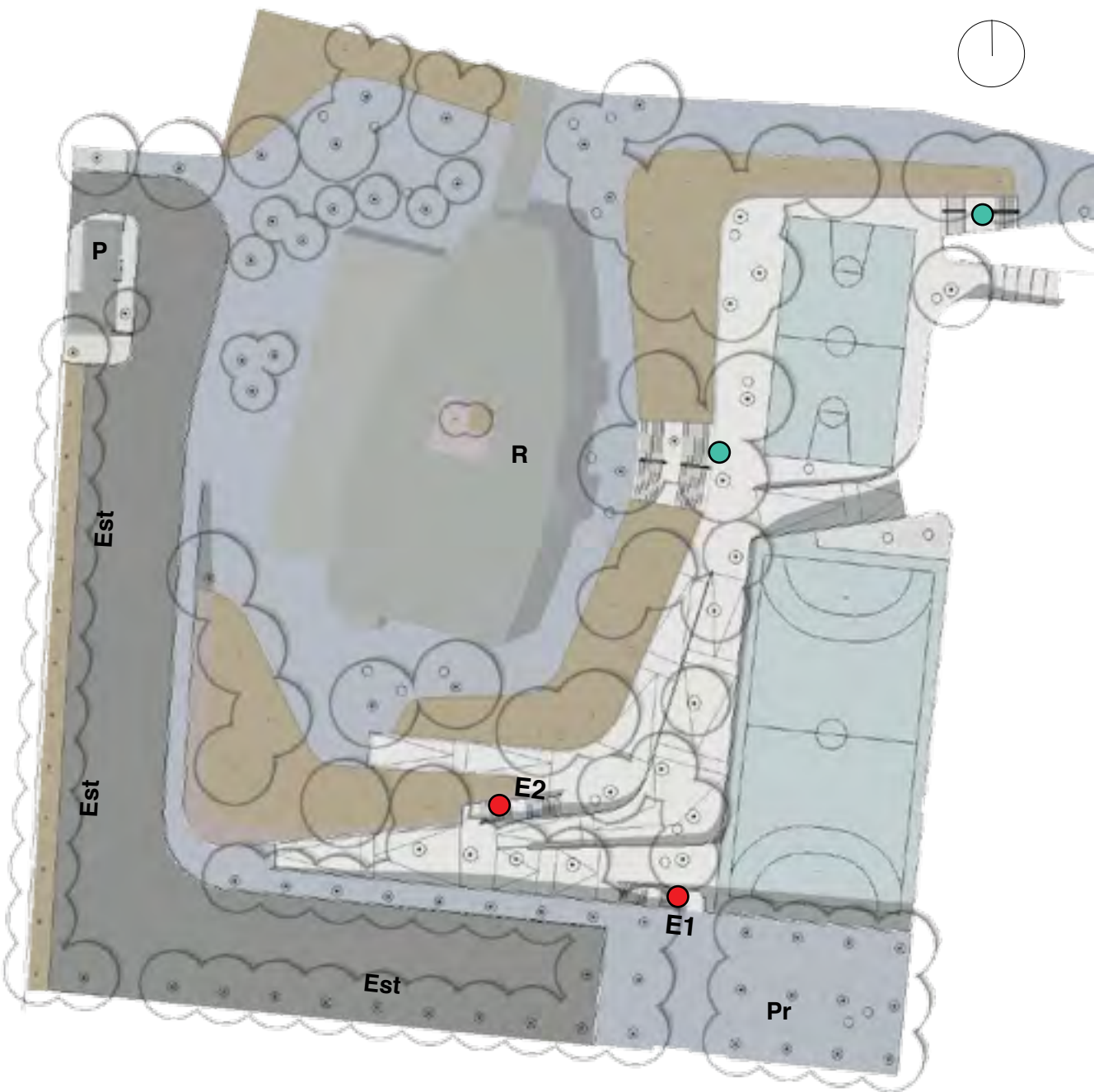
88a. Plano Geral (sem escala)

4.6.2 ESPAÇO ENVOLVENTE AO REFEITÓRIO (ACESSOS, ESTADIAS, CAMPOS DE JOGO E CIRCUITO DE MANUTENÇÃO)

Esta área serve as três escolas que o Refeitório beneficia, um espaço de encontro, de recreio e desporto ao ar livre, onde se incluem campos de jogos de duas escolas. O espaço funciona autonomamente à escola Pedro de Santarém e foi projectado no sentido de servir simultaneamente como espaço escolar e como espaço semi-público de lazer e desporto, com acesso à população local aos fins-de-semana.

Uma nova Alameda atravessa o espaço de Nascente a Poente, marcada por um alinhamento de Tipuanas, articulando o local com a cidade. Este eixo garante um percurso viário para viaturas de emergência passando por baixo da estrutura coberta que liga a EPS ao Refeitório, que harmoniosamente se adapta a esta passagem.

O espaço desportivo de fim de semana, é complementado com equipamentos de manutenção, implantados nos dois topos deste percurso (Nascente e Poente), considerando que todo o espaço envolvente ao Refeitório, incluindo os caminhos pedonais ao longo das rampas, até à cota do Ginásio da EGF, seriam um espaço uno e que facilmente suportaria circuitos livres para a corrida.



88b. Plano Geral do Espaço envolvente ao Refeitório - área ampliada (sem escala)

- P Portaria Quinta de Marrocos e acesso ao estacionamento da Escola José Gomes Ferreira.
- Est Estacionamento da Escola José Gomes Ferreira.
- R Refeitório
- Pr Praça adjacente à entrada para o ginásio da EJGF (ver fotografia 104. não foi executada)
- Escada nos muros em betão aparente **E1** e **E2** (ver fotografia 102 e 103)
- Escada de ligação à EJGF e ao campo de basquetebol da EPS (ver fotografia 95 e 96)



89. Entrada Nascente na Alameda de Tipuanas, adjacente a zona verde com equipamentos de manutenção



91. Escadas de acesso ao campo de basquete na Alameda / Bloco D Escola Pedro de Santarém a azul, implantada a uma cota inferior.



93. Alameda no encontro com o Refeitório. Acesso sobre a passagem coberta de quem vem da escola Pedro de Santarém, através do bloco E.



95. Entrada da Quinta de Marrocos na Alameda de Tipuanas, zona verde com equipamentos de manutenção.



90. Banco na Alameda



92. Banco na Alameda



94. Acesso coberto ao Refeitório



96. Tipuanas na Alameda



97. Refeitório - acessos através das “bocas de entrada” coloridas e da “ponte” de ligação ao bloco E.



98. Escadas, Tipuanas e estadia na entrada do Refeitório.

À cota 76.00m define-se a plataforma base da encosta, com exposição preferencial a Norte, que enquadra o Refeitório deste complexo escolar. As Tipuanas com os seus ramos contorcidos e caducos dispõem-se em torno do Refeitório e dando espaço à entrada de Luz no interior deste volume edificado transparente.

Os campos de jogo definem-se em plataformas intermédias. O Campo de Basquete, implantado entre o Refeitório e a futura ampliação da Escola Gomes Ferreira. O campo de futebol da da Escola José Gomes Ferreira à cota 82.20m até à cota 85.50m, referência superior da encosta, onde se encontra o edifício do Ginásio.



99. Refeitório - escadas de acesso ao **campo de basquetebol** e futura ligação pedonal à ampliação que irá ser desenvolvida na escola José gomes Ferreira pelo arquitecto Raul Hestnes Ferreira.



100. Escadas de acesso ao **campo de futebol** de quem vem do edifício do Ginásio existente da escola José gomes Ferreira.



101. Área das traseiras do Refeitório-Portaria de acesso para os alunos da escola da Quinta de Marrocos

A Poente, uma portaria à cota 75.50m controla a entrada de viaturas para o estacionamento adjacente à zona do Ginásio, o acesso associado às cargas e descargas da cozinha do refeitório e ainda a entrada de eventuais veículos de emergência com destino ao corpo de ampliação previsto para a EJGF, em desenvolvimento pela equipa do Arq. Hestnes Ferreira. O acesso dos alunos da Escola Quinta de Marrocos far-se-á por esta extrema.



102. Área Poente da alameda: equipamentos de manutenção | traseiras do refeitório, acesso à cozinha.



103. Alçado Poente do refeitório, acesso à cozinha | Alameda das Tílias, que trará acesso ao Ginásio da Escola José Gomes Ferreira, por construir atrás da vedação de obra.

A partir deste ponto desenvolve-se o acesso e enquadramento da área poente da Escola José Gomes Ferreira, ao longo da qual se oferece estacionamento à dita Escola, sob o coberto das copas frondosas das Tílias. (Esta alameda, adjacente ao Ginásio, surge como referência ao plano original definido para o Complexo Escolar da Quinta de Marrocos).



104. Área adjacente à entrada Norte do Ginásio da Escola José Gomes Ferreira.

A faixa de circulação e estacionamento, chega ao topo transformando-se num espaço-praça, ao qual as viaturas não têm acesso, em que as Tílias estão implantadas numa malha densa e quadrangular marcam a entrada no Ginásio.

Através de um espaço de paragem, com estadias e estacionamento para bicicletas, soluciona-se o encontro desta proposta com a área que se encontrava descaracterizada.

Planos verticais de betão aparente surgem como elementos estruturantes do espaço.

Contenções de plataformas de implantação dos equipamentos propostos, indicadores de percursos e rampas de acesso com declives máximos de circulação garantidos.



105. Sistema de muros de contenção | Alçado Norte do Ginásio da Escola José Gomes Ferreira | Primavera-Verão. Tipuanas, em 1.º plano, e Tílias em 2.º plano e nas cotas do Ginásio.



106. Sistema de muros de contenção com escadas de ligação entre as cotas do Refeitório e do Ginásio | Alçado Norte do Ginásio | Inverno.



107. Muros de betão com percursos pedonais e escadarias de ligação entre as diferentes cotas. Avistam-se as Tílias e as Tipuanas propostas.

Fluindo entre plataformas e relacionando espaços a diferentes cotas, através de escadas e rampas, desenha-se o percurso de passeio, com paragens frequentes, que caracteriza esta proposta.

Os planos verticais dos muros constroem relações de profundidade com estadias em bancos à sombra de núcleos de árvores, que se estendem às zonas de prado e onde se pode parar no intervalo para observar a actividade em redor.



108. Plataforma do Refeitório, envolvida por taludes, definidos com revestimento pratense de regadio (com rega automática), com zonas de estadias pontuais e associadas à plantação de Tipuanas.

4.7 ESCOLA EB1 ALBERTO VALENTE

data	2008 /2011
cliente	Sanjose Constructora
localização	Vale Flor - Pinhal Novo, Palmela, Portugal
área	5.050,00 m²
autoria	Rita Pacheco
colaboração	Frederico Soares e Verónica Almeida
fase de projecto	Concurso Concepção Construção Execução
arquitectura	Arq.º Luís Pacheco e Gima

Projecto desenvolvido no seguimento de um concurso de Concepção Construção.

Criou-se enquadramento vegetal arbustivo denso ao longo dos limites e para criar protecção dos ventos dominantes, sobrepondo-se no primeiro plano e por espécies aromáticas de porte mais baixo na faixa junto ao recreio.

O recreio do JI, que funciona separadamente do restante espaço exterior tem a desvantagem de estar exposto a Norte.

Os espécimes arbóreos propostos nesta área são de folha caduca - *Acer negundo*.

Num espaço contido pela vegetação, a Norte do Jardim de Infância, por baixo dos ramos das árvores, a existe um espaço de leitura em grupo ao ar livre. A sul, as salas têm portas com relação directa para a zona de recreio coberto.

A poente do pátio, numa zona de jogo com caixa de areia para as construções de areia e também uma área onde, envolvidos por arbustos, brincam numa cabana de madeira, definindo-se uma bolsa que permite aos educadores controlar o recreio dos alunos.

A meio do pátio, propõe-se um núcleo de 3 árvores (caducas) que definem um ponto de estadia vizinho ao centro de recursos, directamente ligado ao pátio.



O espaço de recreio é maioritariamente um espaço livre, pontualmente dotado de pequenas zonas de paragem, proporcionadas por bancos de betão aparente, com vários tamanhos e com as arestas boleadas.

Uma linha colorida, pintada no pavimento, orienta para Sul, os exercícios de evacuação, o caminho para o “ponto de fuga”, confluindo num grande alvo de cores vivas, que servirá diariamente como elemento de jogo.

A Sul/Poente, o campo de jogos com bancadas serve também como lugar de encenações ao ar livre.

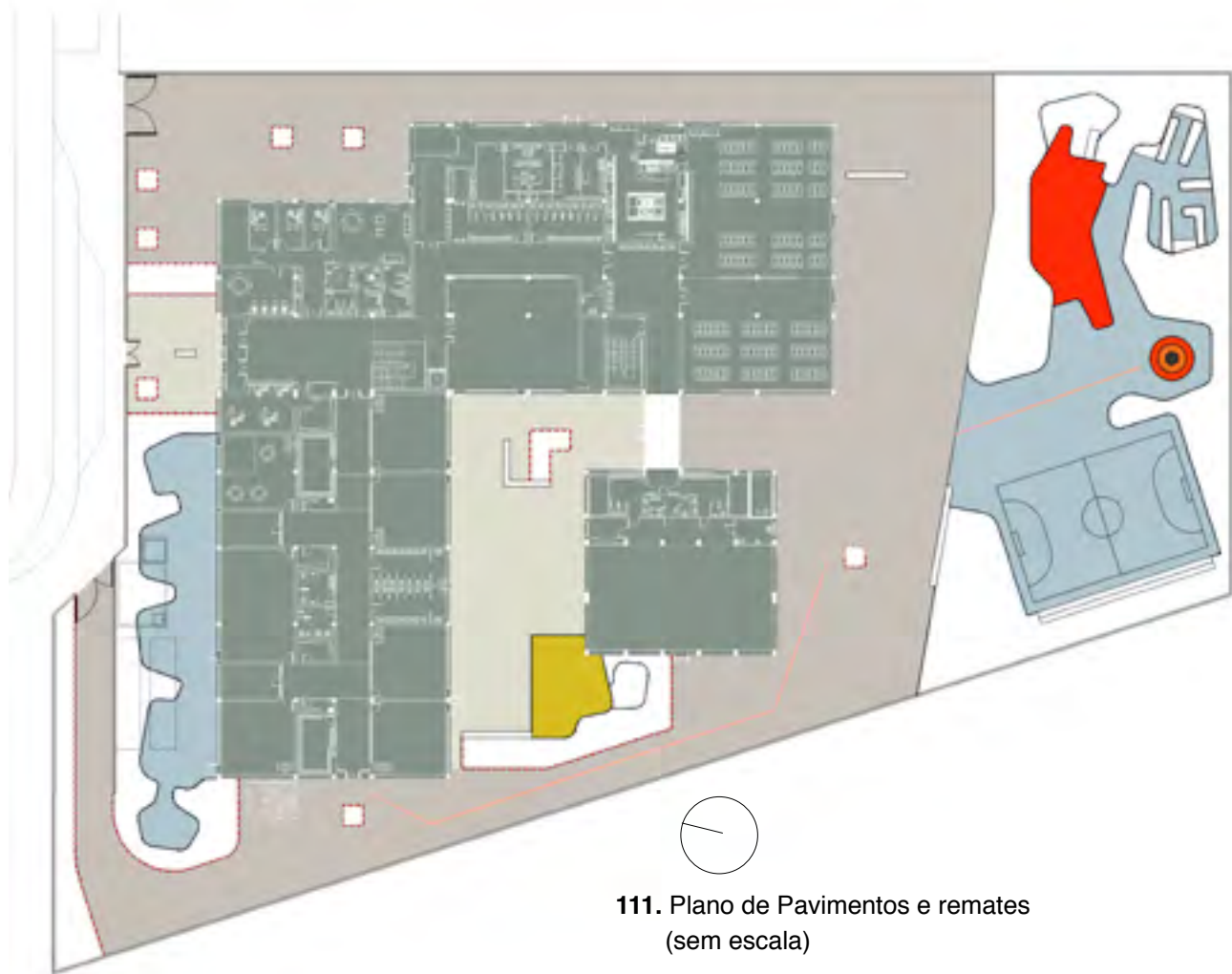
A sul do refeitório desenvolve-se adjacente ao edifício uma área de recreio coberto.

No limite Sul/Nascente do lote criam-se dois espaços: a horta pedagógica e a zona de equipamento do 1º ciclo.



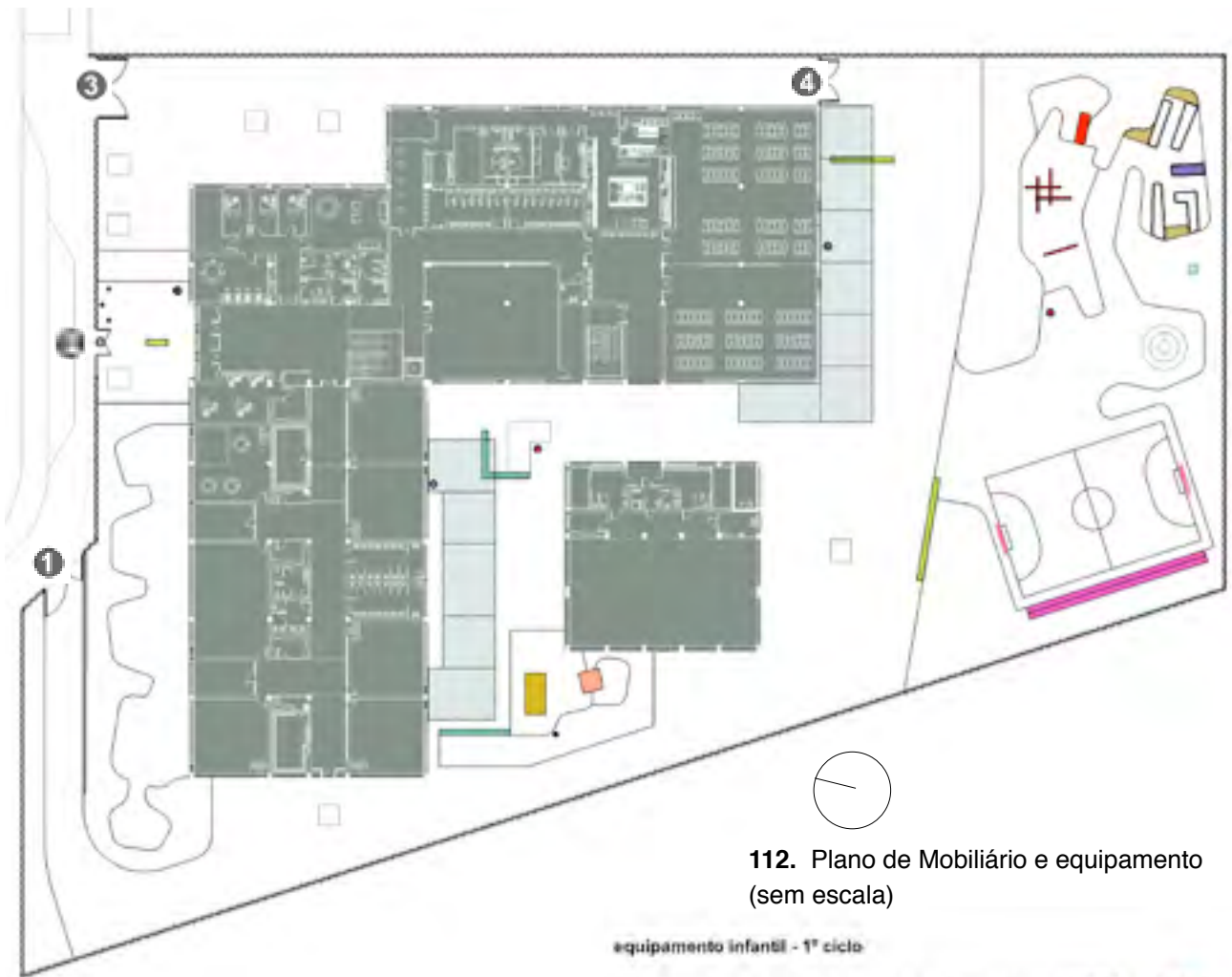
A horta pedagógica, define-se em módulos de betão sobrelevados (0.35m), revelando pequenos talhões de trabalho acompanhados por um aerogerador de 2 pás. Estabelece-se assim mote educativo para a sustentabilidade e para os ciclos naturais.

A zona de equipamento infantil para o 1.º ciclo, define-se numa área contínua, pavimentada com superfície de impacto em borra-cha dispondo de baloiço, equipamento de trepar e um escorrega (1.5m de diferença de cota) apoiado no talude.



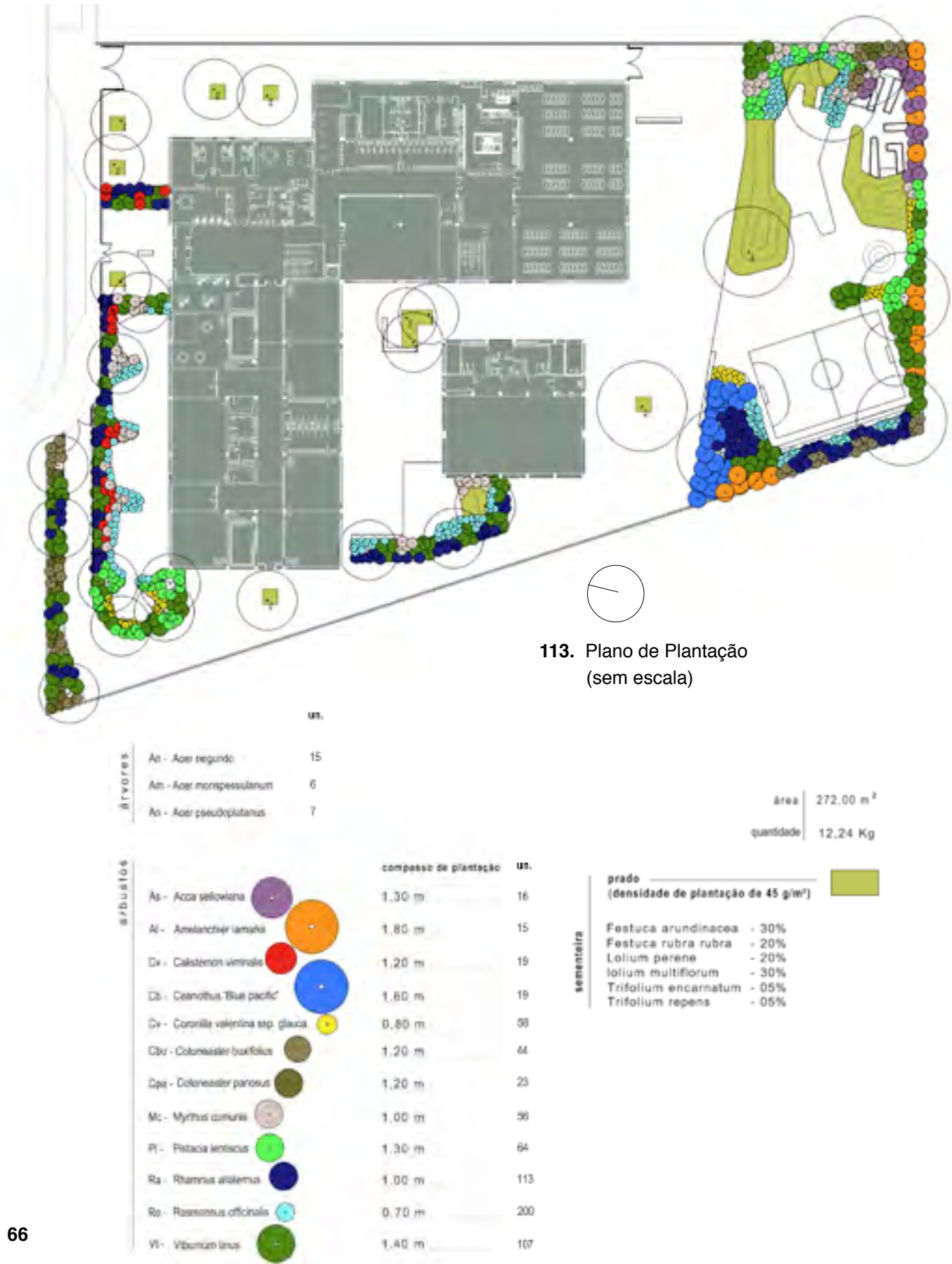
111. Plano de Pavimentos e remates
(sem escala)

pavimento em blocos de betão cúbicos e rectangulares - capacidade automóvel (2240m²)	
pavimento em blocos de betão cúbicos e rectangulares -capacidade pedonal (523m²)	
pavimento em betão poroso (934,49m²)	
superfície de impacto em borracha feito "in situ", RAL 1002 (100.85m²)	
pavimento em borracha feito "in situ", RAL 9011 (1.26m²) RAL 2009 (4.97m²) RAL 3016 (8.72m²)	
linha pintada no pavimento, RAL a definir em obra (114.55ml)	
lancil em betão com 0.08m de espessura (90.5ml)	
fiada simples de cubos de calcário (aresta de 0.11m)	



112. Plano de Mobiliário e equipamento
(sem escala)

		equipamento infantil - 1º ciclo
		balçoio com estrutura em madeira de dois lugares tipo art.F/7116 da SARBA
		escorrega em plano inclinado sem plataforma tipo art.153542 da HAQS
		equipamento de trepar tipo art.L/339 - cubo de ginastica da SARBA
		equipamento infantil - creche-jardim de infância
		caixa de areia com tampa tipo art.LLN/300 da SARBA
		Tomreira de água
		casinha em madeira tipo art.F/310 - tenda Dakota da SARBA
		portões 1 2 3 4
		pormenor construtivo
		B01
		B02
		B03
		B04
		B05
		bancadas do campo de jogo
		tanque da horta
		horta
		vedação tipo Bekuert
		mastro de bandeira
		papeleira tipo Tom da LARUS (RAL a definir em obra)
		bebedouro tipo linha da LARUS
		recreio coberto
		aerogerador de 3 KW com duas pás
		baliza com fixação ao solo tipo ref. A207005, com rede de polietileno entrançado ref. A208001, da FABRIGIMNO

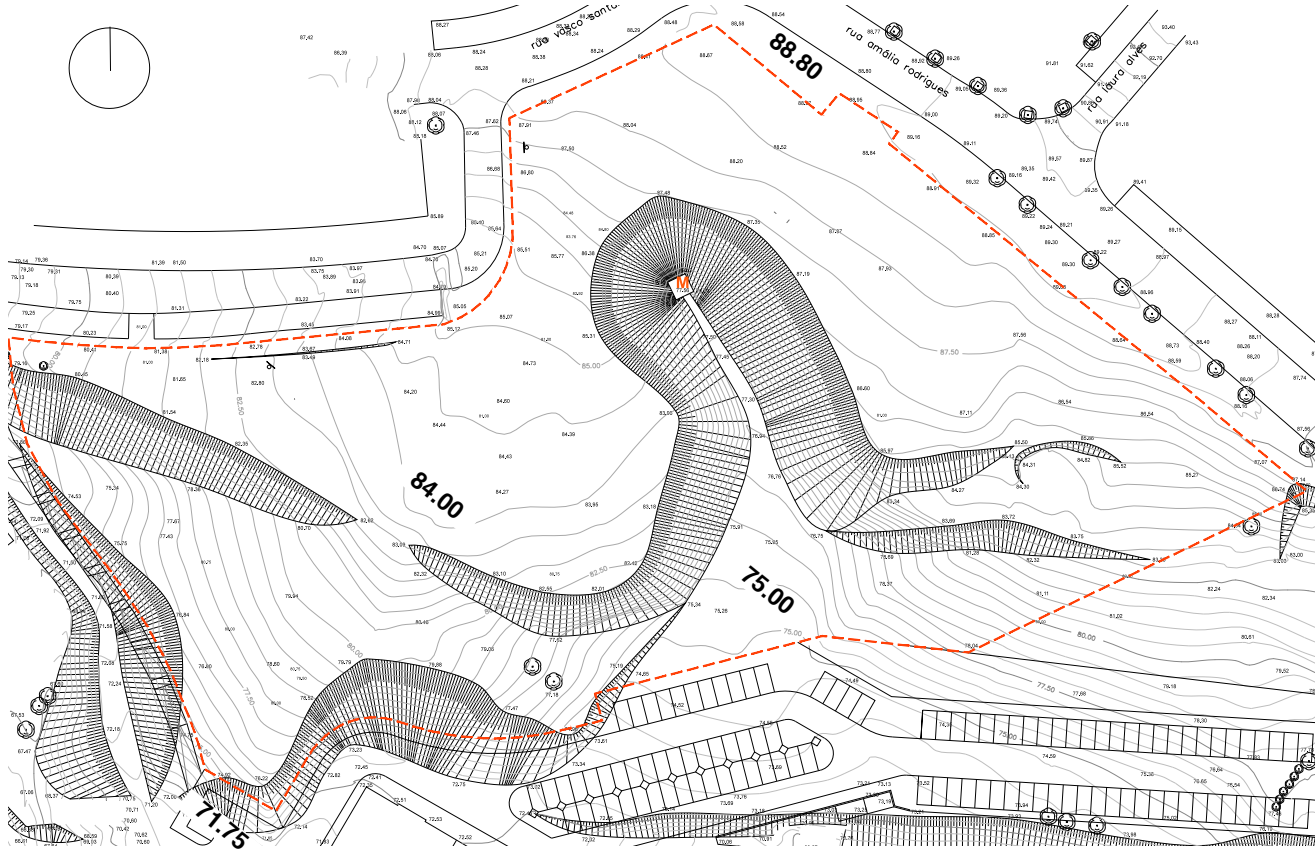


4.8 ESCOLA EB2,3 AVELAR BROTERO

data 2009 / ...
cliente Câmara Municipal de Odivelas
localização Odivelas, Loures, Portugal
área 9.834,00 m²
autoria Frederico Soares e Rita Pacheco
colaboração Maria Teles
fase de projecto Estudo Prévio | Licenciamento | Execução
arquitectura Arq.º Luís Pacheco e Gima Ida.

O espaço exterior da Escola 213 Avelar Brotero desenvolve-se através da modelação e transformação da encosta existente numa plataforma base de implantação do edificado, ao nível do piso -2 do refeitório e do campo de jogos coberto.

114. Levantamento existente / área de intervenção (sem escala)



A proposta para o espaço exterior serve-se da valência articuladora que o edifício oferece, relacionando as várias altimetrias:

- entrada principal - cota do arruamento adjacente a Norte (piso zero, cota 88.65m);
- piso do Auditório e salas de aulas (piso -1, cota 84.85m);
- Refeitório e campo de jogo (piso -2, cota 81.05m).

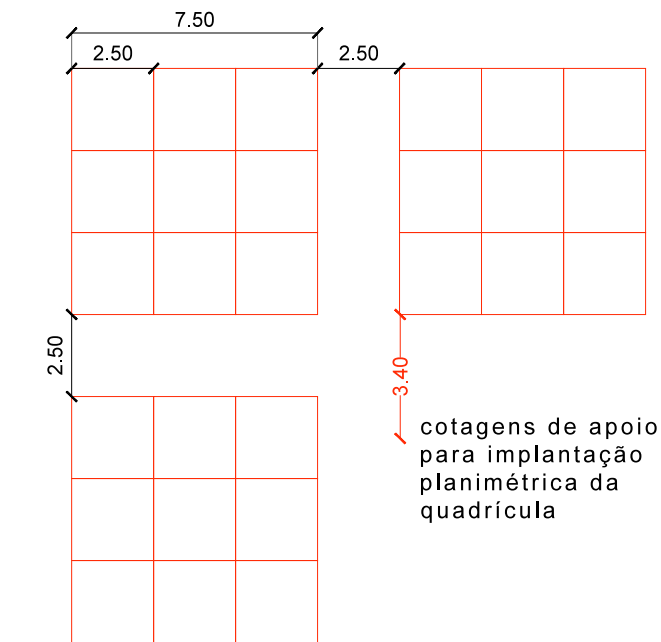
Da modelação proposta resultam duas situações topográficas distintas.

Uma a Norte - superfície vertical de contenção em gabiões, preenchidos com pedras de basalto, assentes sobre uma superfície horizontal revestida com gravilha basáltica, criando um cenário base onde em contraste se desenvolvem os fustes brancos de bétulas.

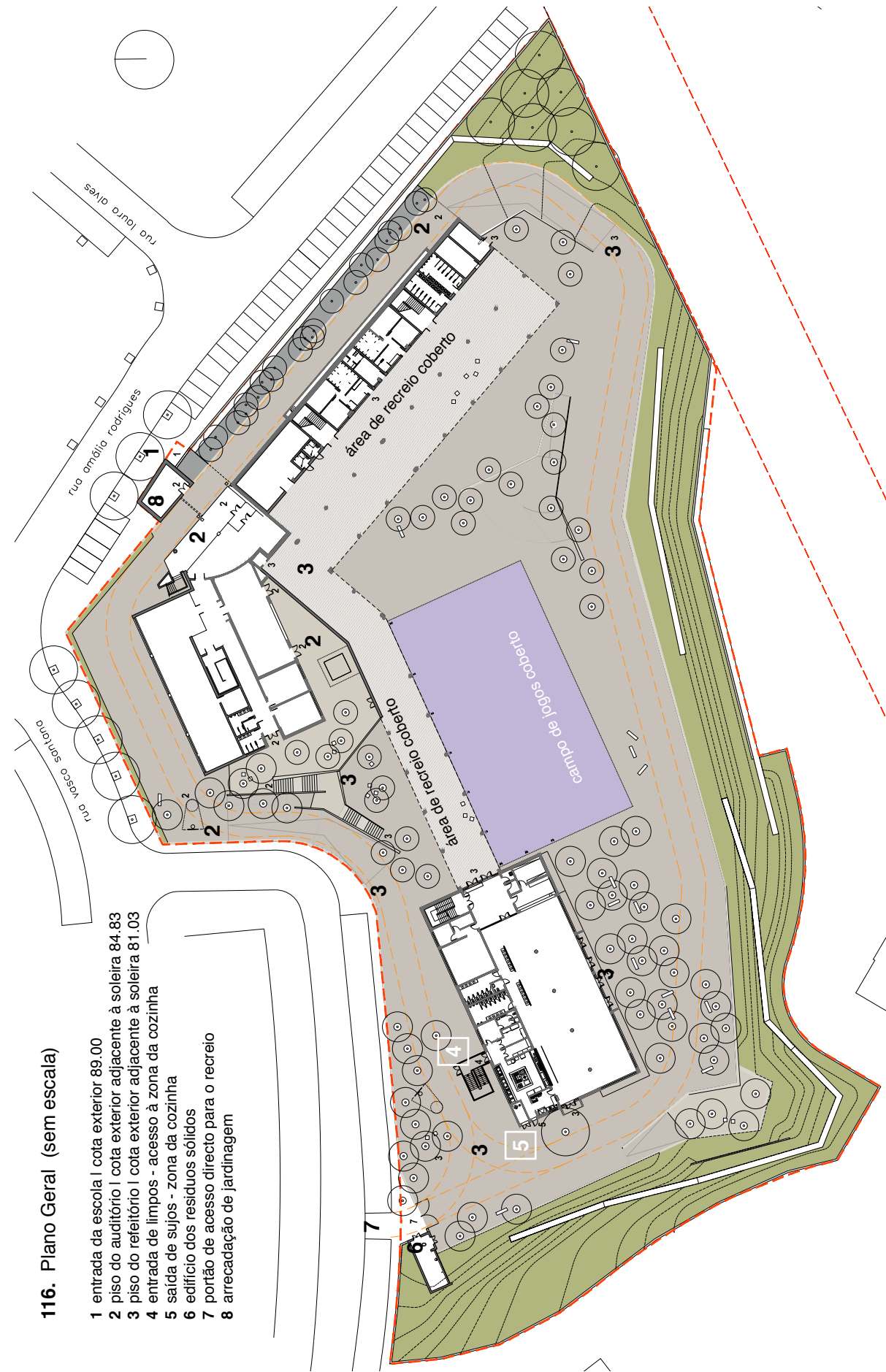
E outra a Sul / Poente - o aterro que cria a plataforma para implantação do edifício, com uma encosta declivosa que se estabiliza com a plantação de uma mata de características mediterrânicas, em todos os seus estratos – arbóreo, arbustivo e subarbustivo.

Com o tempo a mata terá um protagonismo de enquadramento esperado, envolvendo o recreio e promovendo uma barreira de vibrações sensíveis e de ciclos naturais.

115. Quadricula de plantação da mata



A unidade espacial de recreio resulta de relações com o edifício em interacção interior – exterior, sendo possível o atravessamento a partir do exterior entre os alçados sul e norte.





117. Plano de plantação de árvores e trepadeiras
(sem escala)

- An 1 - *Acer negundo* - pap 16l18

An 2 - *Acer negundo* - pap 14l16

Am 1 - *Acer monspessulanum* - pap 14l16

Am 2 - *Acer monspessulanum* - pap 12l14

Ap 1 - *Acer pseudoplatanus* - pap 18l20

Ba 1 - *Betula alba* - pap 16l18

Ba 2 - *Betula alba* - pap 14l16

Ba 3 - *Betula alba* - pap 12l14

Pp 1 - *Pinus pinea* - pap 22l26

Pp 2 - *Pinus pinea* - pap 18l20

Pp 3 - *Pinus pinea* - pap 16l18

Ps 1 - *Prunus serrula* - pap 16l18

Ps 2 - *Prunus serrula* - pap 14l16

Ps 3 - *Prunus serrula* - pap 12l14

Qca 1 - *Quercus canariensis* - pap 16l18

Qca 2 - *Quercus canariensis* - pap 14l16

Qco 1 - *Quercus coccinea* - pap 16l18

Qco 2 - *Quercus coccinea* - pap 14l16

Qfa 1 - *Quercus faginea sub. broteroi* - pap 16l18

Qfa 2 - *Quercus faginea sub. broteroi* - pap 14l16

Qru 1 - *Quercus rubra* - pap 16l18

Qru 2 - *Quercus rubra* - pap 14l16

- Cs 1 - *Ceratonia siliqua* - C70 pap 14l16

Cs 2 - *Ceratonia siliqua* - C30 pap 6l8

Cs 3 - *Ceratonia siliqua*- C10 alt.150/200 cm

Oe 1 - *Olea europaea* - C50 pap 14l16

Oe 2 - *Olea europaea* - C12 pap 6l8

Oe 3 - *Olea europaea* - C3 (3anos)

Qs 1 - *Quercus suber* - C30 pap 10l12

Qs 2 - *Quercus suber*- C50 alt.175/200 cm

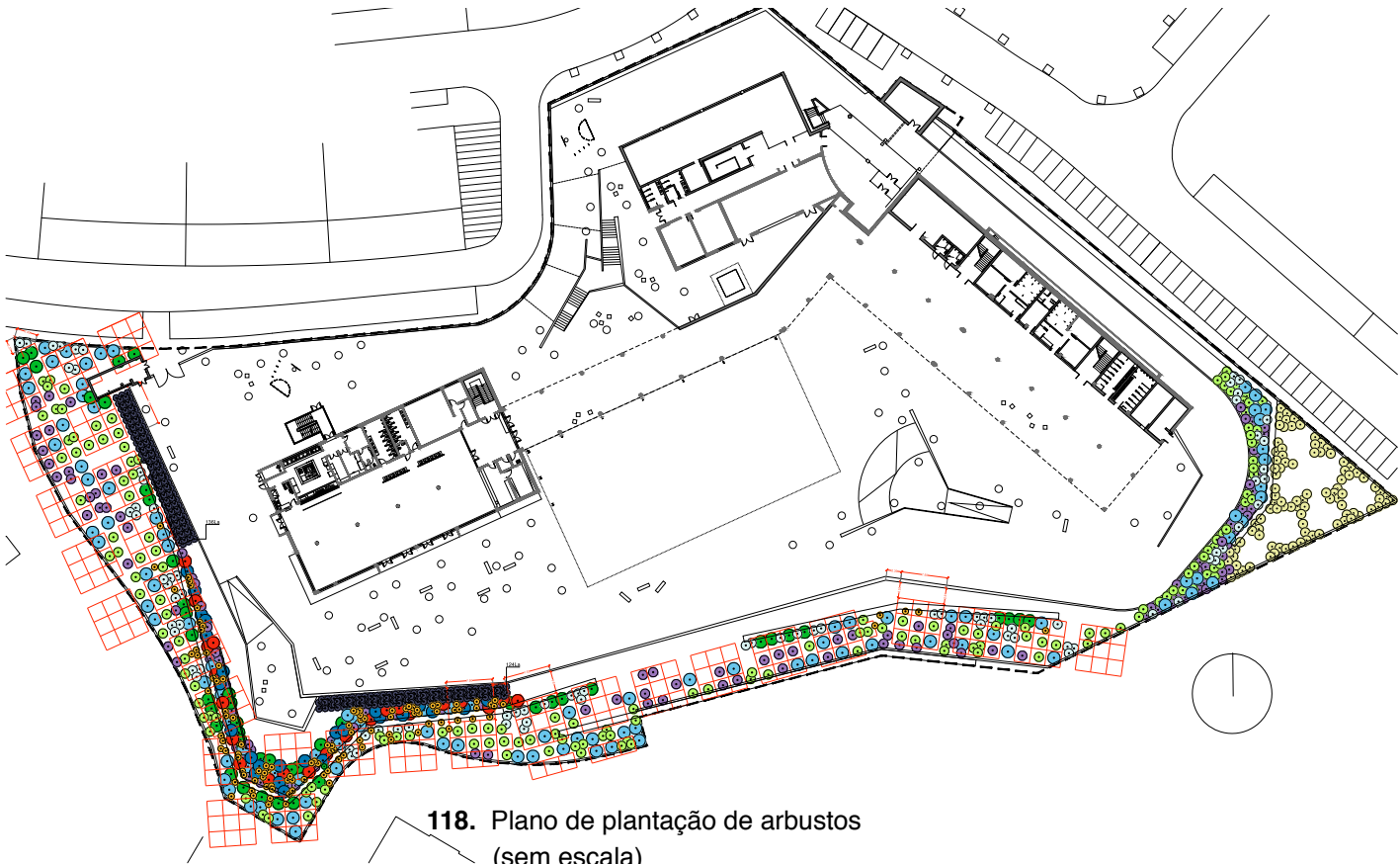
Qs 3 - *Quercus suber*- C10 alt.100/125 cm

Qfa 1 - *Quercus faginea sub. broteroi* - C30 pap 10l12

Qfa 2 - *Quercus faginea sub. broteroi* - C50 alt.175/200 cm

Qfa 3 - *Quercus faginea sub. broteroi*-C10 alt.100/125 cm
- Ha - *Hedera helix*

Pq - *Parthenocissus quinquefolia*



118. Plano de plantação de arbustos
(sem escala)

		un.	compasso de plantação
	Au - <i>Arbutus unedo</i>	104	1.70 m
	Cm - <i>Crataegus monogyna</i>	22	1.70 m
	La - <i>Lavandula angustifolia</i>	260	0.70 m, em quincôncio
	Mc - <i>Myrtus communis</i>	157	1.20 m
	Pl - <i>Pistacia lentiscus</i>	118	1.20 m
	Ps - <i>Prunus spinosa</i>	25	1.40 m
	Qc - <i>Quercus coccifera</i>	111	0.60 m
	Rc - <i>Rosa canina</i>	82	1.20 m
	Ue - <i>Ulex europaeus</i>	95	1.20 m
	Vt - <i>Viburnum tinus</i>	46	1.40 m

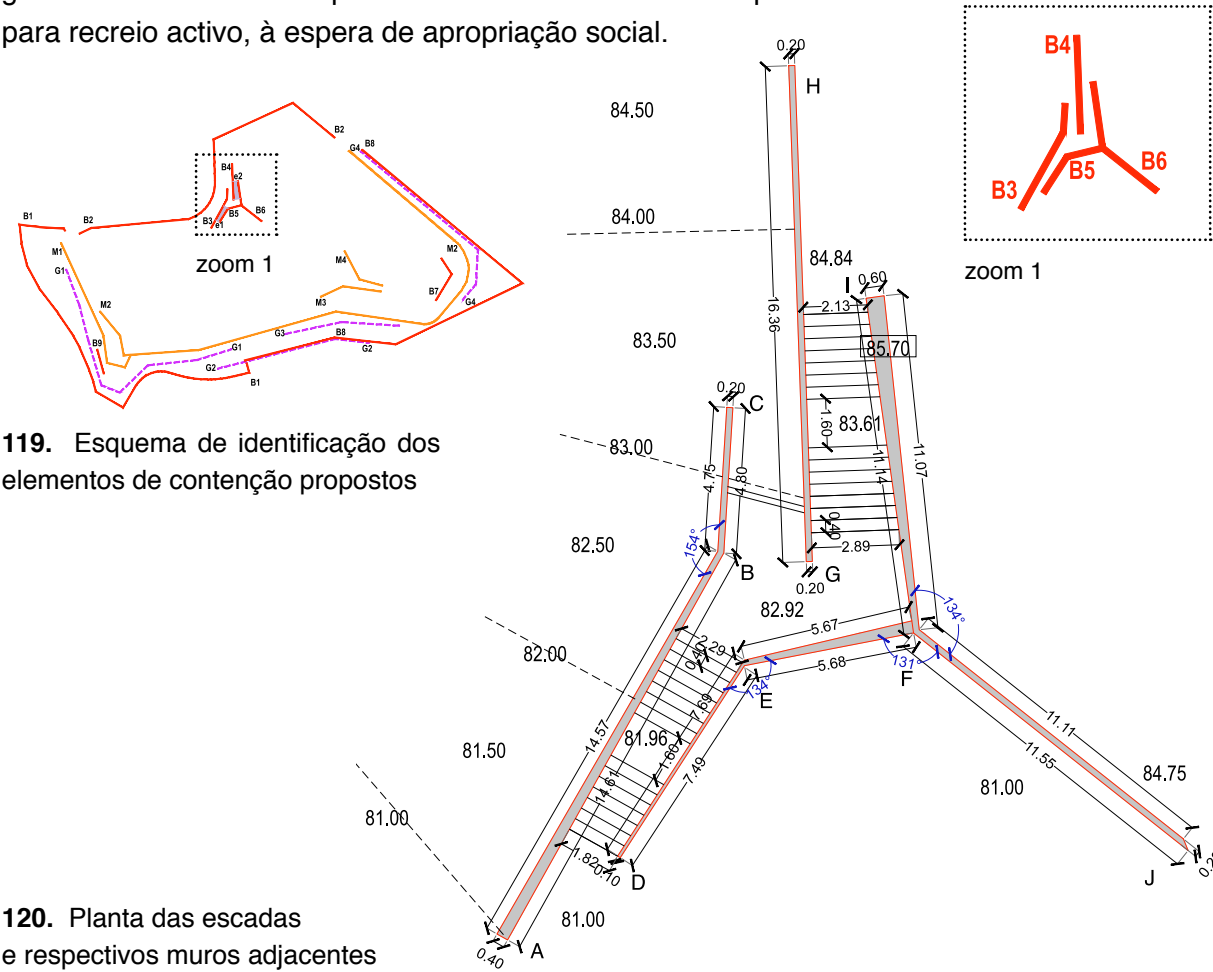
arbustos

Propõe-se uma praça de carvalhos em frente à sala de convívio e refeitório, plantados numa métrica ortogonal alternados com bancos em betão.

O recreio relaciona-se com Poente e com o vale através da criação de uma zona de miradouro, resultante do rebaixamento das cotas do plano de pavimento, criando estadia.

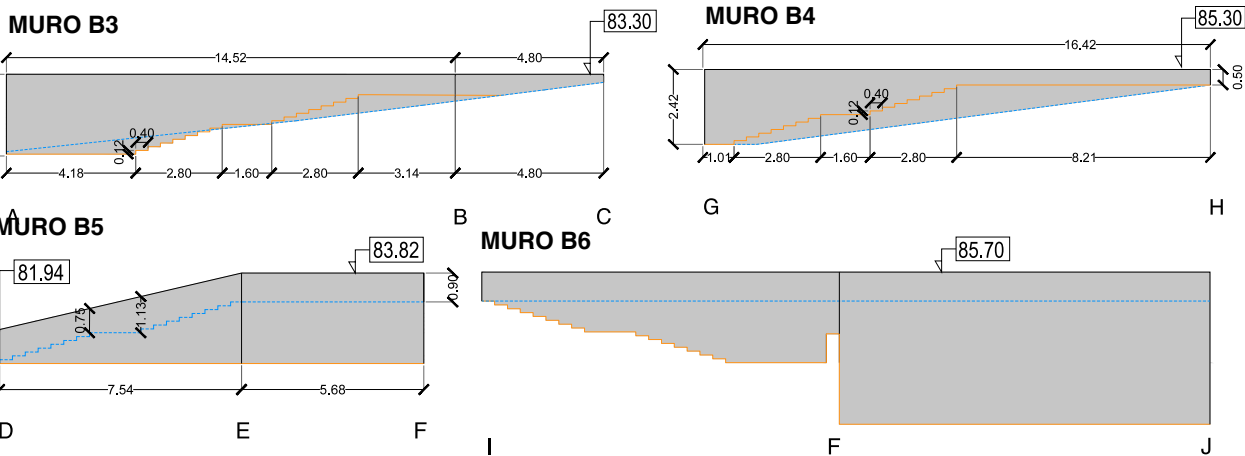
Um outro ponto de estadia desenvolve-se através do destaque de um plano que convida à paragem e simultaneamente promove flexibilidade de circulação através de duas rampas asfaltadas.

Sucedem-se espaços implantados a diferentes cotas, associados a elementos de contenção em betão que são também zonas esta-dia. Escadas e muros, através de percursos pedonais, revelam lu-gares com carácter mais privado assim como outros com potencial para recreio activo, à espera de apropriação social.



119. Esquema de identificação dos elementos de contenção propostos

120. Planta das escadas e respectivos muros adjacentes

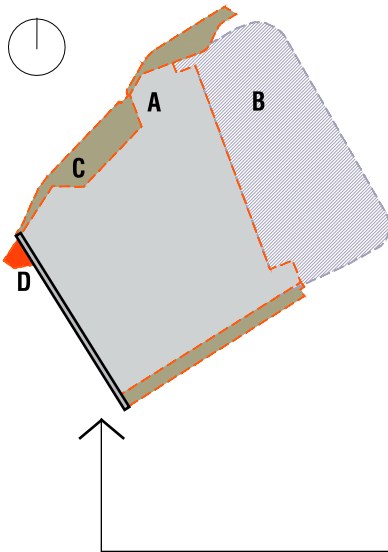


4.9. REQUALIFICAÇÃO DA ESCOLA EB 2,3 VISCONDE JUROMENHA

data	2009 /...
cliente	Câmara Municipal de Sintra
localização	Mem Martins, Sintra, Portugal
área interior	13.895,00 m²
área exterior	3.437,00 m²
autoria	Frederico Soares e Rita Pacheco
colaboração	Catarina Bettencourt, Mafalda Jácome e Verónica Almeida.
fase de projecto	Estudo Prévio Licenciamento Execução
arquitectura	Arq.º Luís Pacheco e Gima

A Escola Visconde de Juromenha EB 2,3 a requalificar, insere-se num contexto urbanístico que está a ser ordenado por um plano de pormenor. Este plano prevê alterações nos arruamentos adja-centes e a criação de acessos ao equipamento escolar. A planta de enquadramento representa a situação a construir e não aquela que existe hoje.

O projecto de requalificação da escola EB2,3 é simultaneo ao da escola JI/EB1 vizinha. Estão incluídas áreas exteriores à escola no projecto da Escolas, respeitante aos estacionamento adjacentes e ao ajuste altimétrico que é necessário efectuar. (áreas C e D do esquema seguinte)



121. Esquema das áreas de intervenção

- A. EB 2 / 3 Visconde Juromenha
- B. EB 1 / JI Visconde Juromenha
- C. áreas de intervenção exteriores à escola
- D. área de acerto altimétrico, no topo Norte do muro de pedra existente

O Ginásio e o Centro de Recursos estão implantados a cotas que, no limite Poente, encontram um muro de contenção singular, “em pedra posta” com grandes blocos de pedra, este muro será man-tido, apenas se prevendo a reconstrução do coroamento do mesmo.

122. Muro de contenção no limite Poente do lote da Escola.

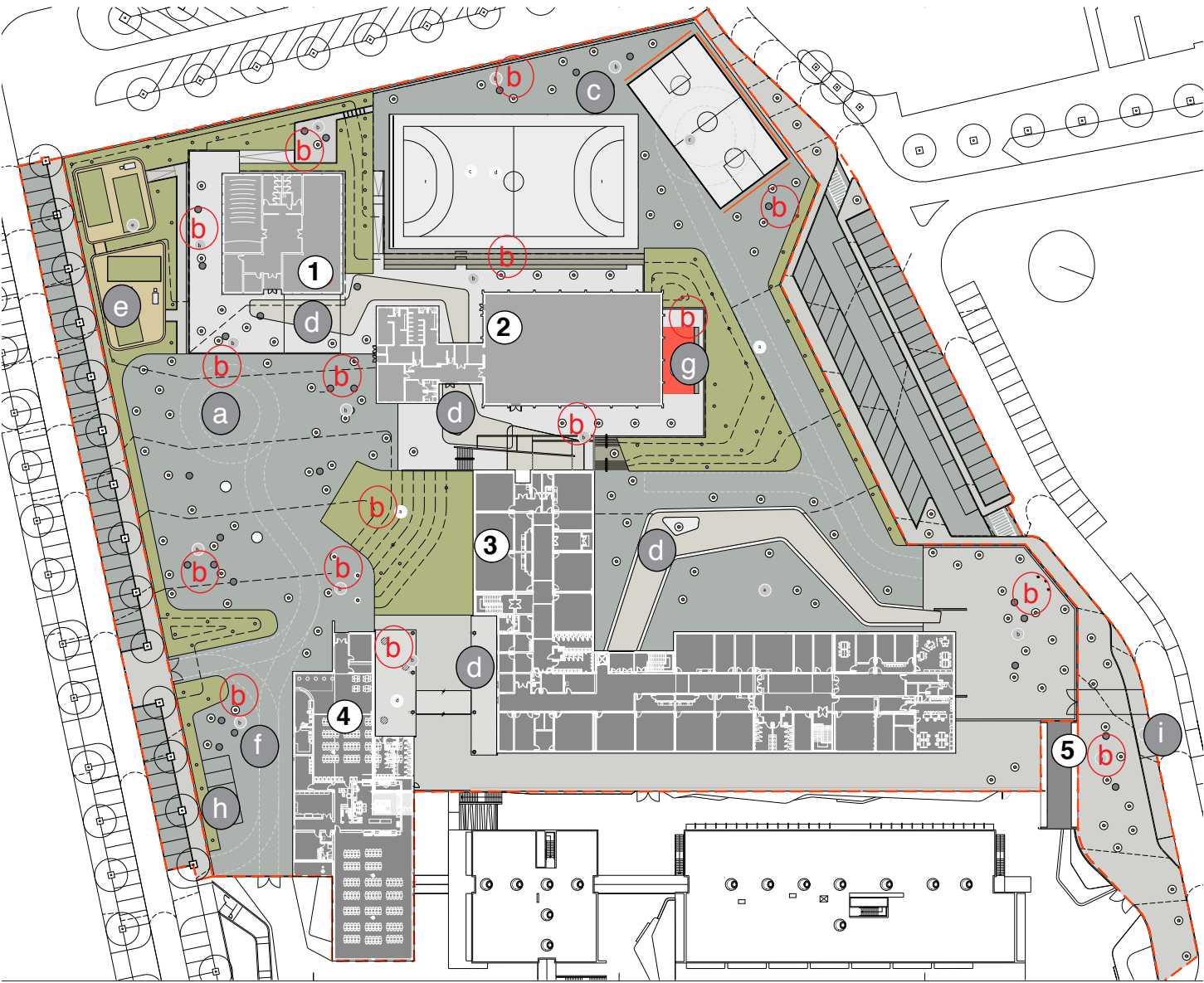


123. Planta de enquadramento (sem escala)



O projecto preserva o antigo ginásio e biblioteca e propõe um novo corpo edificado, com acesso às cotas dos arruamentos adjacente. Por um lado a implantação do Refeitório relaciona-se com a frente urbana a Sul, por outro lado, na relação com a envolvente a Norte, implantado um piso abaixo da situação anterior, desenvolve-se um novo corpo escolar, com uma ligação ao refeitório ao nível do piso 1 deste último edifício.

74 A proposta integra altimetricamente o edificado, recorrendo a muros de contenção e a modelações do terreno que criam o suporte para o espaço exterior.

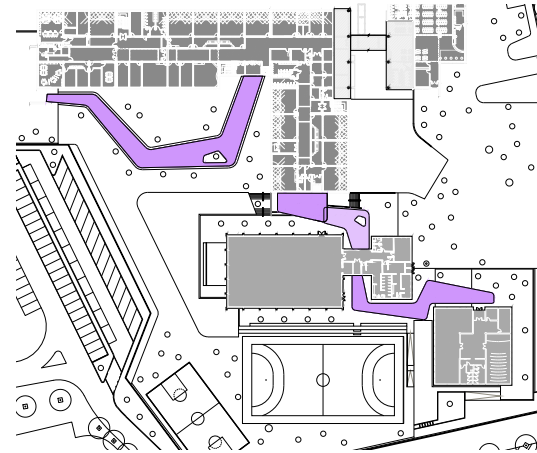


124. Plano Geral (sem escala)

- LEGENDA
- a área de recreio livre
 - b zona de estadia
 - c campos de jogo
 - d recreio coberto
 - e horta pedagógica
 - f área de serviço
 - g parede de escalada
 - h estacionamento / cargas e descargas às cozinha
 - i área de paragem para viaturas / estacionamento para autocarro escolar
 - limite de intervenção
 - circulação de emergência

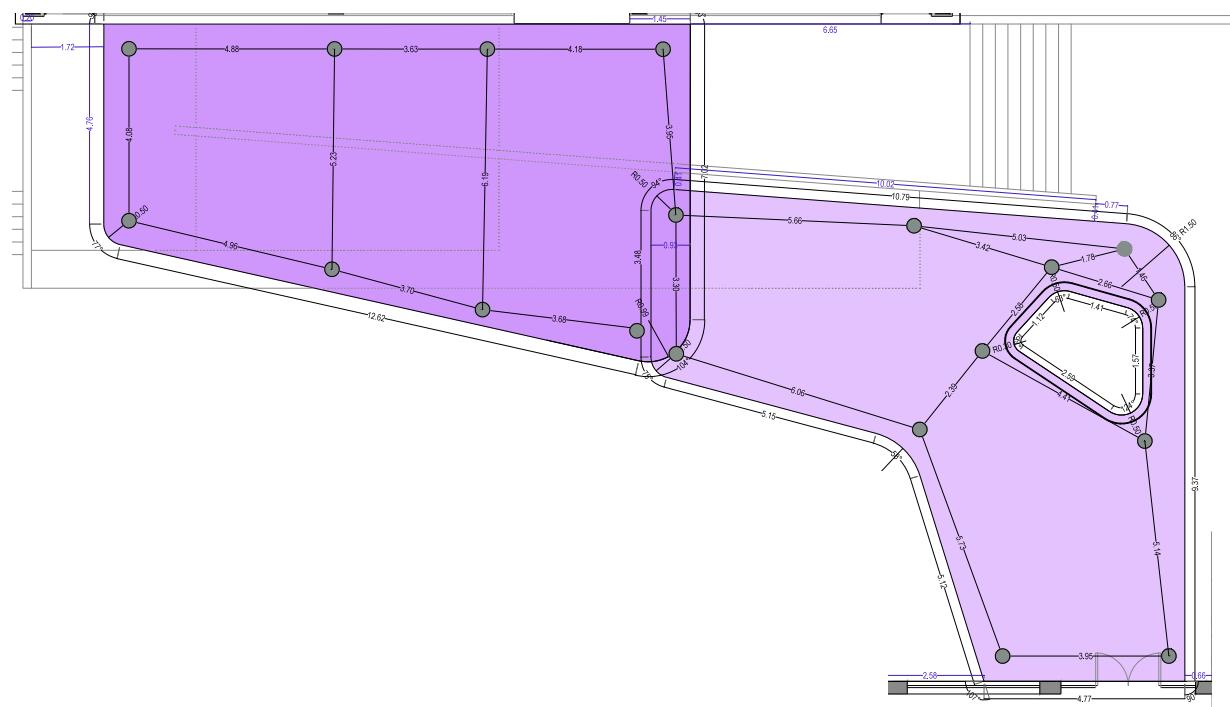
A entrada da escola faz-se pela frente Norte, directamente para uma plataforma única, à cota 203.00m. O acesso dos alunos, ao corpo edificado, é feito por uma entrada lateral para onde são conduzidos por uma estrutura que serve simultaneamente de recreio coberto.

A ligação coberta entre os vários corpos que constituem o edificado escolar, é assegurada pelo conjunto de coberturas que permitem uma circulação abrigada.

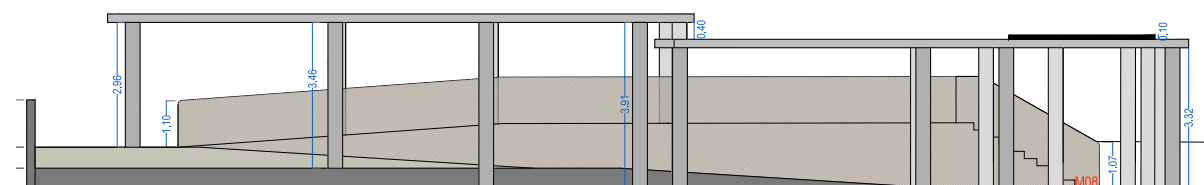


125. Estruturas cobertas propostas de ligação entre o edificado e de recreio coberto.

126. planta de cobertura RC2 I implantação planimétrica



alçado 111'



127. ALÇADO 111'



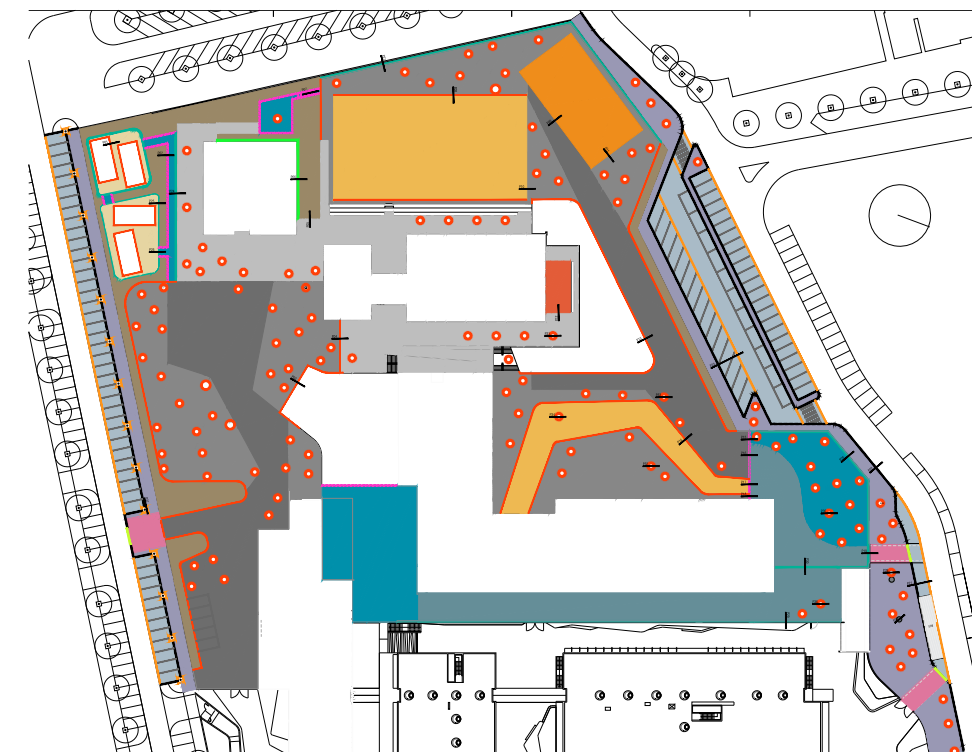
128. Horta pedagógica















Junto ao limite Poente, à cota altimétrica 204.00m, cria-se uma plataforma onde os campos de jogos (um dos quais coberto) estão implantados, com acesso directo do ginásio e com umas bancadas em betão aparente, a executar “in situ”.

A horta pedagógica dispõe-se a Sul do Centro de Recursos, delimitada com faixas arbustivas, enquadrada em talhões de plantação, com pontos de água e bancadas de trabalho.

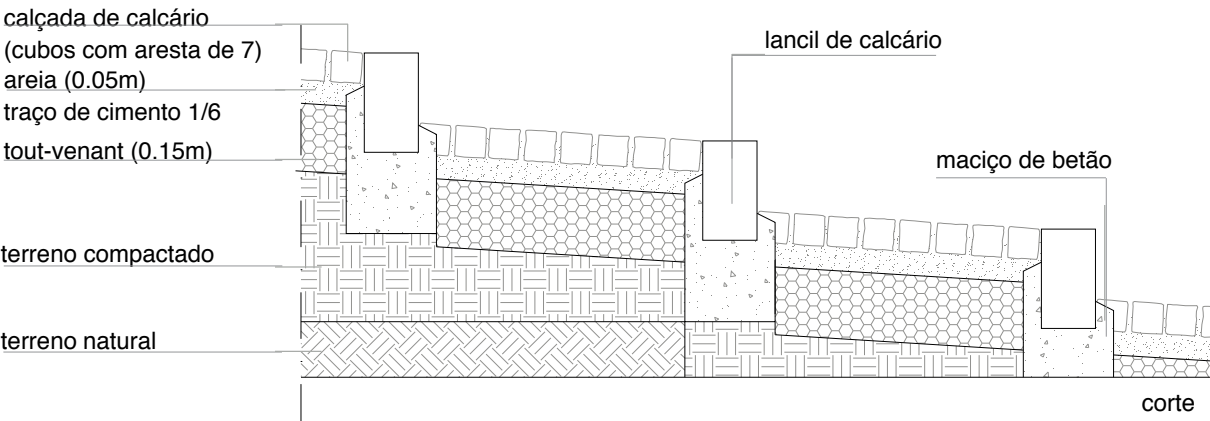
A Sul, entre o Centro de Recursos (cota 205.50m) e o Refeitório (cota 206.80m), surge uma superfície ampla e desimpedida, delimitada por árvores e pontuada por locais de estadia, que funciona como um local de recreio.

129. Plano de pavimentos e revestimentos

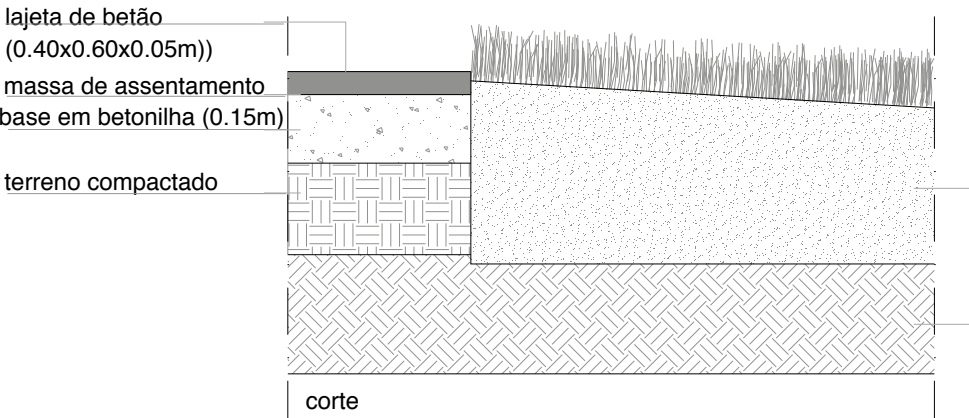


- | | | | |
|---|--|---|--------------------------------------|
|  | betão poroso (capacidade pedonal) |  | betonilha |
|  | betão poroso (capacidade automóvel) |  | eco-saibro |
|  | betuminoso asfáltico (capacidade pedonal) |  | lajetas de betão |
|  | betuminoso asfáltico (capacidade automóvel) |  | caixa de areia (parede de escalada) |
|  | calçada de calcário (capacidade pedonal) |  | solo revestido com casca de pinheiro |
|  | calçada de calcário (capacidade automóvel) | | |
|  | betuminoso asfáltico exterior da escola (capacidade automóvel) | | |
|  | bocos de betão (capacidade pedonal) | | |
|  | bocos de betão (capacidade automóvel) | | |

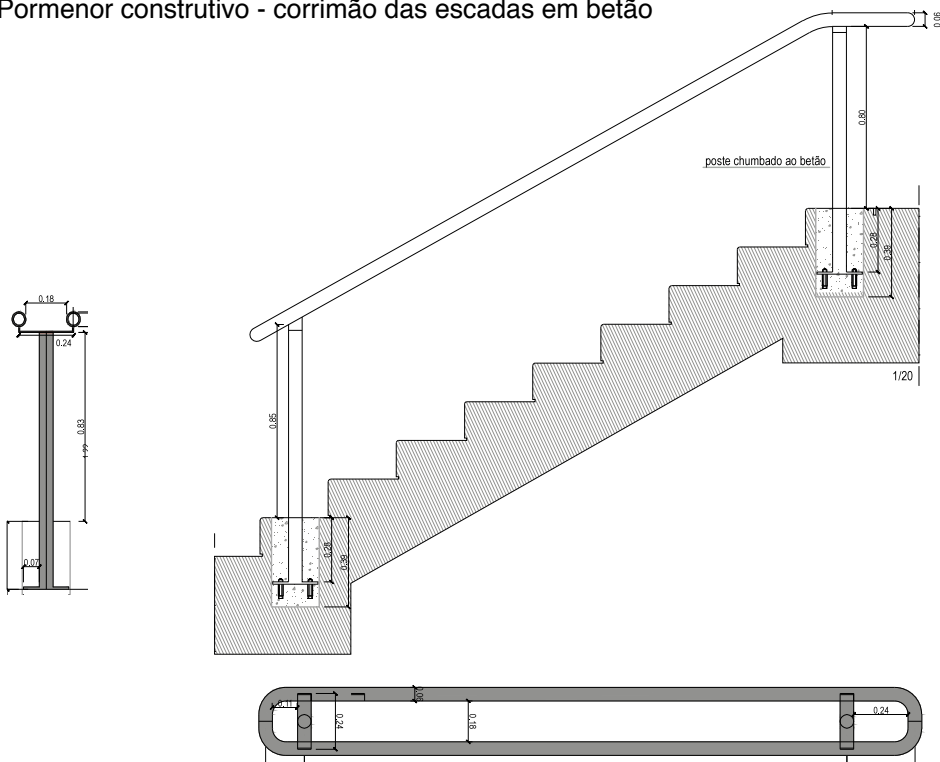
130. Pormenor construtivo - degraus rampeados



131. Pormenor construtivo - lajetas de betão / zona verde



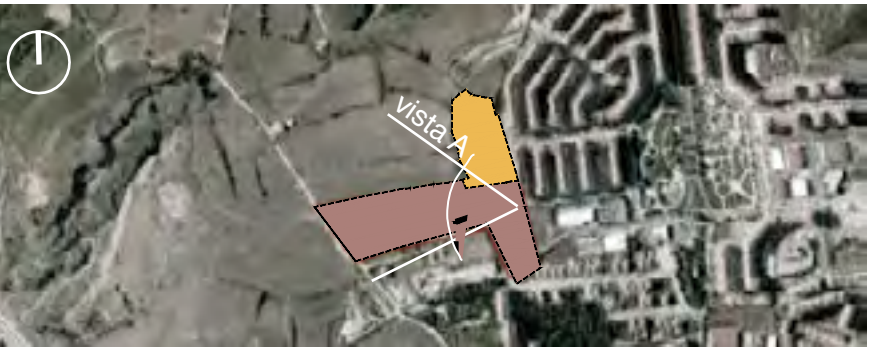
132. Pormenor construtivo - corrimão das escadas em betão



4.10 ESCOLA EB1/JI DE COLARIDE

data	2009 /...
cliente	Câmara Municipal de Sintra
localização	Colaride, Sintra, Portugal
área	2,68 ha
autoria	Frederico Soares e Rita Pacheco
colaboração	Catarina Bettencourt, Mafalda Jácome, Raquel Estrócio e Verónica Almeida.
fase de projecto	Estudo Prévio Licenciamento Execução
arquitectura	Arq.º Luís Pacheco e Gima Ida.

A área de intervenção situa-se num contexto de transição entre espaço urbano denso e estruturado e uma paisagem rural de anteriores campos agricultados, hoje maioritariamente desocupados.



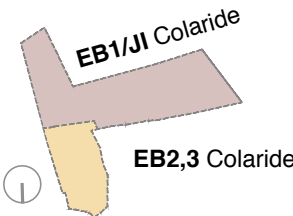
133. Fotografia aérea da área de intervenção

A poente a Serra de Sintra caracteriza o horizonte.



134. Vista A - Serra de Sintra ao longe

O lote que a câmara disponibilizou para o desenvolvimento da Escola de Colaride tem um limite que se assemelha com a letra “T”. A área de intervenção da EB1/JI assemelha-se a um “L”.



135. Áreas de intervenção:

EB1/JI Colaride
EB2/3 Colaride (com o projecto desenvolvido por outra equipa)



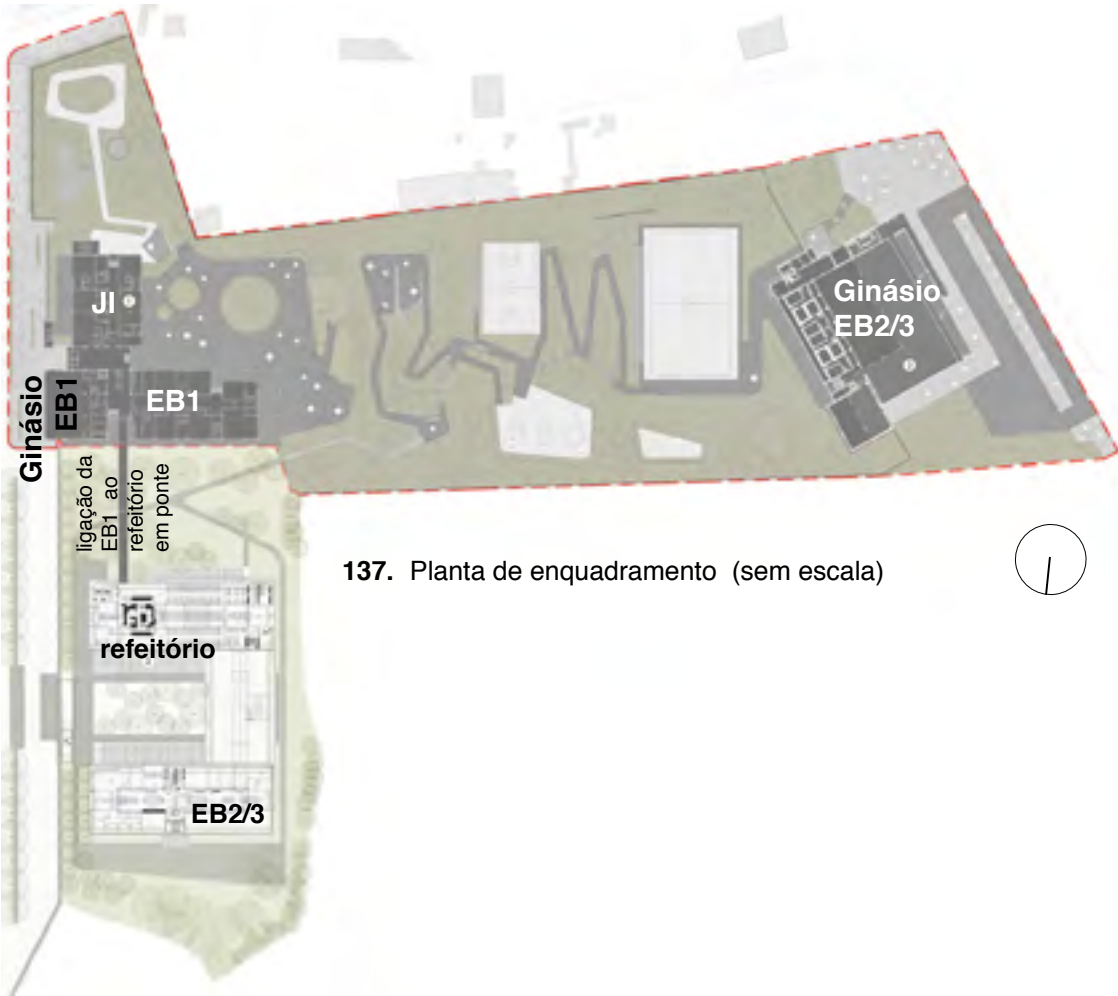
Área com acesso público
Recreio EB1
Recreio e Campos de jogo EB1 e EB2,3
Recreio JI

136. Tipologia das áreas de intervenção EB1/JI

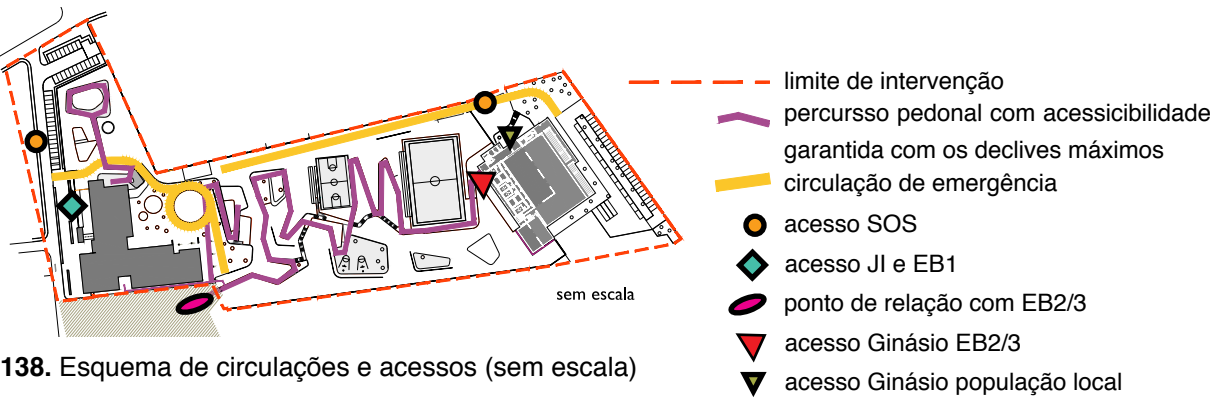
Nesta área de intervenção será implantado o programa de recreio da escola EB2/3 (Escola Básica - 2.º e 3.º ciclos), tendo sido criado, em colaboração com a equipa vizinha, uma relação directa e livre ao espaço de recreio na encosta. Ao JI (Jardim de Infância) e à EB1 (Escola Básica - 1.º ciclo) atribuem-se áreas de recreio autónomas, mantendo apesar disso o acesso aos campos de jogo aos alunos do primeiro ciclo, mas com o acompanhamento dos seus educadores, uma vez que será necessário abrir um portão. Esta articulação da EB1 com a EB2/3 implicou a criação de limites no interior da referida área de intervenção.

O Refeitório está implantado no edifício da EB2/3, para o acesso dos alunos do 1.º ciclo, foi criada uma ponte de ligação entre os dois blocos.

Há ainda um aspecto a referir em relação ao Ginásio da EB2/3, que se trata do facto do seu uso ser extensível à comunidade local, existindo um estacionamento no espaço público adajacente e uma entrada autónoma, que permite que o seu uso seja totalmente independente da espaço escolar.



137. Planta de enquadramento (sem escala)



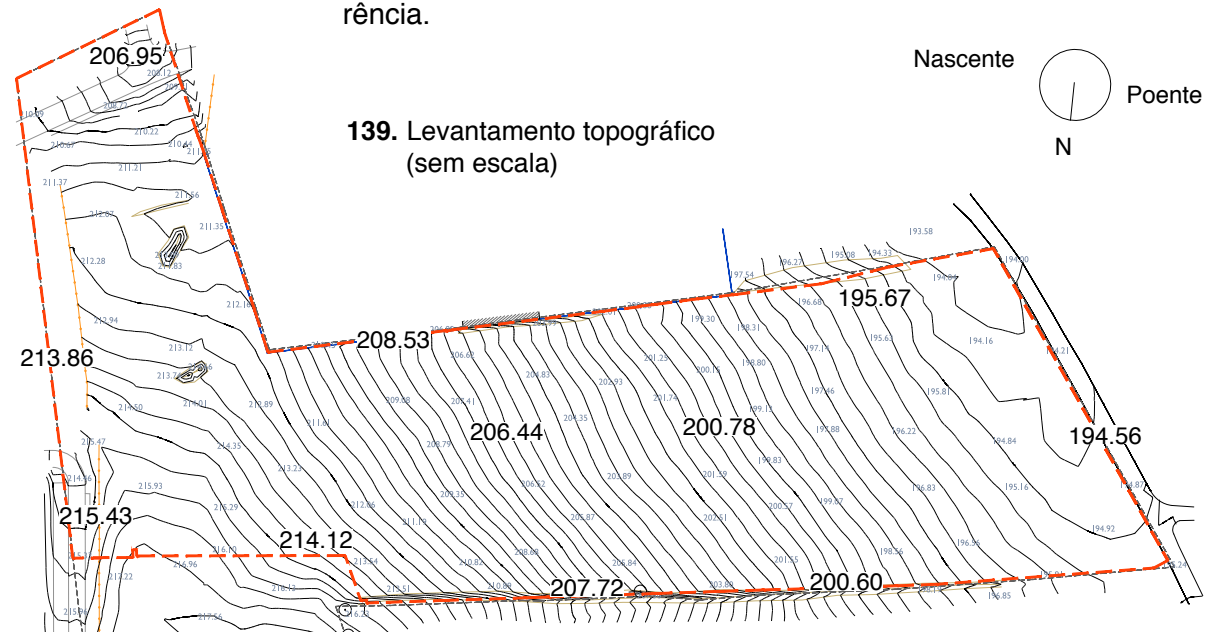
138. Esquema de circulações e acessos (sem escala)

O terreno apresenta um declive constante orientado de nascente para poente, com cerca de 26.803,00m². Actualmente, a Nascente, a área encontra uma frente urbana organizada que virá a servir de acesso ao edifício Escolar, no topo oposto, prevê-se a construção de um arruamento, substituindo o actual caminho de terra batida, que trará acesso viário e pedonal ao Ginásio da Escola de Colaride.

Na proposta topográfica define-se a implantação dos percursos pedonais em conjunto com a procura da distância mais curta entre plataformas e a possibilidade de circular em rampas com os declives máximos garantidos.

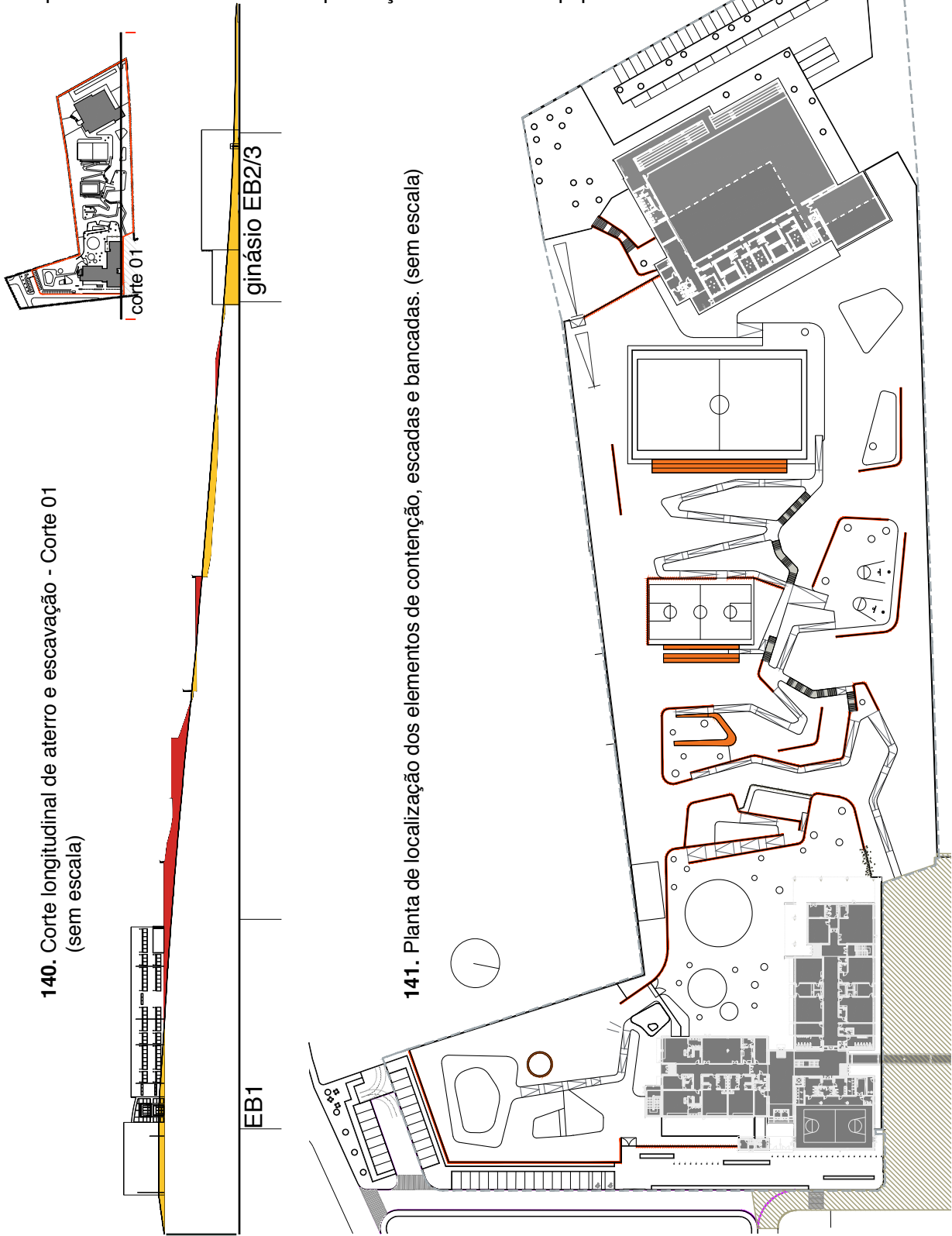
O acesso para veículos de emergência faz-se nos dois topos do terreno, a diferentes cotas, um pela entrada nascente, outro pela entrada poente, sendo totalmente independentes e sem relação.

Propos-se a mestragem das chaves de todos os portões para que o acesso dos bombeiros seja facilitado no socorro de uma ocorrência.

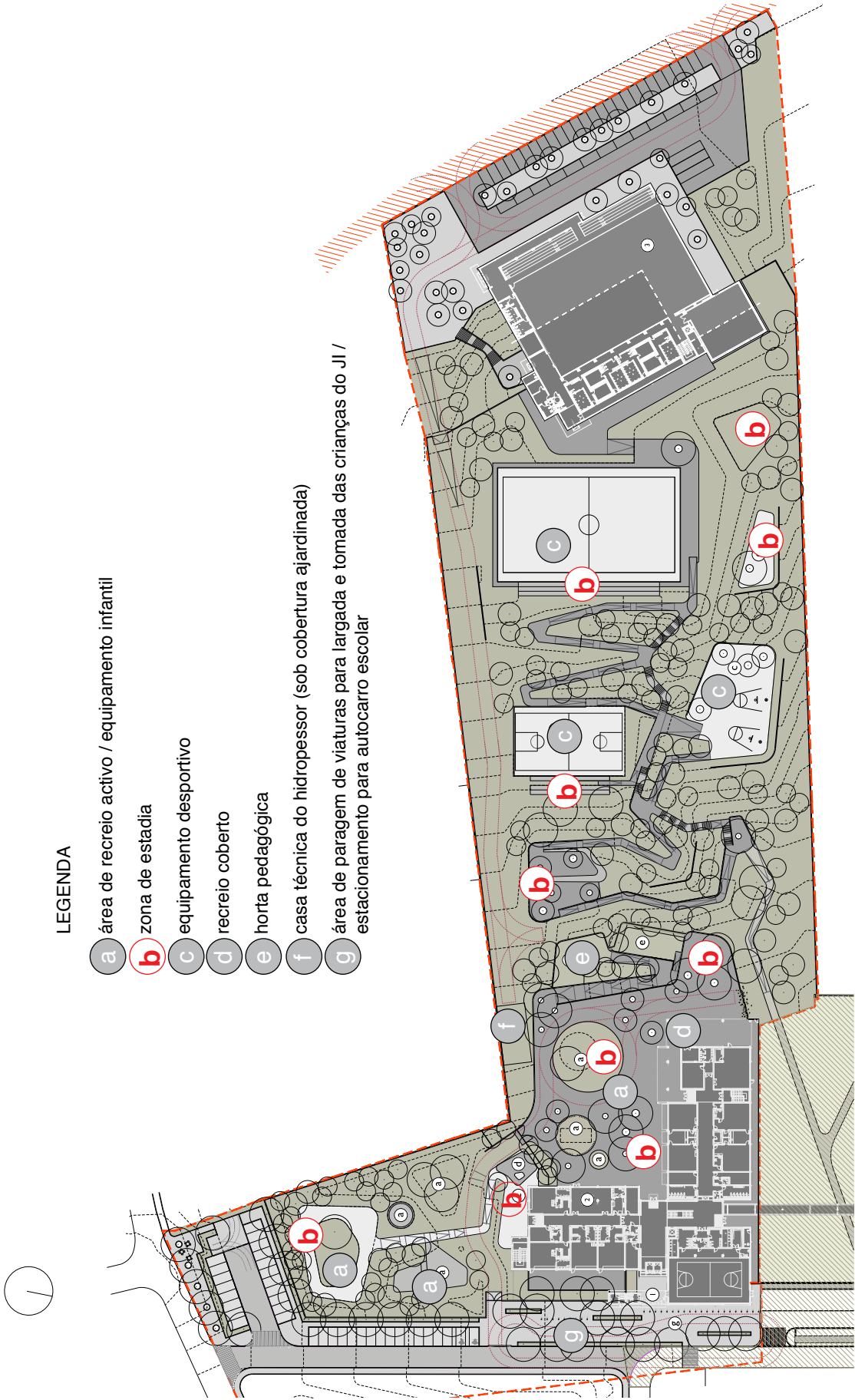


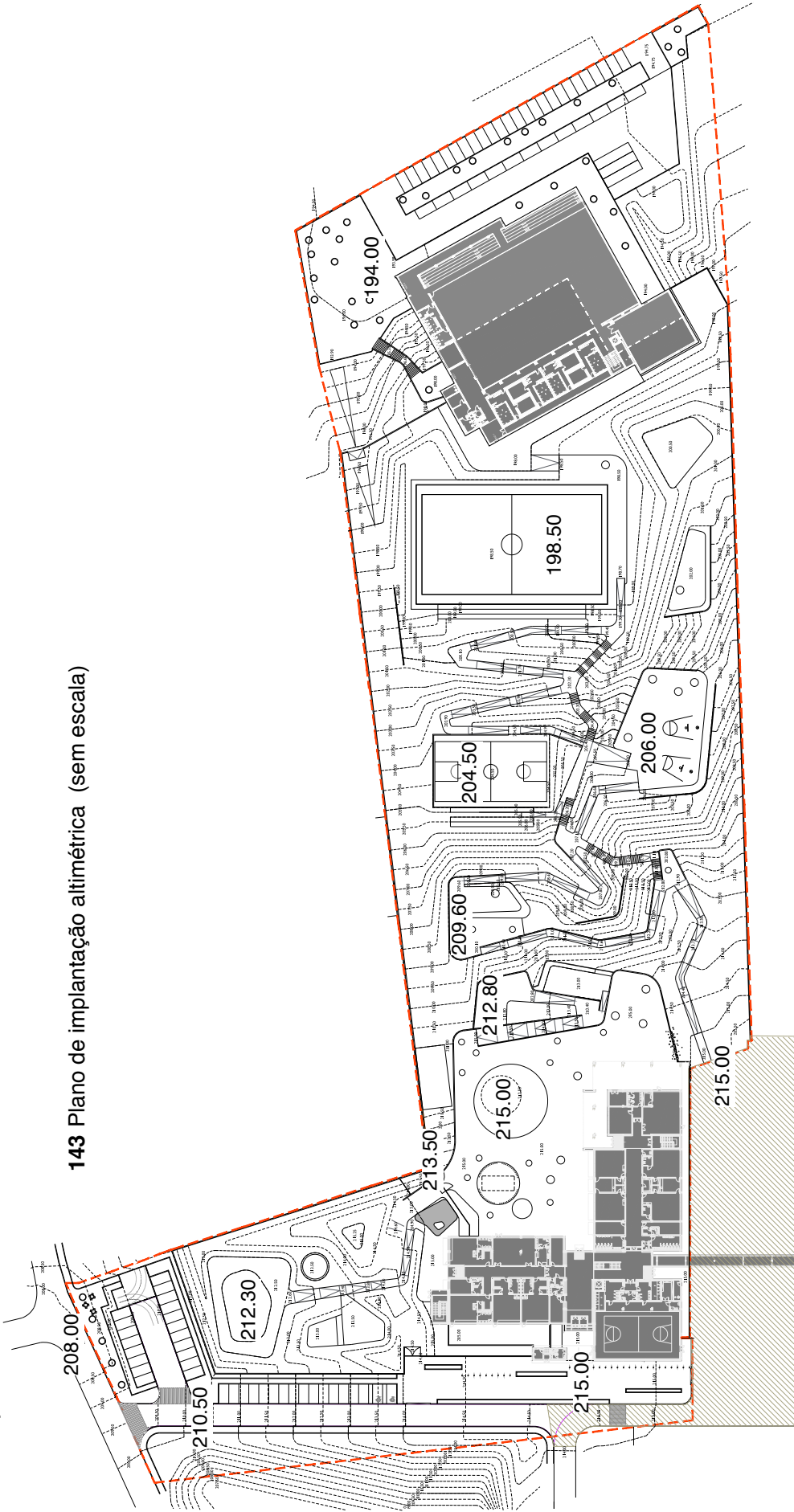
139. Levantamento topográfico (sem escala)

A modelação altimétrica do terreno desenvolve-se na procura de soluções que não recorram a estruturas de contenção de terreno ao longo dos limites. No interior do espaço, por outro lado, criam-se estruturas de contenção, para a criação dos percursos pedonais e de plataformas favoráveis à implantação dos vários equipamentos.



142. Plano Geral (sem escala)

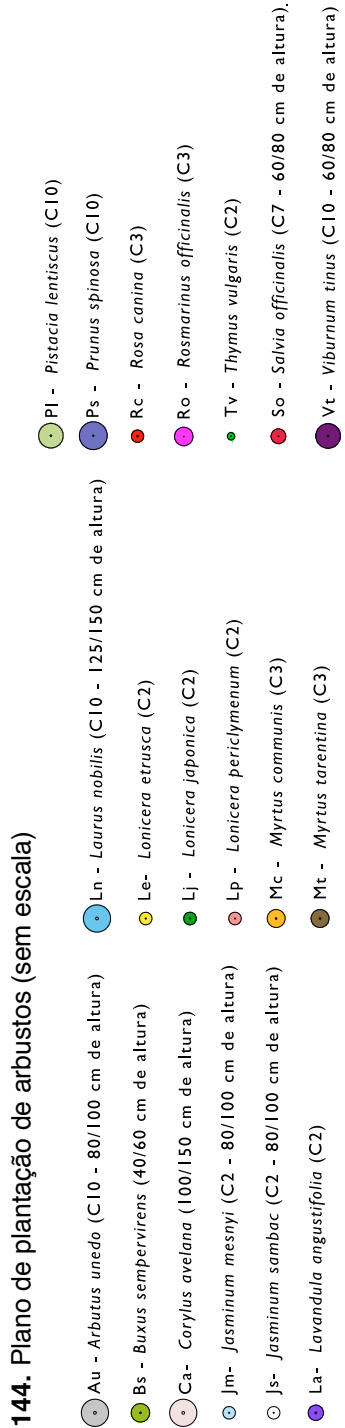




143 Plano de implantação altimétrica (sem escala)

À modelação do terreno que cria encostas, festos e talvegues, associa-se a plantação de espécies vegetais arbóreas e arbustivas, de elenco maioritariamente mediterrânico e superfícies revestidas de prado. O revestimento vegetal, será essencial para a protecção contra a potencial erosão do escoamento superficial ao longo das zonas verdes.

144. Plano de plantação de arbustos (sem escala)



4.11. MODERNIZAÇÃO DA ESCOLA PINTOR ALMADA NEGREIROS

2010/...	data
Parque Escolar, SA	cliente
Charneca, Lisboa, Portugal	localização
11.456,00 m²	área
Frederico Soares e Rita Pacheco	autoria
Catarina Bettencourt e Mafalda Jácome	colaboração
Estudo Prévio Execução	fase de projecto
Arq. Luís Pacheco + Gima	arquitectura

A Escola Pintor Almada Negreiros localiza-se no bairro da Charneca do Lumiar. O lote é rectangular e estreito, com uma variação altimétrica entre topos de aproximadamente 8 metros.

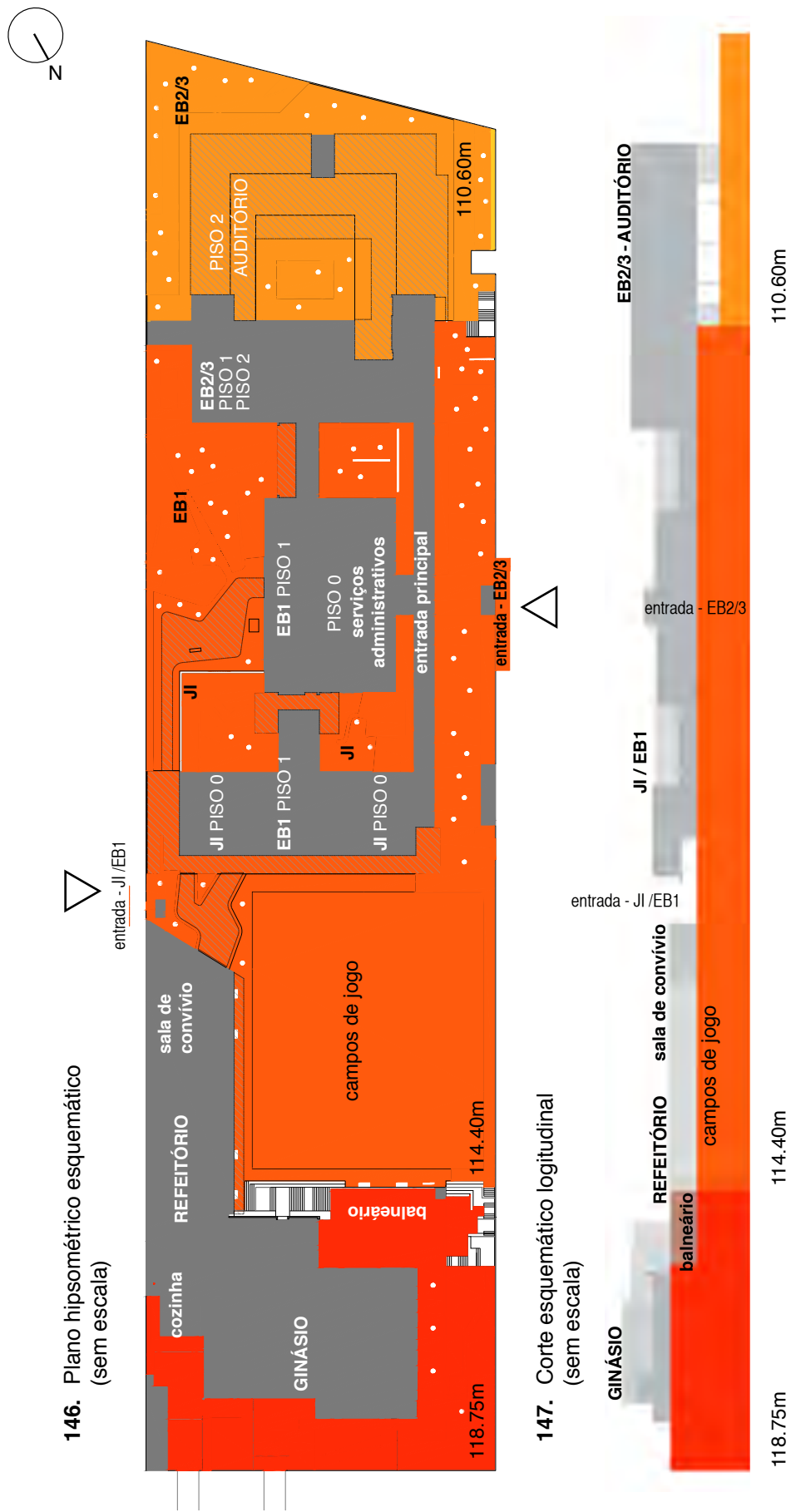


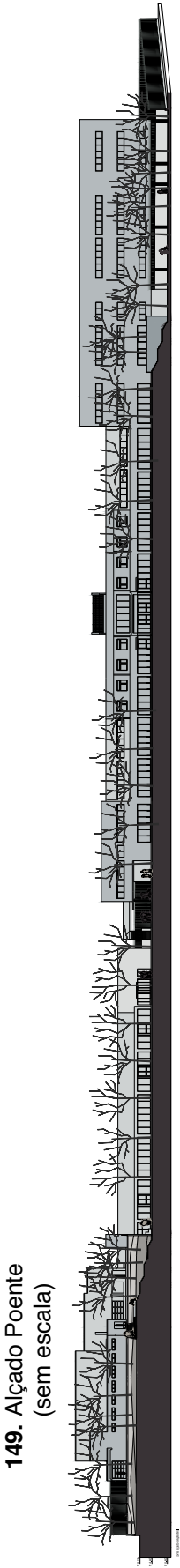
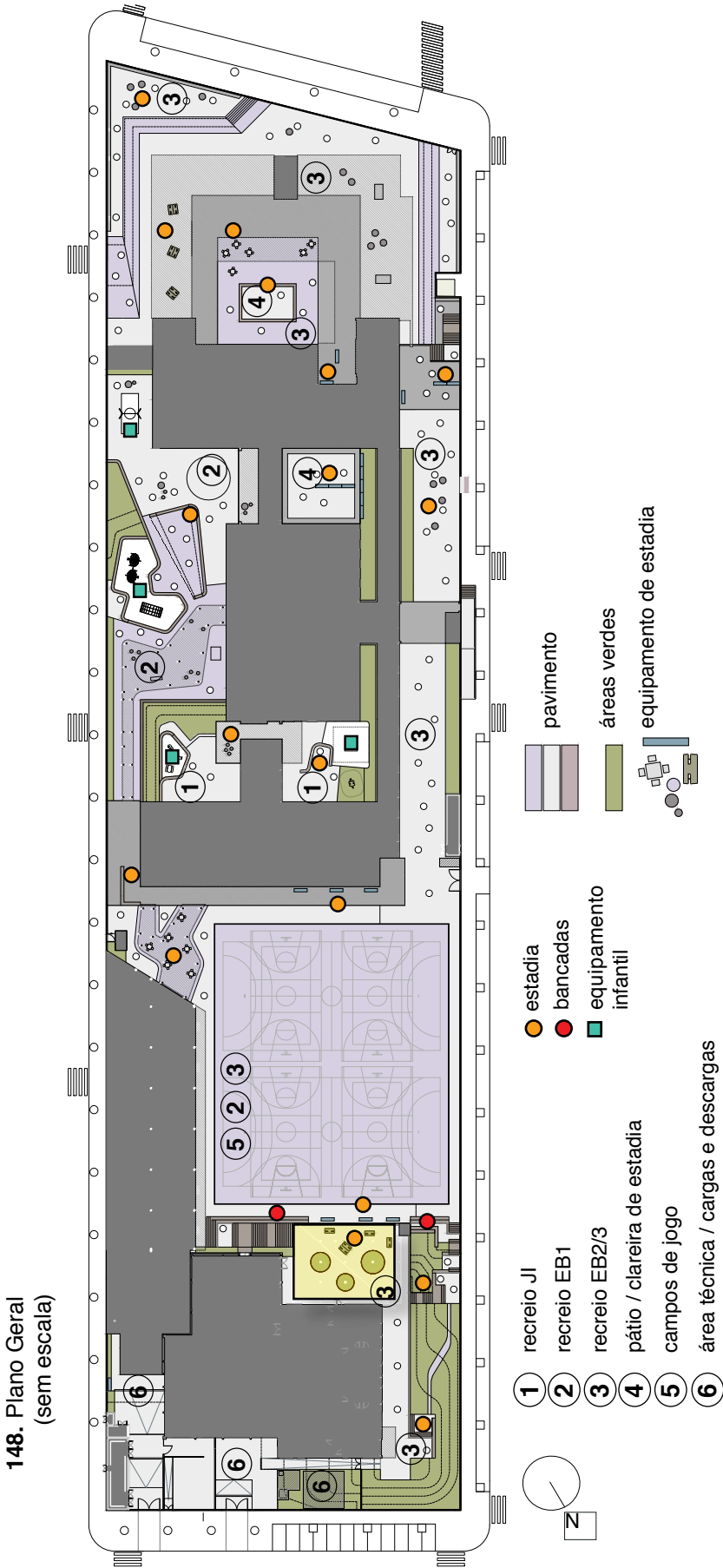
145. Vista aérea - aeroporto de Lisboa, localização da área de intervenção.

Haverá uma reestruturação do bloco principal e a sua ampliação para Sul; a requalificação do Ginásio existente, a construção de balneários para os campos de jogo exteriores e a criação de um novo bloco para o Refeitório e Sala de convívio.

Pode dizer-se que o recreio escolar é estruturado em três plataformas altimétricas, variando umas das outras aproximadamente um piso.

A Norte acede-se ao ginásio num plano à cota 118.75m, numa plataforma central à cota 114.40m estão implantados o Edifício Principal, o Refeitório, a Sala de convívio e os Campos de Jogos e a Sul no Bloco A.





Os campos de jogos na plataforma central são reconstruídos e requalificados, tirando-se partido da diferença de cota entre plataformas, os balneários têm uma relação directa e de nível com os campos através do alçado virado a Sul.

Sobre a cobertura dos balneários, cria-se uma área de estadia com 3 caldeiras, que se relaciona pelo exterior com o Ginásio, através de elevador e com o Refeitório através de escadas.

São criadas 2 entradas distintas, uma a nascente associada ao JI e à EB1 e outra do lado oposto, a poente, que será a entrada principal de acesso à EB 2,3. A partir dos portões de entrada desenvolvem-se circulações sob cobertura entre os vários blocos que constituem a escola.

O corpo da EB2/3 a Sul, desenvolve-se sobre pilares libertando espaço para recreio coberto. Em toda esta área o acesso é feito à cota 109.60m através de escadas e/ou por um elevador.

Este espaço caracteriza-se por conter um vazio central, que cria uma sensação semelhante à de um pátio, como se de uma clareira se tratasse. Nesta centralidade luminosa propõe-se uma zona de estadia contínua, ao redor de uma plataforma sobrelevada 0.45m, acompanhada por um conjunto de *Cercis siliquastrum 'alba'* dispersas, trazendo identidade ao lugar.

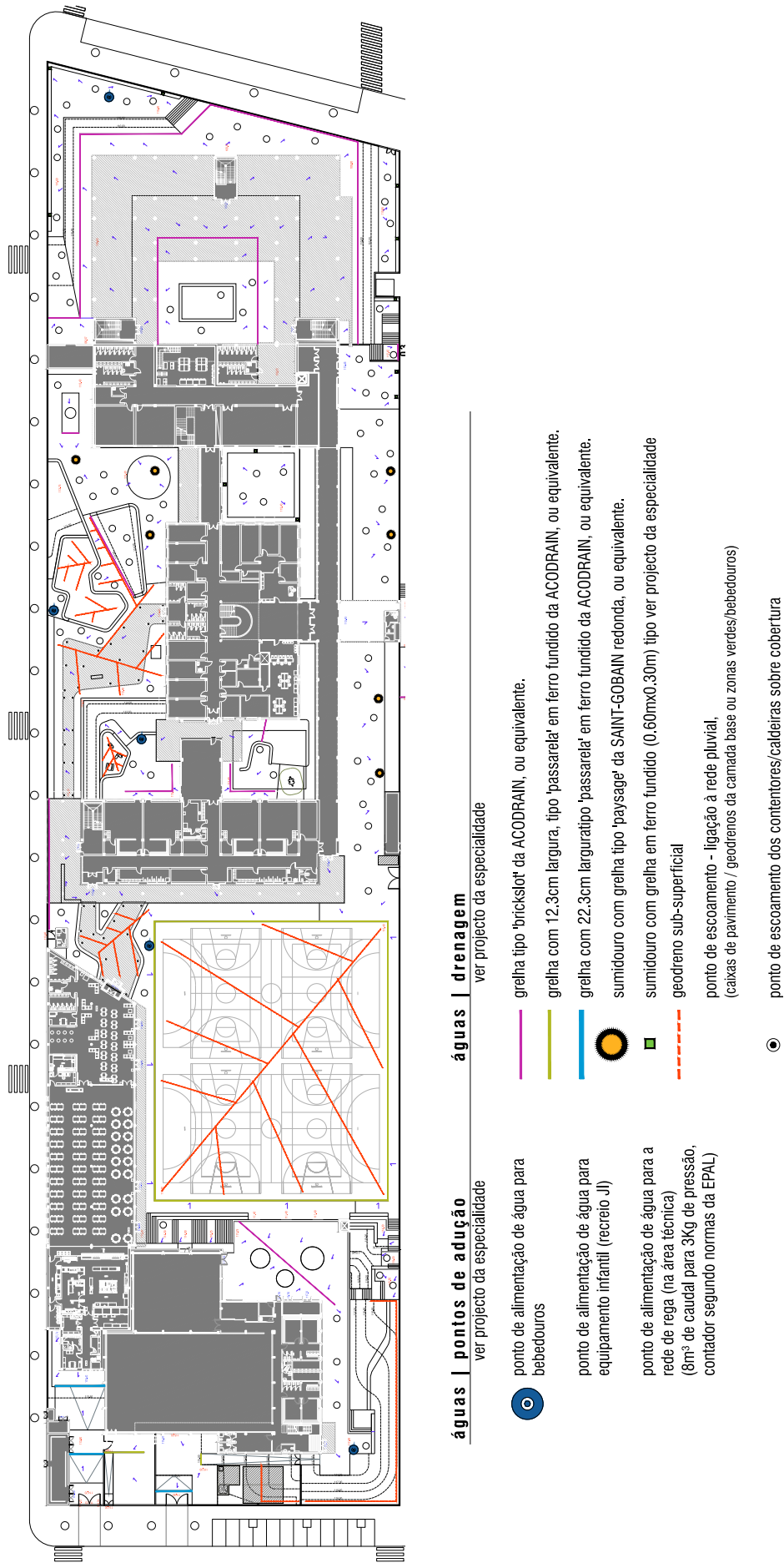
Aos recreios do Jardim-de-Infância e 1º ciclo são atribuídas áreas independentes de recreio, definidas pela arquitectura do edifício e por e canteiros que delimitam áreas verdes entre os alunos do Jardim-de-Infância e do 1º ciclo.

Em toda a extensão do espaço de recreio da EB 2,3 existem pontos de estadia ou recreio que se associam às funções programáticas adjacentes.

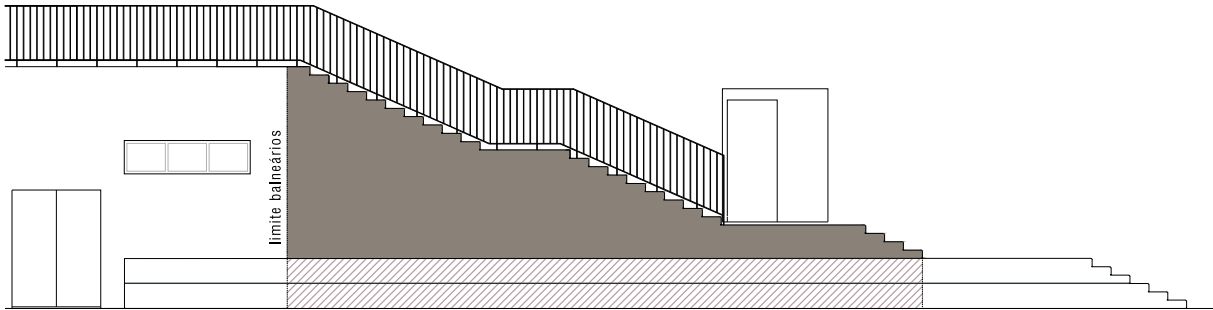
Os espaços verdes são reduzidos à função enquadramento, e principalmente através de árvores em caldeiras, espalhadas um pouco por todo o espaço exterior. Os taludes estão revestidos com prado florido de baixa manutenção e apontamentos arbustivos muito resistentes. O sistema de rega é automatico.

Finalmente a Norte do Ginásio, desenvolve-se uma área técnica que está vedada aos alunos e que oferece acesso à cozinha, para cargas e descargas, e ao estacionamento existente sob o Ginásio.

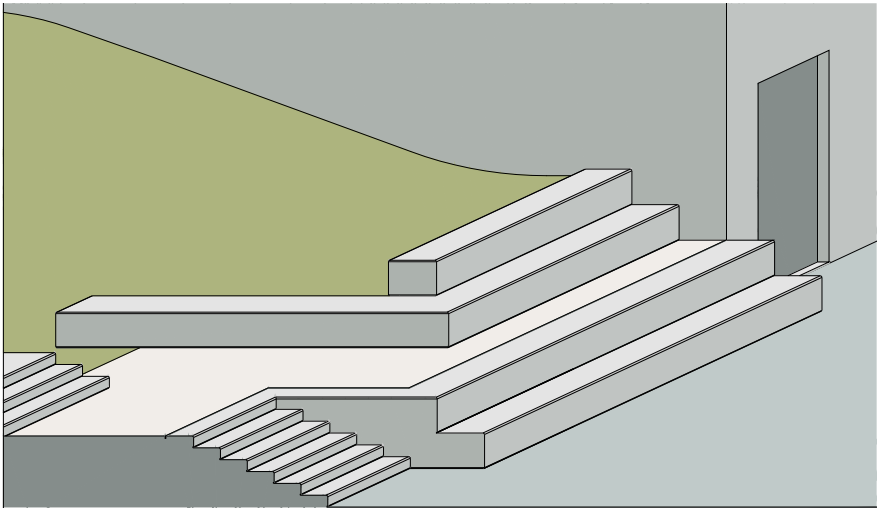
150. Plano esquemático de águas - drenagem e adução (sem escala)



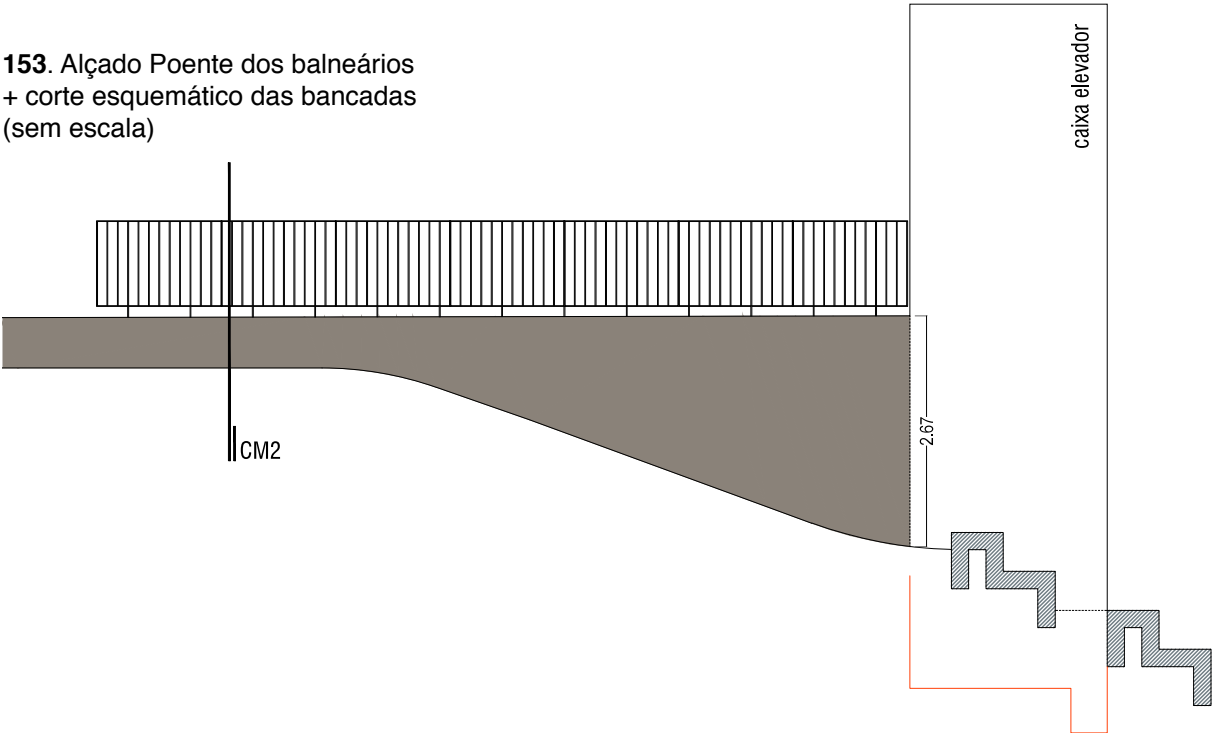
151. Alçado das bancadas a Nascente dos balneários + escadas de acesso à laje de cobertura, em direcção à entrada do Ginásio (sem escala)



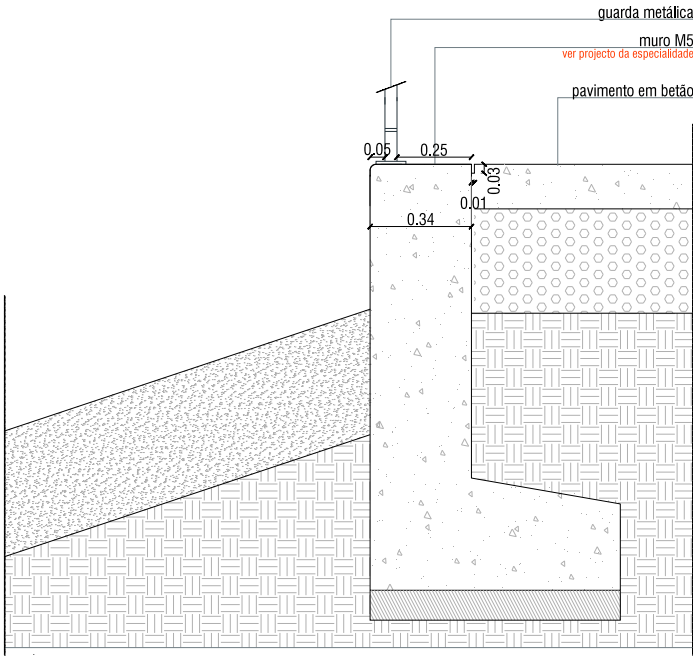
152. Isometria das bancadas a Poente dos balneários



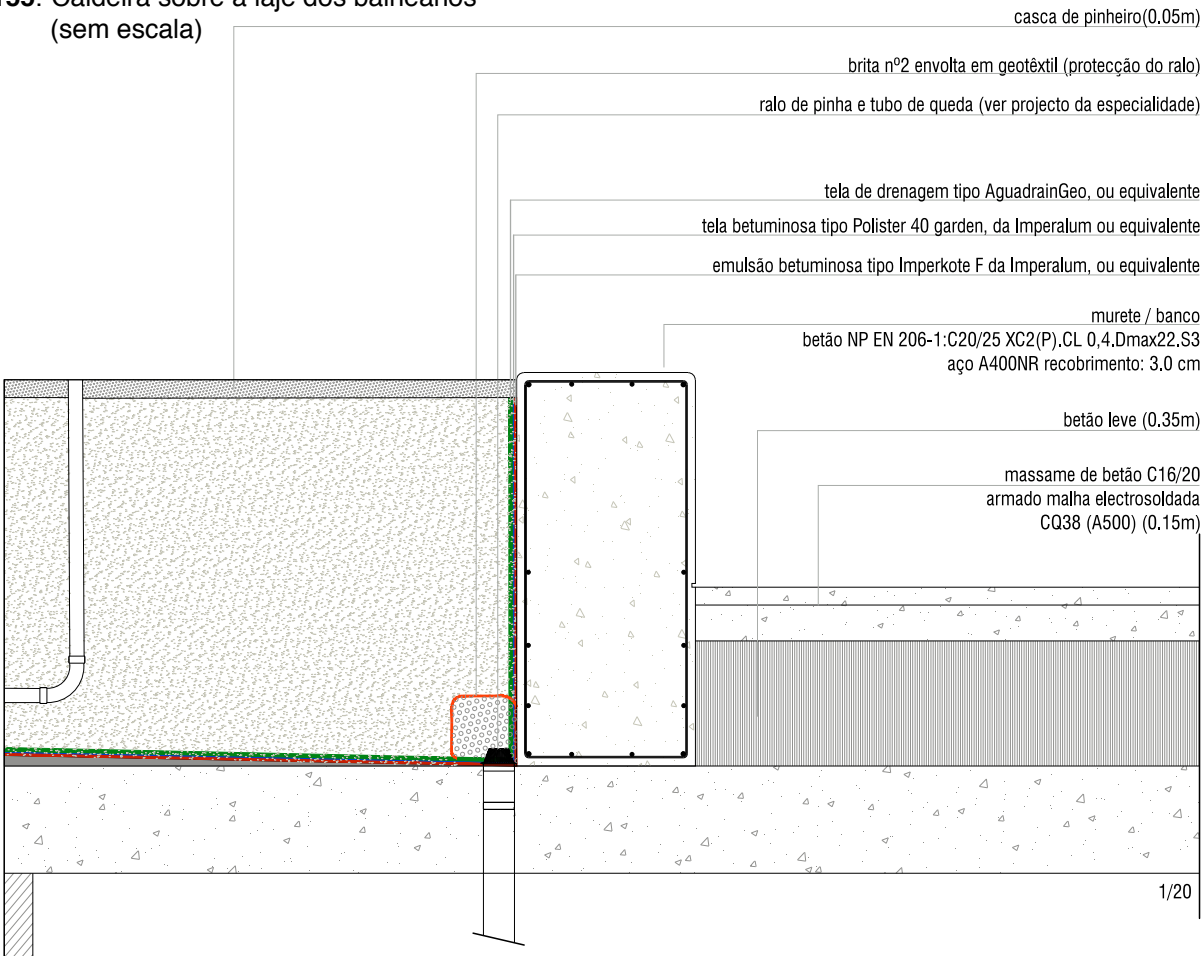
153. Alçado Poente dos balneários + corte esquemático das bancadas (sem escala)



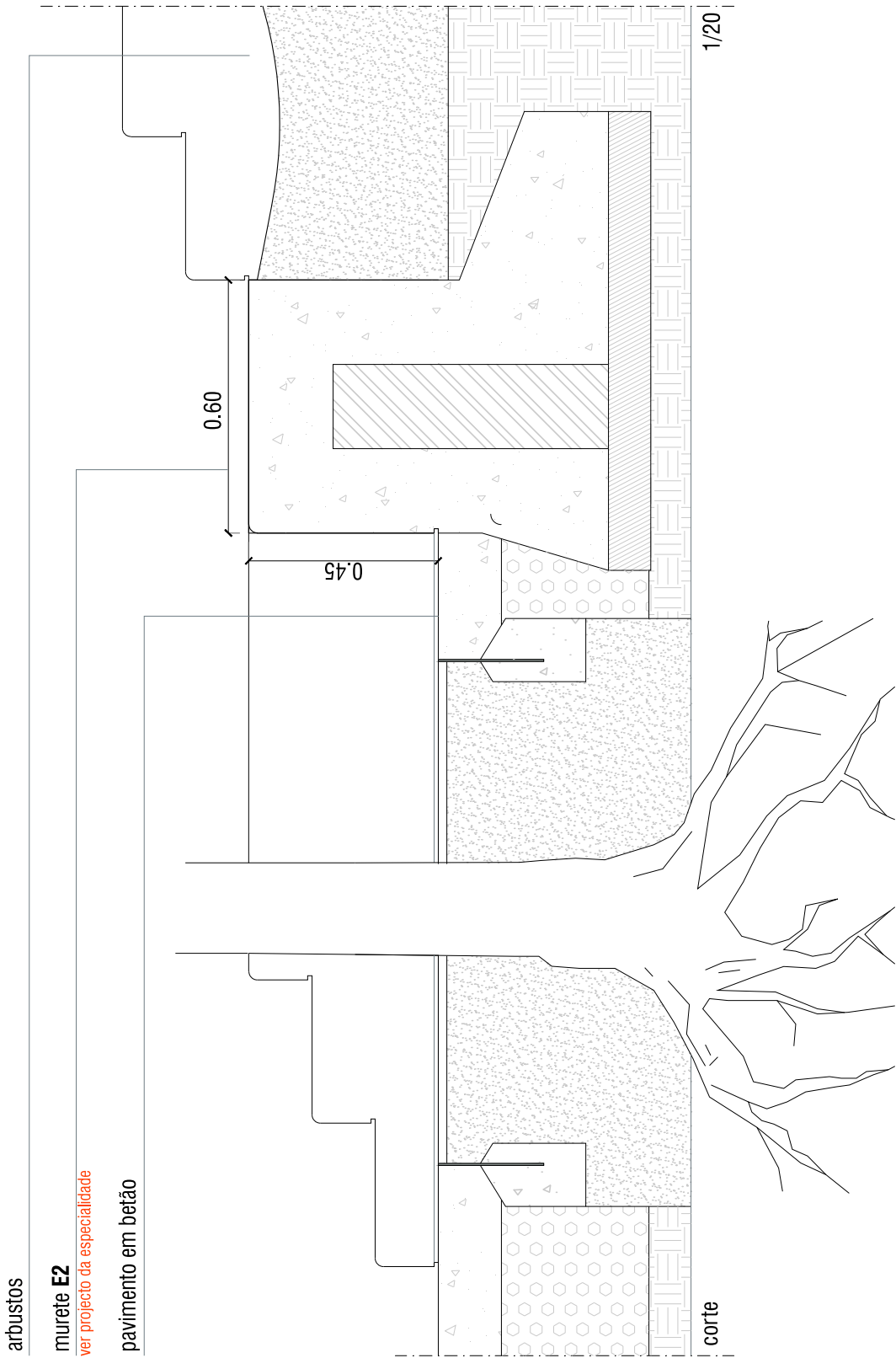
154. Zona verde | Muro em betão | pavimento em betão (sem escala)



155. Caldeira sobre a laje dos balneários (sem escala)



156. Caldeira | murete banco | zona verde (sem escala)



4.12. CENTRO DE SAÚDE DE CARNIDE

2010/...	data
ARSLVT, IP	cliente
Carnide, Lisboa, Portugal	localização
0.00,00 m²	área
Frederico Soares e Rita Pacheco	autoria
Catarina Bettencourt e Verónica Almeida	colaboração
Estudo Prévio Licenciamento Execução	fase de projecto
ARIPA Ilídio Pelicano Arquitectos, Lda	arquitectura

A proposta para o espaço exterior do Centro de Saúde de Carnide, assume-se como extensão do espaço público em que se insere, criando áreas de estadia e organizando os acessos ao novo edifício.

O novo Centro de Saúde enquadra-se no tecido urbano envolvente a partir de um frondoso alinhamento de Tipuanas existente a Sul, que se desenvolve ao longo da estrada da Correia, e que existe desde o cruzamento com a Av. Cidade de Praga.



157. Localização da área de intervenção - fotografia aérea (sem escala)

Alia-se o papel do tempo à permanência de uma imagem particular, configurada pelo porte destas árvores. A escala do tecido urbano envolvente é feita de arruamentos que relacionam centralidades da cidade (Carnide e Pontinha) onde o automóvel predomina. No entanto os equipamentos vizinhos: Palácio da Quinta do Bom Nome (ISLA), Teatro Armando Cortês; Casa do Artista, Estação de Metro da Pontinha, enunciam a presença do peão.



158. Alinhamento de Tipuanas

O espaço pedonal centra-se na entrada principal, criando uma praça em calçada com alguns pontos de estadia. O muro, que nasce da boca de entrada do edifício, remata a praça e contém o movimento e ruído da Estrada da Correia.

Consideram-se dois percursos principais: o acesso dos futuros utentes e o acesso dos funcionários pelas traseiras do edifício, existindo pontos de estadia, associados a estes fluxos.

A área adjacente a este equipamento considera o peão como o principal agente.

A necessidade de garantir acesso a cargas e descargas e ao estacionamento das viaturas, é cumprido através de um arruamento a Norte e pelas bolsas de estacionamento a Poente, que incluem a definição de uma faixa de lugares com acesso directo pela Estrada da Pontinha, maximizando a capacidade de paragem.

As manchas verdes são pontuadas com Bétulas, espécie de copa permeável e caduca, que enquadra os alçados Poente e Nascente e que garante, em simultâneo, que a luz penetre no interior do edifício.

A Nascente existe um acesso para os funcionários que se desenvolve em escadas até ao primeiro piso. A faixa verde funciona como enquadramento, verde com o lote vizinho da Casa do Artista.

A Poente, junto ao arruamento e no seguimento do referido alinhamento arbóreo, define-se um novo faixa com árvores da mesma espécie - *Tipuana tipu*.

O pavimento proposto é em calçada de vidro.

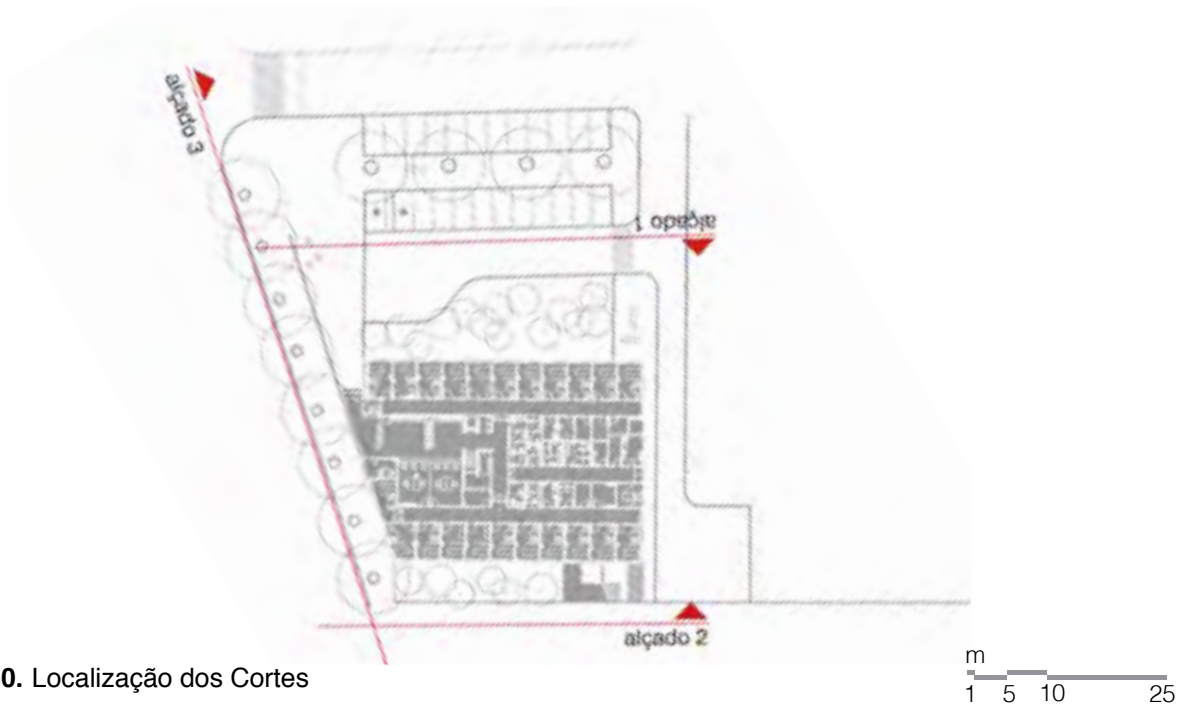
Os bancos são pré-fabricados, definidos com resistência adequada ao espaço público, assim como as papeleiras. Propõe-se ainda um estacionamento para bicicletas em conformidade com os percursos de ciclovias das imediações.

159. Plano Geral



- ① entrada dos utentes
- ② entrada de serviço (PISO 1 - através de escadas metálicas)
- ③ estacionamento
- ④ estadia
- ⑤ área técnica / cargas e descargas

- bancos
- estacionamento bicicletas
- papeleira
- prado
- árvore proposta
- árvore existente a proteger (Estrada da Correia)



160. Localização dos Cortes



160a. Alçado 1



160b. Alçado 2



160c. Alçado 3

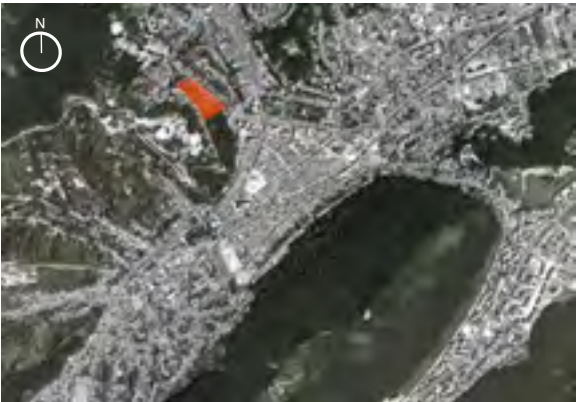
4.13 REQUALIFICAÇÃO do PARQUE LIVADA POSTEI

	2011/...	data
Schaeffler Romania + Câmara Municipal de Brasov		cliente
Braşov, Romania		localização
2,7 ha		área
Stefan Zaharia		coordenação
Stefan Zaharia, Frederico Soares e Rita Pacheco		autoria
Liliana Pimentel, Cornelia Zaharia e António de Magalhães Carvalho		colaboração
Concurso Internacional (1.º lugar) Estudo Prévio		fase de projecto
Stefan Zaharia		arquitectura

Na Roménia, na região da Transsilvânia, a Norte dos Cárpatos Meridionais, está implantada a cidade de Brasov numa das regiões desta Cordilheira,também designada de “Alpes da Transilvânia”.



161. Relevo da Roménia, um terço da área deste país é ocupada pelos Cárpatos, Brasov fica quase no centro do país.



162. O centro histórico de Brasov fica encaixado num Vale e na base de uma escosta a Poente deste está indicada a área de intervenção.

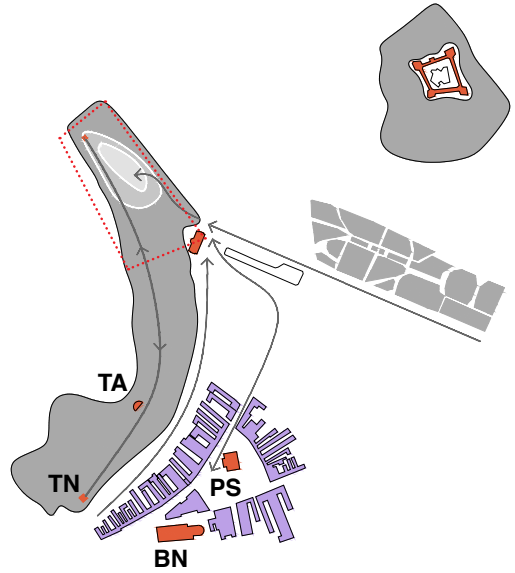
Na idade média Brasov foi uma das principais fortalezas da Transilvânia, protegida com paredes de quase 2m de espessura e com 3km de extensão, cuja construção começou no séc.XIV. A cidadela de Brasov estava também cercada por uma rede de valas, cheias de água que deveriam defendê-la.

Entre as fortificações de defesa localizadas fora das muralhas, da antiga Brasov, podem hoje ver-se a “Turnul Alb” (TA séc.XV) e a “Turnul Negru” (TN séc.XV), que eram torres de observação a partir de onde as acções do inimigo eram controladas.



163. Mancha verde, numa pequena encosta adjacente ao centro histórico

164. Esquema de relações
Identificação dos percursos de acesso.



A área de intervenção, delimitada a vermelho,está localizada na extrema de uma encosta verde, a Poente do centro histórico. Nesta íngreme encosta estão implantadas as referidas torres. O centro histórico está simbolicamente representado pela principal praça da “cidade medieval” - Piața Sfatului (PS), ao lado da grande Basílica Gótica “Biserica Neagră” (BN), na base da área de intervenção existe um edifício que alberga uma Biblioteca (B).



165. Fotografia da zona Medieval de Brasov. Podem localizar-se os edifícios referidos e a área de intervenção

A área encontra-se numa posição de centralidade, perto do centro histórico e com um relacionamento contíguo com o ambiente natural e histórico, da floresta e das antigas fortificações.

Para suporte deste carácter duplo, da força do meio natural e do ritmo urbano, define-se um programa simples para a sustentabilidade cultural, social e econômica do espaço: uma **Clareira** associada a **equipamentos estratégicos** com **acesos e circulações garantidas**.

O parque está estruturalmente dividido em três camadas, que correspondem a sucessivos níveis de penetração no espaço volumétrico, definido a partir da densidade de pantação-das árvores e arbustos, que será maior na camada exterior até ao encontro do vazio central da clareira.

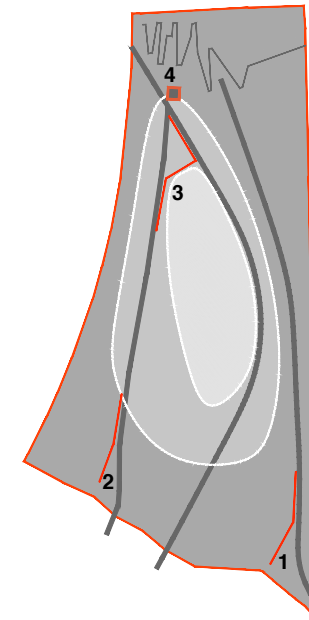
A proposta cria um “vazio verde e orgânico” em contraste com o “vazio cinzento e inerte” existente na Piața Sfatului.

A situação topográfica, com uma inclinação íngreme, é manipulada ligeiramente, para suavizar a zona de clareira.

O acesso ao espaço é possível através de dois caminhos existentes na encosta verde, ou através do tecido urbano às cotas mais baixas da área de intervenção.

166. Esquema conceptual

Clareira	(branco)
Circulação	(preto)
Equipamentos	(1, 2, 3 e 4)



167a. Plano Geral

- 1

Entrada principal no parque - Café
- 2

Galeria de arte | centro de educação ambiental
- 3

Mirante | Pavilhão de chá
- 4

Torre Schaeffler
- 5

Clareira
- 6

Espaço de jogo e recreio | Equipa-
mento Infantil / tabela de basquetebol/
no inverno patinagem no gelo.
- 7

Espelho de água
- 8

Canal de água

- A

Percurso pedonal em pedra
- A1

caminho de pé posto - acesso à galeria
- A2

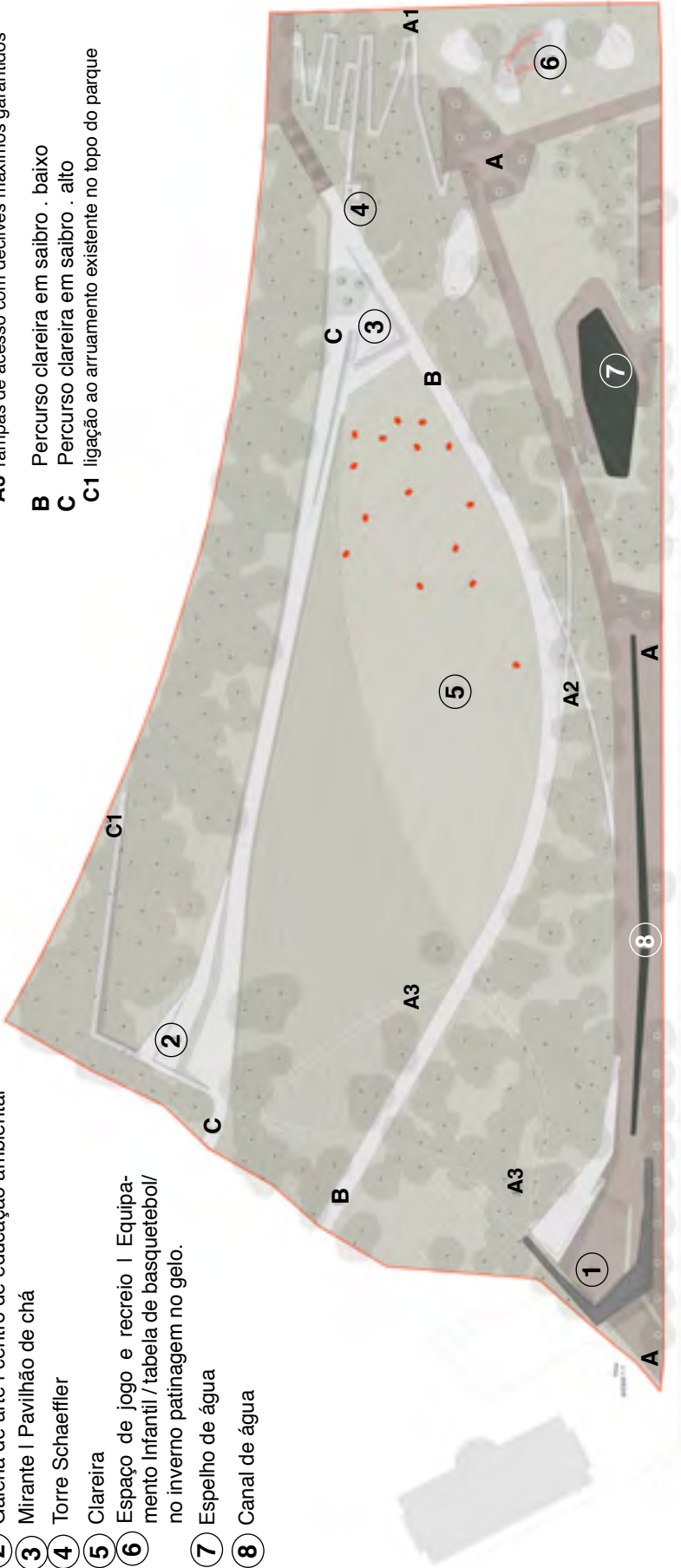
ligação entre os caminhos A e B
- A3

rampas de acesso com declives máximos garantidos
- B

Percurso clareira em saibro . baixo
- C

Percurso clareira em saibro . alto
- C1

ligação ao arruamento existente no topo do parque



167b. Corte - Alçado longitudinal (sem escala)



168. Vista da Clareira.
Pavilhão de Chá/Mirante e Torre Sheaffler à direita em cima,
Galeria/ ATL à esquerda em cima.



169. Sofá - Trenó
Verão - Inverno

A clareira 5 está associada a um espaço lúdico, com “banhos de Sol “ no Verão e áreas contínuas de neve, para descer com trenós, no Inverno. É um espaço onde podem acontecer eventos e para onde é proposto um mobiliário flexível, que serve as duas estações.

No canto sudeste do Parque é materializada uma Porta, através de uma estrutura leve e suspensa, que simbolicamente abraça a entrada. Aqui propõe-se o primeiro equipamento construído, um **Café**, com esplanada na área adjacente, que marca um ponto de encontro, descanso e orientação para a visita ao parque 1.

Esta construção está encaixada e adaptada ao terreno, man-
tendo as árvores que existem um pouco acima na encosta.

Deste ponto pode seguir-se ao longo do canal de água 8, pelo percurso pedonal A, ou a subir, pela própria rampa, atallhando por um caminho de pé posto A3 em direcção às cotas mais altas do parque, à esquerda, na direcção da **Galeria/ATL** 2.

O percurso A desenvolve-se nas cotas inferiores do espaço, em direcção ao **Espelho de água** e à zona com **equipamento Infantil**.



170. Vista da Cafeteria e entrada principal do Parque Livada Postei,
no ponto mais baixo e mais próximo do acesso pela cidade.
Estrutura de acesso ao percurso A3, em rampa, que abraça esta zona de entrada.

171. Mirante, Pavilhão de chá, Torre Schaeffler e remate superior do caminho C com zona de estada contínua.

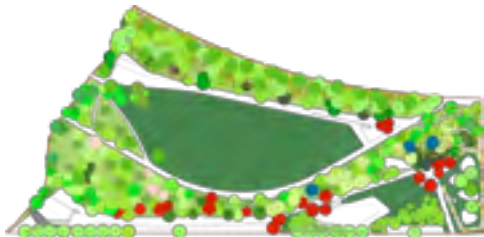


Nesta área lúdica, existe uma área com uma **tabela de basquetebol** e um local de estadia e apartir de onde rampas em deck de madeira, com os declives máximos garantidos, oferecem um acesso generalizado às cotas superiores do parque **A¹**.

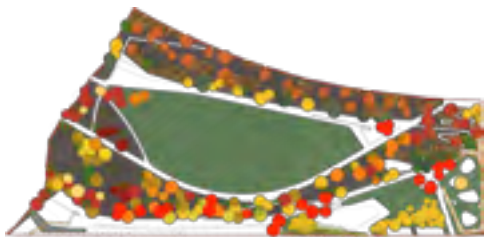
O percurso C, por cima da clareira, vindo das Torres vizinhas desenvolve-se em direcção a uma terceira Torre, que representa o Promotor e guardião deste espaço requalificado - a **Torre Schaeffler** **(4)**.

No espaço imediato, define-se um **Mirante**, com vista privilegiada sobre a clareira e a cidade ao longe, **na cobertura de um Pavilhão de chá** (e local onde se poderá requisitar o equipamento móvel existente para a Clareira) **(3)**.

Esta Paisagem naturalizada, depende de uma estratégia de controle da ocupação do espaço pelo homem sendo portanto é uma natureza domesticada, mas que se pretende manipular expondo a narrativa das estações do ano (ver esquemas adjacentes que sugerem a dinâmica ao longo do ano).



172. Primavera - Verão



173. Outono



174. Inverno



175. Galeria/ATL e Escadas de ligação ao caminho **C1** . Acesso vindo do caminho que vem das Torres Medievais. Ao fundo avista-se, em aço-corten, a Torre Schaeffler - proposta que representa o Promotor como o “guardião da requalificação do espaço”.



176. Espelho de água, no primeiro plano, relvado de estadia por trás e ao fundo, no canto da imagem a Torre Schaeffler.

Propõe-se um canal com água com circulação permanente a partir de um sistema de bombagem. Pretende-se que o som da água crie uma barreira sonora contra o o ruído do arruamento adjacente. Cria-se ainda um espelho de água que desempenha um papel refrescante no Verão e que se transforma num ringue de patinagem no Inverno.

O espaço de jogo e recreio infantil está implantado em modelações com forma orgânica em que se propõem equipamentos específicos nas bolsas definidas. Uma mancha arbustiva densa, separa o espaço do arruamento e da envolvente, limitando ao acesso a um ponto, controlando assim a entrada e saída de crianças. Esta área está servida por rampas com 6% de inclinação, que proporcionam uma boa acessibilidade para as crianças e para os avós.

Numa cota ligeiramente superior, no meio das árvores, existe uma área equipada com uma tabela de basquetebol para os jovens.



177. Espaço de jogo e recreio infantil, em bolsas topográficas com acesso controlado.

5 BREVE REFLEXÃO

O “espírito da época” está actualmente moldado sobre a ilusão de que a qualidade de vida pode ser medida pelos actuais sistemas económico e monetário.

Existe uma premissa, nestes sistemas, de que o crescimento pode ser infinito. Como sabemos, através do estudo da vida na Terra, todos os sistemas naturais e orgânicos devem a sua estabilidade a um equilíbrio frágil, dinâmico e em constante mutação.

A sobrevivência da vida na terra dependerá, em grande medida, da consciência que formos conquistando sobre a complexidade e riqueza das limitações que este Mundo oferece. Hoje existem indícios de estarmos a explorar os recursos naturais e os processos orgânicos a uma taxa equivalente a 10 planetas Terra.

O Modo de Vida, como o conhecemos, terá que se transformar para ir de encontro a um conceito, que se tem vindo a revelar ser, primário para a frágil manutenção dos sistemas orgânicos que suportam a Vida - a Sustentabilidade.

Uma questão que se põe é, como poderá evoluir o processo de construção e materialização de espaço de forma a aproximar-se dos movimentos e práticas que se sucedem no Espaço ao longo do Tempo?

Um projecto é desenvolvido com base num programa, que se define em função de determinado contexto em certo momento e com o objectivo de se materializar num espaço para servir determinados fins.

O último objectivo, de todo este processo, será assim o que se designou de “fins”. Ora, os fins, que à partida foram determinados no programa, variam consoante a situação, no entanto uma generalização que será possível referir, talvez seja a de que se tratam sempre de dinâmicas ou processos, que vão variando o seu comportamento ao longo do Tempo.

À escala do sistema Solar, a Vida no planeta Terra poderá extinguir-se sem que essa possibilidade comporte, em si, a extinção do Tempo.

O Tempo é um factor que além de se revelar determinante sobre o Espaço, contem em si uma característica, que o distingue, que é poder ser considerado Infinito.

Tomando esta premissa como verdadeira, como é que o processo de construção de espaço, hoje, absorve esta ideia: o tempo actua continuamente, sobre o espaço?

Ora, hoje começamos por determinar objectivos e um programa, desenvolvendo ideias em propostas, definindo programas, estudos e todas as etapas que levam à compilação de um conjunto de peças escritas e desenhadas designadas Projecto de Execução, que irão permitir e conduzir as acções que levam à materialização do espaço.

Projecto PARA Executar a OBRA, é o nome que se poderia dar aos documentos que a empresa construtora - o Empreiteiro, desenvolve antes mesmo de começar a obra propriamente dita.

Existe portanto a necessidade, por parte de quem tem experiência em construir, em estudar e viabilizar o Projecto de Execução, levantando “Erros e Omissões” ao articulado de trabalhos previstos no projecto, definindo o faseamento de trabalhos e eventualmente identificando os desafios e obstáculos que a materialização do projecto implica.

Passada esta fase de “Preparação de Obra”, na qual se poderiam incluir eventualmente os primeiros trabalhos de montagem de vedação de Obra, Estaleiro e execução de trabalhos de protecção respeitantes a possíveis Medidas Cautelares, definidas no projecto, a Obra arranca formalmente.

A execução dos trabalhos desenvolve-se, regra geral, segundo uma lógica que vai de trabalhos mais pesados ou brutos, sucedidos sequencialmente no sentido de uma maior leveza, detalhe e fragilidade.

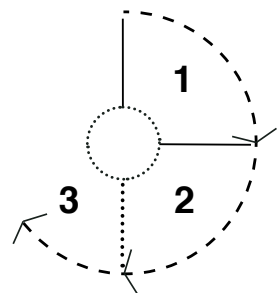
Geralmente, primeiro entram as máquinas para modelação do Terreno, desenvolvendo Aterros e Escavações e os Movimentos de Terra, associados à execução paralela de fundações, paredes e muros de contenção e outros elementos estruturais, que são comunmente executados “in situ”, ou acopladas e implantadas as peças pré-fabricadas. Posteriormente, a empreitada desmultiplica-se numa diversidade de trabalhos que garantem a implantação de todas as redes de Infra-estruturas (sistemas de entrada e saída) a seguir, são possivelmente implantados equipamentos e/ou mobiliários, antes ou depois da execução dos remates de pavimento e dos enchimentos para definir as cotas de projecto, eventualmente as espécies arbóreas poderão começar a ser implantadas, executam-se pavimentos mais uma série de trabalhos de acabamento, paralelamente à empreitada de zonas verdes, que entretanto terá provavelmente entrado em acção, desenvolvendo a preparação do terreno, as plantações e sementeiras.

Chegado será um momento em que a Obra está terminada, e em que se dá a “Recepção da Obra”. Momento que simboliza, na Teoria, um sucesso na materialização de todo um processo que exige seguir uma série de etapas e a participação de várias especialidades (disciplinas) para que se chegue ao produto final - um espaço CONCRETIZADO.

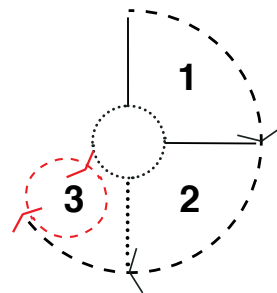
Nas fases temporais que se seguem, o “Processo” apenas parece considerar o envelhecimento da matéria física e a necessidade de manutenção dos materiais vivos. Considera-se assim que deverá existir um Manual de Manutenção, definido pelos projectistas, com eventuais indicações de fabricantes e fornecedores, que indique acções sazonais sobre necessidades e fragilidades que o espaço comporta à partida.

O seguinte esquema simplifica o processo descrito em 3 fases.

- 1. PROGRAMA PRELIMINAR >> PROJECTO EXECUÇÃO
- 2. PROJECTO EXECUÇÃO >> CONCRETIZAÇÃO
- 3. CONCRETIZAÇÃO > MANUTENÇÃO > MONITORIZAÇÃO



178a. Fases do processo I

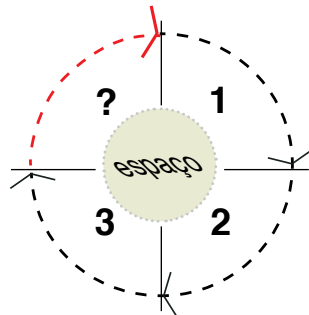


178b. Fases do processo I (a)

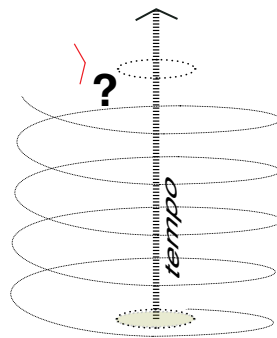
A partir deste momento, considera-se que o Espaço requiere manutenção como um reflexo da acção do Tempo e/ou do Uso, que implicam - Monitorizar.

Eventualmente existirão trabalhos de recuperação, tais como: Os ramos de uma árvore, que estão muito próximos da fachada, que poderão necessitar de uma poda de Manutenção ou um espaço que possa ter sofrido “actos de vandalismo”, que impliquem ter que se pintar ou trocar equipamentos, etc.

Considerando que o Tempo é contínuo e que o seu limite tende para o Infinito, não existirão outras questões que possam suceder com esta ampliação da escala temporal?



179a. Fases do processo II .
Espaço/Tempo no centro,
que implicações?



179b. Realidade contínua
Tempo/ Espaço no centro,
que implicações?

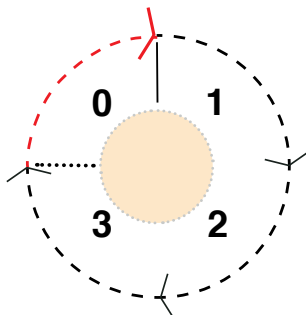
Imagine-se que o círculo é fechado, numa tentativa de nos aproximarmos da realidade contínua que caracteriza o Tempo.(figura 179b).

Futuramente, e este futuro pode não ser distante, as necessidades, usos e vivências que habitam, este mesmo local, podem necessitar de cenários e aproximações distintas daquelas criadas inicialmente.

Para reflectir sobre o **Processo de Concepção/Concretização/ Uso-Tempo no Espaço**, desenvolvem-se umas linhas a partir da experiência vivida.

Considero o *Jardim de Infância Nossa Sr.ª das Graças* (projecto 4.4 - página 30), é um caso que se destaca dos demais como um exemplo bem sucedido.

O espaço **CONCRETIZADO**, em termos muito genéricos pode considerar-se ser resultado de todas as etapas de um processo: a concepção (PROJECTO) > a construção (OBRA) > a monitorização (MANUTENÇÃO) > experiência (TEMPO e o USO) .



180. Fases do processo III

Quais as razões para consierar este um bom exemplo?

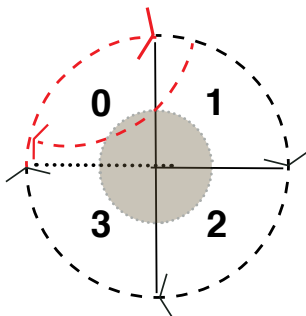
Após o Projecto desenvolvido e a Obra acabada, a concretização espacial conincide de forma satisfatória com os movimentos e práticas considerados nos objectivos/programa, que foram definidos inicialmente.

0. QUESTIONAR USO/TEMPO > OBJECTIVO > PROGRAMA

Este *espaço concretizado* dá, assim, sinais de facultar um suporte material para **movimentos e práticas espaciais próximas dos objectivos pretendidos**.

“... a *Arquitectura* não é uma estrutura determinista. Quer dizer, não determina os comportamentos. Favorece-os ou desfavorece-os mas nunca os determina, não é? E isso é que é bom. Quer dizer que as pessoas têm a liberdade de o fazer ou não fazer, não é?”

(Manuel Tainha in “Jugar con arquitectura, Propuesta de tesis doctoral” - Varela, Alexandra, Maio 2012, UPC, Barcelona)



181.Fases do processo IVa

Pode também acontecer que, após concretizado, um espaço se revele inadequado. Nesse caso apresentam 2 possibilidades:

Alteração do contexto ou existencia de falhas no referido Processo.

0. QUESTIONAR USO/TEMPO > OBJECTIVO > PROGRAMA

Na prática, o caso do Espaço público na Av. Estados Unidos da América (projecto 4.2 - página 19), exemplifica uma situação em que a materialização se considerou fiel ao programa/projecto e em que a execução da Obra se processou com rigor.

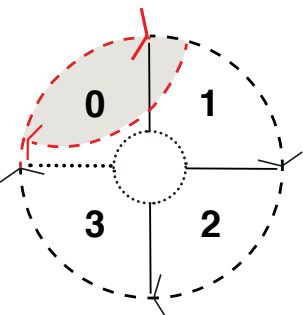
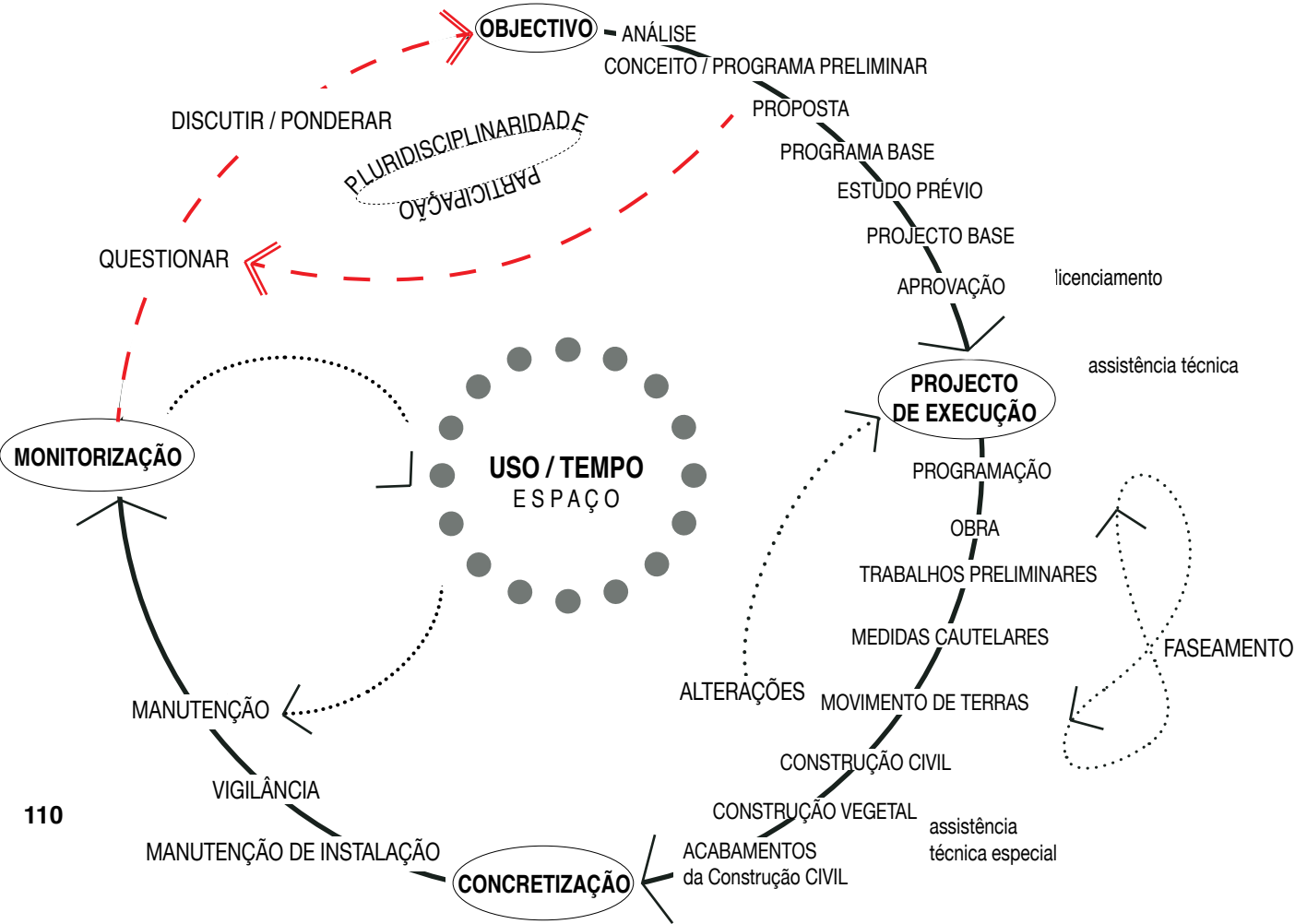
Não obstante, o uso do espaço tem revelado formas distintas de apropriação em relação ao previsto, imaginado. Tem existido a necessidade sazonal de recuperar o espaço, de actos de vandalismo, sendo clara, a meu ver, a necessidade de QUESTIONAR se a situação actual é ou não desejável e/ou não sustentável.

Existe a consciência de que o processo pode acontecer de formas distintas. Quais as características presentes, e que forma poderiam ter, para aproximar o processo de Construção de Espaço da maleabilidade que se perspectiva vir a ser imprescindível no Futuro?

O esquema que se apresenta de seguida é uma hipótese.
Um resumo esquemático de entender o referido processo.

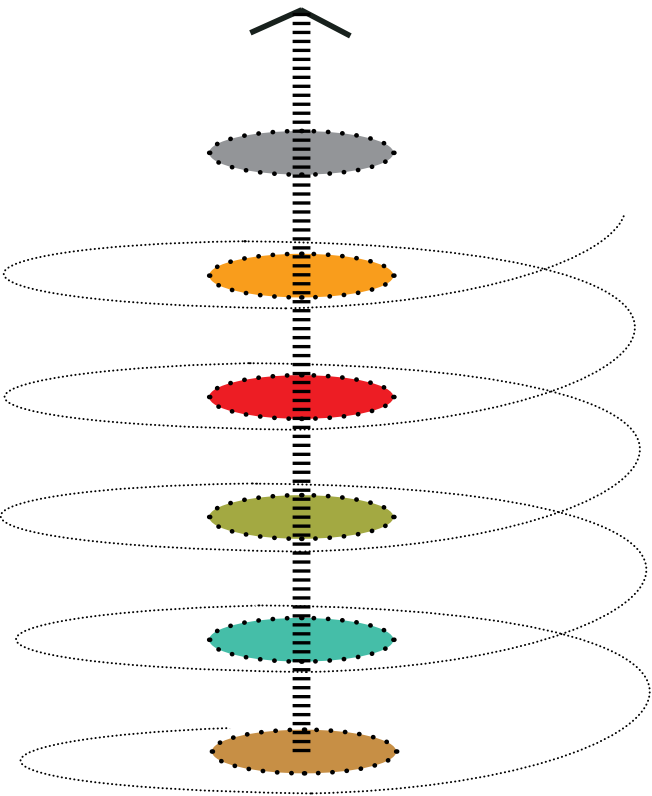
182 PROPOSTA

Esquema do processo de concepção, construção e monitorização do espaço
+ Fase de diálogo e questionamento (Início = Fim).
(importância da pluralidade e participação)



183.Fases do processo IVb

- 0. QUESTIONAR > OBJECTIVO > PROGRAMA
- 1. PROGRAMA BASE >> PROJECTO EXECUÇÃO
- 2. PROJECTO EXECUÇÃO >> CONCRETIZAÇÃO
- 3. CONCRETIZAÇÃO > MANUTENÇÃO > MONITORIZAÇÃO
- 0. QUESTIONAR > OBJECTIVO > PROGRAMA



184. USO / TEMPO - MUTABILIDADE DO ESPAÇO (muda de cor)
Acção do Tempo do Uso e dos Sistemas vivos no Espaço.
A apropriação espacial define o próprio ESPAÇO.

A apropriação ou o Uso, as necessidades ou mesmo os objectivos para o espaço, podem, ao longo do tempo, deixar de ser compatíveis com aqueles que estavam pensados à priori.

Pensar no processo de construção do espaço considerando o Tempo e a acção e interacção de sistemas vivos, orgânicos, culturais, sociais, ecológicos, etc. (que se caracterizam por serem dinâmicos e mutáveis), parece implicar a necessidade de criar estratégias e processos de construção espacial que garantam a Flexibilidade necessária.



185. O Espaço físico é o cenário, ou palco, da Vida e do Tempo.

6 BIBLIOGRAFIA

Alegre, Alexandra, co-autor, Parque Escolar; Liceus, Escolas Técnicas e Secundárias; Portugal, Ministério da Educação. Secretaria-Geral. Divisão de Documentação e Património Cultural, 1.a ed, Lisboa, Parque Escolar, 2012, 239p.

Fishel, Catharine, 401 design meditations, Rockport Publishers, Inc, Beverly, MA, 2005.

Hestnes Ferreira, Raúl, Raúl Hestnes Ferreira – Projectos – 1959 2002, Colecção Arquitectura – Monografias I, ASA Editores II, SA, Porto, 2002, 319p. ISBN.972-41-3172-6

Jorge, Marta, Estudo do Espaço de Jogo e Recreio - Objecto e Fenómeno de repetição, Relatório do trabalho de fim de curso, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 2009.

Neto, João, Dissertação Ensino de Arquitetura como Agente transformador da Prática Profissional, Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Pacheco, Rita, Interacção Espaço Interior-Espaço Exterior, Relatório do trabalho de fim de curso, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 2003.

Varela, Alexandra, Arquitectura y Juego Guarderia y Biblioteca en Vallila, de Juha Leiviskä, Universitat Politècnica de Catalunya, Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Departamento de Proyectos Arquitectónicos Máster en Teoría y Práctica del Proyecto de Arquitectura, Barcelona, 2010.

Zimmermann , Astrid (ED.), Constructing Landscape: Materials. Techniques, Structural Components (2.º edition), Birkhäuser, Basel, 2011.

Paginas da Internet, com informação consultada, consideradas relevantes:

Fritze, Carien, The Theory of Paulo Freire - <http://stclares.ca/pdfs/The%20Theory%20of%20Paulo%20Freire.pdf>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_de_sistemas

<http://www.oasejournal.nl/en/Issues>

<http://www.disenosocial.org/>

<http://www.ads.org.uk/about-us>

<http://www.thehighline.org/>